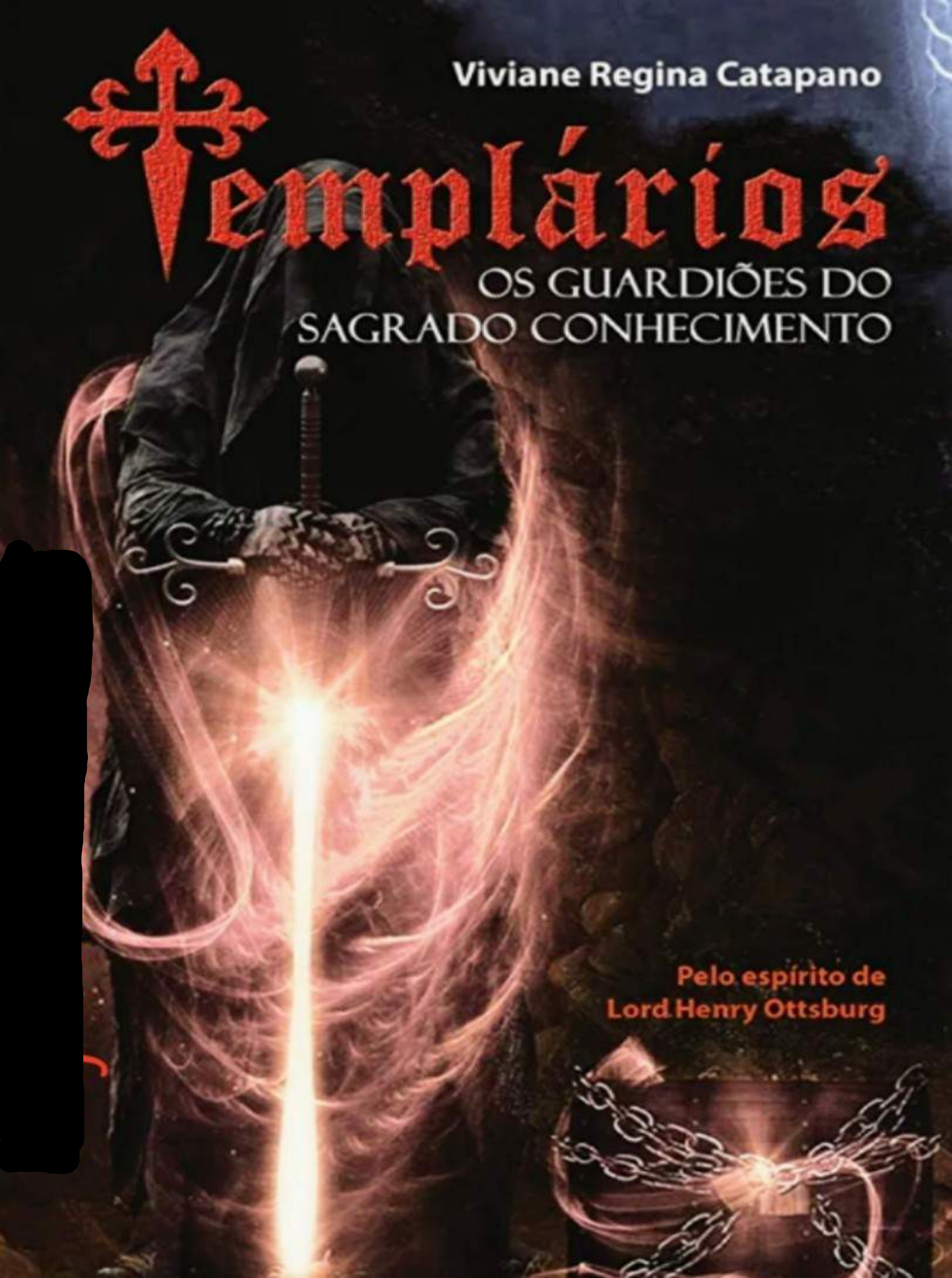
Viviane Regina Catapano

Templários

OS GUARDIÕES DO SAGRADO CONHECIMENTO



Pelo espírito de
Lord Henry Ottsburg

Templários

OS GUARDIÕES DO SAGRADO CONHECIMENTO

Viviane Regina Catapano

Pelo espírito de

Lord Henry Ottsburg

Nesta versão eletrônica, a numeração de algumas das páginas não segue rigorosamente a da versão impressa, pois as páginas em branco e as meramente ilustrativas foram removidas.

Editorial / Revisão / Diagramação:

Viviane Regina Catapano

Diagramação Capa:

Renata Cortez

Capa:

site pixabay

2016 - 1º Edição

Direitos autorais reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização do Autor.

(Lei 9.610/08)

Traduções somente com autorização por escrito do Autor.

Templários.

Destemidos monges guerreiros, soldados de Cristo.

Reconhecidos pela cruz vermelha de malta em seus mantos brancos em representação da pureza e devoção a Deus, tendo como símbolo um cavalo montado por dois cavaleiros.

Glorificados e amaldiçoados pela ganância dos homens.

Detinham a alma protegida pelo escudo da fé e o corpo físico protegido pela armadura de aço.

Sumário

Prefácio …..... 09

Parte I

O exército pessoal de Cristo

Capítulo 1 15

Capítulo 2 29

Capítulo 3 43

Capítulo 4 57

Capítulo 5 69

Capítulo 6 81

Capítulo 7 93

Parte II

A busca pelas relíquias sagradas

Capítulo 1 109

Capítulo 2 123

Capítulo 3 137

Capítulo 4 151

Capítulo 5 165

Capítulo 6 181

Parte III

O regresso de um Líder

Capítulo 1 195

Capítulo 2 209

Prefácio

Primordialmente, a ordem foi integrada por homens de extrema violência que não possuíam a devotada fé ao Nosso Criador, tampouco nutriam apreço ao seu semelhante, objetivando a indulgência dos crimes oferecida pelo Papa Urbano II, na cidade de Clermont, na França por volta do ano de 1095, durante um concílio eclesiástico que reuniu forças contra os muçulmanos.

Apropriando-se da Terra Santa, os muçulmanos impossibilitaram a entrada de qualquer peregrino cristão que anelasse conhecer o local da passagem de Cristo, alegando que o profeta Maomé havia interagido com o mesmo desígnio, estando eles aptos para lutar contra os inimigos que os afrontassem.

Assim, foi travada a Primeira Cruzada, dispondo de uma conquista que marcou a história com uma carnificina sem procedência.

Uma realidade sem entendimento se nos ativermos ao fato de que as Cruzadas foram unicamente “Guerras Santas” declaradas em nome de Deus em clamor do povo, visando o regresso ao local pertencente a todos os homens de fé.

Em 1118, nos domínios da mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém, no cume do Monte surge a primeira sede dos Cavaleiros Templários, fundada pelo primeiro Grão-Mestre Hugo de Payens, construída no lado sudeste das montanhas sobre as ruínas do Templo de Salomão, intitulada como a “Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão”, desta vez, constituída por monges em votos de pobreza e castidade no fito de se tornarem os guerreiros de Deus.

As inúmeras vitórias em batalhas trouxeram aos monges guerreiros riquezas incalculáveis, algumas conquistadas, enquanto outras eram ofertadas por famílias nobres que apoiavam a causa cristã, no princípio ao doarem terras por toda a extensão da Europa, posteriormente ao se estenderem para outros continentes.

O controle político, econômico e militar amedrontou os poderosos, ao feito de cobiçarem as suas riquezas que eram superiores ao do Rei Filipe IV, da França, junto ao Papa Clemente V, presumindo que o sucesso dos Templários viesse das relíquias

sagradas, das quais detinham um excedente poder espiritual e os segredos da humanidade capaz de desafiar o dogma da fé cristã, e desse modo, destruí-la por completo.

Desditosamente, uma conspiração contra a Ordem Templária foi armada, com o aval do rei, o papa forjou acusações assegurando ter recebido uma inspiração divina em revelação de que os monges

guerreiros fossem hereges, sendo este, um sórdido plano para desmoralizá-los perante aqueles que lutavam ao seu lado.

Os monges foram presos e hediondamente torturados até a morte no intuito de que renunciassem a Deus em aceitação das falsas acusações que obviamente não foram confessadas.

Por fim, no ano de 1312, a Ordem Templária foi extinta, o último Grão-Mestre Jacques de Molay após sete anos de prisão em estado terminal da sua doença por via das intensas e profundas hemorragias, resultantes das incessantes torturas, foi sentenciado à morte na fogueira.

Jacques de Molay cravou enigmaticamente na parede de pedras da sua cela a localização exata das relíquias sagradas no anseio de que fossem decifradas pelos membros da Ordem Templária sem que as deixassem cair nas mãos erradas.

A aniquilação da Ordem Templária proporcionou ao rei o imenso tesouro e as terras que se restringissem ao entorno do seu país, ficando a Igreja Católica com o restante.

Em 1314, durante a sua morte na fogueira, Jacques de Molay lançou a sua ira ao intimar a presença do rei e do papa diante do Tribunal de Deus, uma maldição que acarretou na morte de ambos no

mesmo ano, os tolhendo de desfrutar das riquezas Templárias.

Os monges refugiados mudaram os seus nomes para que a Igreja não mais os perseguissem, ao secretamente arquitetarem o retorno da Nova Ordem Templária.

Lord Henry Ottsburg

11

Parte I

O exército pessoal de Cristo

13

Capítulo 1

Dez anos após a extinção dos Cavaleiros Templários, alguns dos sobreviventes que se mantiveram no anonimato ressurgiram para instauração da Nova Ordem.

As tradições não foram abandonadas ao se camuflarem em roupagens simples para que entrassem em contato com cidadãos comuns sem que viessem a sofrer represálias daqueles que outrora blasfemaram contra os seus reais propósitos em servidão a Deus.

As riquezas eram ínfimas ao serem gradualmente reconquistadas pelos novos membros que doavam com aprazimento os seus patrimônios, visionando o rápido refazimento da Ordem.

A sede se instalou na França, na cidade de Fontainebleau, próximo ao Palácio de Fontainebleau, local de nascimento do Rei Filipe IV, numa edificação rústica, isolada e de difícil acesso em meio a uma vasta floresta, embora a localização em terras francesas fosse de extrema periculosidade, os Templários acreditavam que o

Grão-Mestre Jacques de Molay teria dignificado a sua partida, deixando-lhes pistas das relíquias sagradas para que as encontrassem e, sobretudo, protegessem os mistérios que mudariam o destino da humanidade.

Numa congregação sigilosa atestou-se o fracasso da missão, desse modo, três monges foram designados para o seu cumprimento. Exímios guerreiros demasiadamente fervorosos em sua fé ao ter como líder da Nova Ordem, Dariell de Molay, sobrinho de terceiro grau do último Grão-Mestre, ao seu lado, dois amigos da mesma faixa etária, em torno dos seus quarenta anos de idade, dividiam com ele as penosas experiências e confidências: Robert Wilde um irlandês e Klaus Kampusch um austríaco.

O trio estava formado, Dariell deixaria a sede nas mãos de monges confiáveis, porém, não tão experientes, gerando a desaprovação de alguns dos membros que se calaram diante das circunstâncias, cientes de que entre tantos ele fosse o único homem qualificado para a missão, por ter sido o aprendiz direto do Grão-Mestre, daí, um sábio conhecedor dos seus códigos.

De ímpeto, Dariell sentiu uma força poderosa e desconhecida comprimir-lhe o peito ao ser amparado por Hayden Monteith, o

membro mais velho da Nova Ordem, um canadense com os seus aproximados sessenta e cinco anos de idade, estatura alta, forte, olhos castanhos e cabelos acinzentados na altura do ombro.

Hayden abismou-se defronte a sua palidez ao tê-lo no apreço de um filho, num papel superprotetor, ainda que fosse um monge igualmente aos demais.

- Dariell, deseja desistir da sua missão? O auxiliarei na convocação de outro membro para substituí-lo, se assim o desejar? - inquiriu Hayden em denotação da sua preocupação.

- Eu estou bem! - garantiu Dariell - Deus olha por nós, meu irmão!

- Ele sempre olha! - sem compreendê-lo, Hayden formulou uma nova questão - Por que me diz isso? Restam-lhe dúvidas quanto aos reais desígnios de Deus?

- Não! - replicou atônito - Eu estou convicto de que resgatar a herança de Deus a fim de proteger o futuro da humanidade seja a minha missão, aliás, a missão de todos os Cavaleiros Templários.

- Se detém a fé na meta a seguir, elucide-me, por que o seu abalo emocional? - persistiu Hayden.

Dariell silenciou a sua fala por alguns segundos ao gelidamente transpirar, sem escapatória, deu-lhe a resposta ansiada.

- Eu senti a presença do meu tio Jacques ao sussurrar-me no ouvido: “Siga a sua intuição que eu o guiarei!”.

- Guiá-lo? Para onde irá? Que tolices são essas a me dizer, Dariell? - por não haver a crença em espíritos na época medieval, Hayden o advertiu severamente - O seu tio está morto! Se insistir

nessa sandice será acusado de heresia, só que desta vez por uma causa justa.

- Perdoe-me! A ansiedade me pregou uma peça e uma confusão mental se instalou na minha cabeça ao ouvir a minha própria voz em pensamento como se fosse ao do meu tio - Dariell fingiu concordar mediante a sua justificativa - Por favor, esqueça esse mal entendido,

eu prometo que jamais se repetirá!

Não dispondo de mais tempo, por via da chegada repentina de Robert e Klaus no almejo de apressarem a partida do amigo, Hayden se aproximou de Dariell ao brindá-lo com um caloroso abraço.

A despedida outorgava-lhes à esperança de que dias melhores viriam.

Entretanto, ao passarem pelo imenso portão duplo de madeira maciça que lhes dariam o acesso externo, Dariell pasmou a todos ao voltar para o interior da sede.

- Espere! Não fechem os portões! - os monges trêmulos presumiram a renúncia da missão - Abrandem os seus corações! Serei breve, ao somente facultar-lhes o meu desejo durante o tempo que precederá o meu retorno.

- Diga em que poderemos ser úteis? - indagou um dos monges em aflição.

- Oro ao Pai que me enalteça com infindas glórias, no entanto, eu serei realista ao considerar a minha morte no cumprimento do dever, sendo assim, decreto que sejam reportadas todas as importantes decisões ao irmão Hayden Monteith que será nomeado o líder substituto, se o meu regresso não se concretizar no prazo vigente de

um ano.

Dado o seu parecer, Dariell se retirou para que não houvesse discordância em relação à nova liderança por ele determinada.

Uma improvável suposição, asseverando que uma forte aliança havia sido instituída entre os membros da Nova Ordem.

Instantes após a anunciação, Hayden derramou lágrimas por sua

envelhecida face, a emotividade tomou conta da razão ao ser confortado e conduzido ao seu aposento por alguns dos irmãos que festejavam a decisão de Dariell.

- Dariell o tem na mais alta estima, meu irmão! - comentou um dos monges.

- Confesso sentir-me lisonjeado com a escolha mesmo ao discordar - relatou Hayden ao arquear a sobrancelha esquerda simultaneamente ao franzir a testa.

- Por que diz isso? Fizeste tanto por nós ao honrosamente defender a nossa causa, por conseguinte, salvar as nossas vidas - pronunciou-se o segundo monge - Se hoje eu estou de pé a falar-te é porque devo a minha vida a você, meu irmão, que ao ver-me estirado no chão, ferido em batalha, salvou-me de uma violenta morte ao bravamente empunhar a sua espada contra o inimigo que me afrontava.

- Não deve a sua vida a mim, e sim ao Criador! Se Ele não me concedesse a força para lutar em seu nome de nada adiantaria ter a minha espada em punho - ainda abalado, Hayden se expressou com sensatez através da sua fala mansa.

A escolha de Dariell foi justa, Hayden havia sido um exímio

monge guerreiro sem nunca ter esmorecido na sua fé, honrando o juramente feito ao Grão-Mestre Jacques de Molay, que o iniciou por meio da sua espada para que seguisse com sagacidade os seus passos. Tantas cicatrizes fizeram com que Hayden se resguardasse das batalhas, fator este que não o impediu de prosseguir a sua vida conforme os desígnios de Deus.

Hayden não disfarçou a sua preocupação com a partida dos três guerreiros ao postular em agradecimento que os monges se retirassem para que pudesse clamar a Deus pela proteção e triunfo da missão.

- Por que devemos nos retirar? - sem esperar por uma resposta, o último monge argumentou - Um clamor mútuo a Deus terá uma força ainda maior.

Esboçando um sorriso bucólico, Hayden ajoelhou-se diante da cruz de Cristo que ornamentava uma pequena cômoda em seu aposento ao ser copiosamente seguido pelos monges presentes.

O clamor iniciou-se com uma prece, em questão de segundos se tornou tão ensurdecedora como a uma multidão.

Assombrado com a intensidade das vozes, Hayden virou-se abruptamente em contemplação do miraculoso poder de Deus interagindo na sua presença, todos os monges vieram ao seu aposento, ficando alguns na soleira da porta por não haver lugar suficiente.

Ao término, os monges se dispersaram de volta aos seus afazeres, deste modo, Hayden ao se encontrar sozinho anelou o seu repouso para que pudesse refletir na árdua prova que testaria a fé de Dariell,

Robert e Klaus ao silenciosamente recitar a sua própria prece a Deus, oferecendo-a com a força do pensamento aos monges guerreiros.

Senhor!

A ti sirvo mesmo a julgar-me indigno defronte a incomensurável benevolência concedida aos seus filhos, pois bem sei que ao proferir o "Pai Nosso" eu não serei capaz de louvar os seus ensinamentos.

Sou forte em fé, porém, fraco em perfeição.

Ao reconquistarmos a Terra Santa fizeste promessas de um Mundo liberto de pecados e maleficências.

Tu fizeste a sua parte ao lamuriar-me por ainda não sermos merecedores da sua compaixão.

Guerras são travadas, a ganância pelo controle absoluto de uma nação conduz o homem a sua decadência o fazendo se distanciar da própria redenção espiritual.

Atrocidades cometidas aos nossos semelhantes, aos animais e a natureza atingem um patamar inadmissível.

Portanto, vos suplico, fazei-me de mim o instrumento da sua virtude para que a humanidade não sofra pela soberania daqueles que se julgam Superiores a ti a fim de que eu possa cumprir a sua nobre vontade.

Receba a minha prece e ilumina os meus caminhos para que seja válida a dádiva da minha vida.

Amém!

- Irmão Hayden! - um monge de origem francesa sussurrou o seu nome ao se ruborizar pela interrupção.

- Armand, meu irmão! Não se constranja, eu já finalizei a minha prece - disse em alto e bom tom ao curiosamente interrogar - Diga-

me, o que o traz aqui?

- O irmão sente falta do Grão-Mestre e de Dariell, não é mesmo?

- respondeu através de outro questionamento.

- Não negarei a minha desolação por vê-los distantes - com a voz embargada pela emoção e os olhos marejados de incessantes lágrimas que não demoraram a cair, Hayden prosseguiu - Jacques de Molay se foi, contudo a sua lembrança há de permanecer em nossos corações. Bons momentos foram vivenciados ao seu lado, especialmente, ao tê-lo como um fidedigno guerreiro de Deus e um irmão espiritual a nos defender e nos proteger.

- E quanto ao irmão Dariell? O vejo tratar com imensurável estima e proteção, embora todos nós nutramos o mesmo sentimento ao próximo.

- Notável a sua percepção, meu irmão! - Hayden segredou pela primeira vez os seus temores - Dariell sempre se manteve fiel a nossa causa, tornando-se monge ao se abster dos pecados carnais do homem, conquanto, Jacques pressagiou a sua prisão e tortura por meio de uma enigmática visão, na recusa de fugir, tampouco, poupar a sua vida, aceitou o seu destino em súplicas para que eu intercedesse como o seu sucessor no papel de tio, portanto, me sinto na obrigação

de ampará-lo ao lealmente honrar a minha palavra.

- Se o que diz é por consideração ao nosso falecido irmão, por que sinto o seu coração sangrar através da sua fala? - sem entendimento, no desejo de auxiliá-lo, Armand o surpreendeu com a sua aproximação em impedimento de uma evasão.

- Deveras, o meu coração sangra! Dariell abriu mão de uma

paixão no fito de nos seguir, apesar dos seus esforços, eu creio que tenho sido em vão, por vezes o vejo sofrer em penitência sem conseguir arrancar do seu coração o amor que um dia lhe completou. Temo a sua recaída e consecutivamente, o seu abandono!

Pasmo com a revelação, Armand se encorajou a formular as últimas perguntas.

- E quem é a donzela que induz as incertezas do nosso irmão Dariell? Ela é de procedência francesa? Já fomos apresentados?

- Uma pergunta por vez! - solicitou Hayden ao elucidar - O seu nome é Alanis Cuthbert Monteith, pelos informes que chegaram até a minha pessoa, ela não se casou. A sua procedência é canadense. E por fim, meu irmão, você ainda não teve o prazer de conhecê-la.

- E nem quero! - sem pensar, Armand expressou o seu desprezo sem ao menos ter oferecido a chance de conhecê-la intimamente.

Hayden virou o rosto para que não apercebesse a sua decepção.

Ao cair em si, entontecido e empalidecido com a sua delongada associação dos fatos, Armand lançou-se de joelhos ao chão, diante de Hayden.

- Eu suplico o vosso perdão, meu irmão, não quis ser rude! Eu presumo que a donzela em questão pertença a sua nobre linhagem, a

família Monteith.

- Sim, Alanis é minha sobrinha! Agora se levante, não há porque rogar o meu perdão, sobretudo, ao conceituar que a sua ação não tenha sido no intento de me ofender. Agora, deixe-me a sós! O meu corpo carece de um breve descanso para que sejam restabelecidas as minhas energias - Armand permaneceu de joelhos como se não

tivesse ouvido a sua ordem - Levante-se, Armand! - desta vez o seu comando foi direto e ríspido.

- Ainda não terminei! - disse o monge.

- O que falta a ser dito? - Hayden franziu a testa, no aguardo de uma resposta - Conjecturo que a revelação não tenha sido a razão do seu aturdimento. Esconde-me algo? A propósito, por que me procurou?

- Eu não havia atinado o atrevimento de uma mulher a procurá-lo - ao erguer a cabeça, revelou sem rodeios - A sua sobrinha está em nossa sede!

- Alanis está aqui! - de sobressalto, deixou Armand para trás, temeroso pelos informes trazidos, dado que a sua presença entre os monges não fosse habitual, em suma, por sua proibição com o receio de que um encontro entre ela e Dariell reascendesse com mais vigor a chama de um antigo amor.

Armand correu a fim de alcançá-lo tamanha a sua aflição, de posse do recente conhecimento que mudaria a história da Nova Ordem, caso o encontro de ambos fosse concretizado e Dariell optasse pela renúncia.

Ao adentrar na sala onde eram realizadas as cerimônias religiosas,

Hayden se estarreceu ao ver a sua sobrinha em trajes sofisticados para a época, um vestido longo verde-escuro ao sobrepor uma capa em azul midnight, nas mãos segurava um glamoroso chapéu com uma fita azul ao redor, o tempo havia sido favorável ao brindá-la com a feição ainda jovial, de pele alva e aveludada, corpo delineado, olhos amendoados, cabelos longos e marrons, dispondo de uma tênue

ondulação, sendo possível imaginar o amor avassalador que brotou no coração de Dariell ao mirá-la pela primeira vez.

- O que uma mulher faz aqui? Por certo almeja a perturbação da Nova Ordem! - um monge que passava pelo local exibiu a sua imediata desaprovação ao ser conduzido a outro recinto por Armand.

- Perdoe-me! Não imaginei que a minha presença causaria dissabores - Alanis baixou o olhar numa expressão ruborescida.

- De modo algum! Eu creio que a nossa privacidade seja oportuna ao deduzir que a sua visita não seja por mera saudade do seu velho tio - na ânsia de remediar a desagradável receptividade, Hayden sorriu ao abrir os seus braços.

Uma ação astutamente compreendida pela sobrinha, ao ofertá-lo com um terno abraço, seguido de um choro compulsivo que o alarmou.

- Por que se derrama em lágrimas? A sua mãe está bem? - Hayden estremeceu ao se referir a sua estimada irmã que ao constituir a Nova Ordem nunca mais se dispôs de tempo para visitá-la, posto que a sua nova residência se localizasse na França, causa principal da sua ausência familiar.

Entre soluços, Alanis falava com dificuldade.

- Mamãe está bem! Papai também! Aliás, a nossa família goza de perfeita saúde e estabilidade financeira.

A afirmativa pacificou os nervos de Hayden, no entanto, por pouco tempo, ao lhe atribuir um próximo questionamento para que obtivesse o entendimento das suas lágrimas.

- Diga-me a razão do seu desalento, no mais, ao procurar-me na

França?

Alanis se afastou, o fazendo visualizar a bagagem que lhe passou despercebido por ter focalizado a sua atenção somente na sua presença.

Emudecido, Hayden observou-a vasculhar os seus próprios pertences.

- Achei! - gritou Alanis na entrega de um pergaminho amarelado pela ação do tempo - Um homem morreu para que eu lhe entregasse isso.

- Do que se trata? - receoso em abri-lo, Hayden levou alguns minutos para se munir da coragem dos bravos guerreiros.

- Um homem que se denominava monge procurou-me ao entardecer de um dia ensolarado, gravemente ferido tirou por debaixo das suas vestes esse pergaminho ao reconhecer-me como a sua sobrinha. Desconfiada não revelei o seu paradeiro, assim como a fundação da Nova Ordem. O homem solicitou-me humildemente: “Entregue esse pergaminho a qualquer Cavaleiro Templário que seja devoto ao Criador, porém, certifique-se de que seja realmente de boa índole para que essas instruções não destruam os dogmas da fé cristã”. Depois de serem ditas tais palavras, faleceu diante dos meus

olhos sem que nada pudesse ser feito em seu socorro - ao perceber o olhar inquisidor do tio, acrescentou - Não se preocupe! Eu confesso não ter compreendido as escritas contidas nesse pergaminho.

Hayden o abriu com prudência com receio de danificá-lo.

- Alanis, eu também tenho uma confissão a fazer: “Não tenho a mínima ideia do que esteja escrito neste pergaminho”.

- Talvez outro monge possa decifrá-lo - sugeriu Alanis.

- Improvável! Estão em “Códigos Templários” que pelo desenhar das escritas eu suponho ter sido elaborado pelo Grão-Mestre Jacques de Molay - Hayden se sensibilizou por ter em suas mãos uma pista tão almejada pela Ordem - Uma única pessoa detém a sabedoria para decifrá-lo.

- O chame para que o faça imediatamente! - Alanis afobou-se ao ansiar a sua participação no importante achado.

- Impossível! - asseverou Hayden - O homem referido foi designado para uma missão com o seu retorno não estabelecido. Eu creio que o seu esforço tenha sido em vão, assim como a entrega tardia deste pergaminho.

- Nunca é tarde quando se tem Deus no comando das nossas vidas - com uma fé surpreendente, Alanis instigou o tio a não fugir de uma batalha sem antes lutar.

Hayden esboçou um estonteante sorriso, uma miraculosa esperança eclodia, por ora, nada foi mencionado para que não houvesse um alvoroço desnecessário entre os monges.

Um plano seria meticulosamente traçado para que o pergaminho chegasse às mãos de Dariell, escondendo da sobrinha que o homem

que ela tanto amava fazia parte da Nova Ordem Templária.

Capítulo 2

Enquanto isso, os três monges disfarçados de meros camponeses peregrinavam em exaustão, por muitas vezes, ao esmorecerem a fé de que encontrariam pistas das relíquias sagradas, na suspeita equivocada de que Deus as tivesse escondido, retificando os pensamentos por via de uma prece mental.

- Passaram-se nove meses sem a nada encontrarmos, eu creio que seja a hora de regressarmos para a sede a fim de arquitetarmos uma nova estratégia - alegou Robert ao dirigir a sua fala a Dariell - Os meus pés doem! Eu sinto que não estou apto para acompanhá-los até o findar da nossa missão.

- Não podemos desistir! - Dariell mirou Klaus ao rogar por seu auxílio - Deixe-me ver os seus pés!

Robert sentou-se no chão com a ajuda dos monges ao retirarem as suas botas, em seguida, as suas finas meias.

Dariell e Klaus alarmaram-se mediante as bolhas formadas em seus pés.

- Por que não nos avisou? Poderíamos ter interrompido a nossa caminhada ao primeiro indício dos ferimentos - Dariell o examinou sem intuir o que fazer.

- Que disparate foi esse meu irmão, usar meia finas em nossa árdua jornada? - comentou Klaus ao remexer uma pequena bolsa de couro que carregava consigo a procura de um par de meias limpas e grossas - Vista isso! Logo adiante há um vilarejo, buscaremos refúgio até o seu íntegro refazimento. Fique ciente de que não prosseguiremos sem você! - dito isso, Klaus ruborizou-se em razão de ter tomado à frente da situação, esquecendo-se por um reles instante de que o líder fosse Dariell.

Ao atinar o seu constrangimento, Dariell expressou-se com brandura.

- Formidável ideia, meu irmão! O que seria de mim sem você!

Um sorriso se estampou no semblante de Klaus, que ao perceber o embaraço de Robert por não conseguir vestir as meias sozinho, prontificou-se em auxiliá-lo sem que houvesse a postulação de um pedido.

- Aguente firme, Deus não nos desamparará! De algum modo Ele providenciará a ajuda carecida - pronunciou-se Dariell ao verificar que os provimentos haviam se acabado - Admito estar cansado, desse modo, apressemos a nossa chegada ao vilarejo antes do anoitecer, ou não teremos o alimento para saciar a nossa fome, tampouco, a água para matar a nossa sede.

- Vão na frente! Tragam-me ajuda! - enunciou Robert - Eu serei um empecilho ao protelar o descanso de ambos os irmãos.

- Imagino que a dor o faça delirar! - bradou Dariell - Eu nunca o abandonarei!

- Então, o que fará? - indagou Robert.

- Eu o carregarei sobre o meu ombro - revelou ao alarmá-los.

- O quê? - Robert sobressaltou-se em face do plano tencionado - Com todo respeito e pelo apreço nutrido em nome da nossa amizade, eu acredito que neste instante a insanidade sugerida não seja a minha. Por acaso, tem noção do meu peso agregado ao longo percurso a traçar?

- É obvio que eu tenho! - replicou Dariell - Vamos, não temos tempo a perder!

Sem que houvesse tempo de calçar as botas, Dariell o apanhou ao jogar todo o peso em seu ombro esquerdo, enquanto Klaus se incumbiu de recolher os objetos que haviam se espalhado no meio do caminho, inclusive as espadas, envolvendo-as num pano grosso e sujo com o objetivo de camuflá-las.

Dariell denotou uma força da qual não assimilava a sua procedência, apesar de ser um homem alto e robusto, Robert possuía

o dobro do seu peso.

Klaus anelou dividir o fardo, mas isso seria de impossível aceitação, visto que ele fosse baixinho e franzino.

Quanto mais Dariell apressava os passos, mais delongava a sua chegada ao destino escolhido, como se Deus testasse a sua fé.

- Descanse um pouco! - recomendou Klaus ao deduzir a sua

negação por meio do tenebroso silêncio estabelecido.

Por fim, vozes foram ouvidas.

Os monges foram avistados por um pequeno grupo de crianças que brincavam no vilarejo, no entanto, o mais velho gritou a fim de chamar a atenção do pai com receio de que fossem saqueadores.

Ao posicionar-se ao lado das crianças, um senhor de cinquenta e cinco anos de idade, estatura mediana, peso regular e cabelos esbranquiçados, visualizou os três homens.

- Há um ferido entre eles! Daremos aos forasteiros a assistência carecida.

- Não pai! Pode ser uma emboscada, fique aqui, por favor! - suplicou o rapaz.

- E se não for, meu filho? Não almejo conviver com o remorso de negar-lhes ajuda. Lembre-se de que devemos amar o nosso semelhante como a nós mesmos, fazendo o que gostaríamos que fizessem por nós - argumentou o pai ao outorgar-lhe os princípios básicos de um fidedigno cristão.

- O senhor diz que são forasteiros, como pode se assegurar disso? - persistiu o filho.

- Repare nas vestimentas! Há tempos que eu não me deparo com

camponeses ao arredor do vilarejo, sem dúvida vieram de muito longe à procura de trabalho e melhores condições de vida - cessou erroneamente a sua análise ao ir de encontro com os três monges.

- Olá, amigos! Perdoe a minha precipitação, ao longe os avistei ao presumir que precisassem dos meus préstimos - Dariell aliviou-se ao vê-lo, retribuindo a sua cortesia com um sorriso.

- Sim, por favor! Divida o peso deste homem que trago em meu ombro, sendo que o meu amigo ao lado carregue a nossa bagagem - clamou Dariell ao sentir a fraqueza das suas pernas juntamente com o adormecimento do seu corpo.

Sem prévios questionamentos, o senhor exibiu a sua satisfação em ajudá-los, os encaminhando a sua morada, ao serem bisbilhotados pelo povoado do vilarejo que temiam uma aproximação.

- Entrem! Por favor, não reparem na modéstia da minha casa, eu garanto que nada lhes faltará - o senhor acomodou o homem ferido em seu leito, estando ele desacordado.

- Agradeço por sua imensa generosidade em nos ceder abrigo, a propósito, eu sou Dariell, este ao meu lado é Klaus, e meu amigo debilitado é Robert - Dariell olhou ao seu redor sem a nada encontrar, inquirindo-lhe temeroso - Espero que a sua senhora não se zangue mediante a nossa presença.

- Senhora? Ah, não! Eu sou viúvo, moramos apenas eu e o meu filho Louis - respondeu um tanto atrapalhado.

- O seu nome é? - Klaus que geralmente ouvia ao invés de falar, se pronunciou.

- Quanta indelicadeza! - pouco habituado a receber visitas desde o

falecimento da esposa, ocorrido há cerca de quatro anos, o senhor declarou em alto tom - O meu nome é Gérard, um cidadão belgo de raízes francesas - brincou ao fazê-los rir da miscigenação entre os povos.

- O que há com o seu amigo? Estranha-me um homem tão forte não suportar uma caminhada em busca de trabalho - o senhor Gérard

mostrou-se preocupado com estado de saúde de Robert - Sem cavalos para transportá-los, que situação precária a de vocês, meus caros!

Dariell e Klaus entreolharam-se sem desmenti-lo, sendo esta uma suspeita favorável para que todos permanecessem em segurança.

- Sim, nós estamos à procura de trabalho! - confirmou Klaus - Percorremos um longo trajeto, entretanto, Robert foi descuidado ao colocar meias finas em seus pés, acarretando-lhe diversas bolhas.

- Tenha fé em Deus, Ele proverá tudo àquilo que precisarmos - pronunciou o senhor Gérard - Fiquem pelo tempo que conjecturarem necessário. Solicitarei ao meu filho que vá buscar a lenha, tão logo o traga, prepararei algo para alimentá-los, nesse ínterim, voltemos a nossa atenção ao amigo ferido.

Por um fugaz momento, Dariell recordou-se dos seus dizeres anteriores ao ter anunciado aos amigos monges que Deus providenciaria a ajuda, e agora estavam eles, diante da solidariedade de um homem desconhecido que lhes estendia a mão como se fizessem parte de uma mesma família.

Prestativamente, o senhor Gérard arranjou uma vasilha de água e panos limpos para que Dariell executasse a assepsia dos ferimentos

do amigo, agilizando-se no preparo dos alimentos.

Klaus sentiu-se útil ao apanhar água de pequeno poço que se encontrava a poucos metros da casa, retornando esbaforido com o peso carregado.

Todos faziam algo, exceto Louis, um rapaz de catorze anos que os observava.

Ao se comiserar, Dariell que havia terminado os curativos do amigo, sentou-se ao seu lado, no chão, puxando assunto na tentativa de animá-lo.

- Por que o sinto tão triste, meu rapaz? Saiba que tem o privilégio de possuir um grandioso homem como pai.

- Eu sei! - Louis abaixou o olhar timidamente.

- Não perca o seu tempo! Desde a morte da mãe, Louis pouco interage com as pessoas, sobretudo, com os forasteiros que não residem neste vilarejo - notificou o senhor Gérard.

- Posso ao menos tentar? - postulou Dariell.

- Sim! Claro! Fique à vontade! - sem contrariá-lo, voltou aos seus afazeres.

- Deixe-me ser o seu amigo? Confesso que em minha caminhada poucos os fiz - de modo pretensioso, Dariell almejava ganhar a sua confiança.

- Grato pelo apreço! - resmungou Klaus ao arrancar uma risada do rapaz.

Disfarçadamente, Dariell conferiu uma rápida piscadela para que prosseguisse com o deboche, esquecendo-se de que Klaus tivesse um fácil entrosamento com os mais jovens.

- Pelo visto Dariell dá preferência a sua amizade ao invés da minha. Oh, não! Mundo cruel! O que farei agora?

- Prefiro desfalecer novamente ao escutar tanta bobagem - reclamou Robert ao despertar, fingindo um novo desmaio.

O rapaz caiu na risada ao sobressaltar o pai que há tempos não o via feliz, uma ação acidental que o fez visualizar o crucifixo que

cingia o pescoço de Dariell.

Ao notar o seu deslize, Dariell o escondeu rapidamente por debaixo das suas vestes como se nada tivesse acontecido, no entanto, o rubor da sua tez o delatou, instigando a curiosidade do senhor Gérard.

- Robert! Constato que a sua exaltação seja indício de melhoras em seu estado de saúde - ao caminhar em sua direção, o senhor Gérard estendeu-lhe a mão num cumprimento cordial - Enfim, eu tenho a honra de conhecê-lo!

- Meu Senhor! Em tempo agradeço pela confortável estádia - Robert tentou se levantar no intuito de saudá-lo como um nobre cavalheiro o faria.

- Não, por favor! Permaneça em repouso até a completa cicatrização dos seus ferimentos - aconselhou ao ajeitá-lo em seu leito.

- Grato mais uma vez, senhor Gérard! - Robert acatou a sua sugestão.

- Como sabe o meu nome? - pasmou-se ao atestar que Robert havia acabado de despertar.

- A minha condição anterior era de um quase moribundo e não de

um cadáver - esclareceu Robert.

Anoiteceu sem que se dessem conta do passar das horas.

Os monges se deliciaram com a simples refeição servida em generosas porções comparando-a com um banquete por terem se alimentado e sobrevivido à base de pão, água e sobras de alimentos oferecidos pelos viajantes que se compadeciam em vê-los

desprovidos de mantimentos debaixo do sol escaldante, fato sucedido desde a partida da sede da Nova Ordem Templária.

Por insistência do senhor Gérard, Robert recebeu a sua refeição no leito, numa bandeja de madeira grotescamente talhada.

Após a farta refeição, Dariell o ajudou na arrumação da cozinha, a casa detinha um único cômodo distribuído em várias repartições.

Robert, Klaus e Louis foram dormir, deixando-os a sós.

- Dariell, muito me agrada tê-lo em minha casa. Hoje eu recebi a maior benção dos Céus ao testemunhar a alegria do meu filho.

- Louis é um garoto excepcional! Talvez ele precise de mais tempo para lidar com a perda da sua mãe - inopinadamente os seus olhos marejaram de lágrimas e uma insuportável dor pressionou o seu peito fazendo-o se curvar - Por muitas vezes, uma dor lasciva perfura, fere e marca a nossa alma tal qual a lâmina afiada de uma espada fincada em nosso peito, como feridas profundas que se abrem em nosso coração, porém, a jamais cicatrizarem.

- Quem é a mulher que aflige os seus pensamentos? - questionou ao atentar a súbita palidez de Dariell.

- Por que o senhor julga que a lembrança de uma mulher possa me afligir? - Dariell desviou o olhar em negação.

- Porque o inegável amor está descrito em seu olhar - asseverou ao intuir a falta de confiança de Dariell em expor a sua vida.

- Chega por hoje! - exclamou Dariell ao término dos afazeres, usando como subterfúgio o seu descanso, embora fosse do seu merecimento.

- Não fuja! - solicitou o senhor Gérard ao se dirigir a um canto da

sua modesta casa, retirar o tapete que encobria parte do piso áspero, ao se ajoelhar.

- Eu creio que essa não seja a hora apropriada para realizar a sua penitência - Dariell deduziu que o senhor Gérard faria uma prece a Deus.

Sem lhe dar a resposta pretendida, o senhor Gérard o surpreendeu ao remover com destreza um dos pisos, apanhando uma pequena caixa de veludo preto.

- Eu o guardo como a última recordação de quem outrora eu fui.

Estarrecido, Dariell o ajudou a se levantar.

O senhor Gérard se encaminhou vagarosamente em direção à mesa em que foi servida a refeição, sentou-se numa das cadeiras indicando a outra para Dariell.

- O que eu contarei modificará a sua forma de pensar, ao feito de depositar a minha vida em suas mãos.

- Não conte! Não suportarei o sangue de mais um inocente em minhas mãos, já basta os que eu tive - Dariell exprimiu-se impensadamente.

Nesta ocasião, as suspeitas do senhor Gérard foram confirmadas.

- Deixe-me prosseguir sem interrupções! Após retirar o véu que

encobre o meu passado, estarei disposto a ouvi-lo, se acaso nutrir a mesma confiança, portanto, serei breve a fim de que o seu descanso não seja prorrogado - postulou inibindo Dariell - Aos vinte e cinco anos de idade, eu fui um jovem insolente e destemido ao empunhar em minhas mãos uma espada em batalhas sangrentas em louvor a Deus. Tudo em seu nome e em sua glória ao ter a minha assídua

participação nas Cruzadas na missão de proteger a Terra Santa de pósteras invasões - ao testificar a expressão boquiaberta de Dariell, declarou - Eu fui um monge, um guerreiro de Deus. Eu fui um Cavaleiro da Ordem Templária - sem dar-lhe tempo para que a sua mente pudesse absorver os recentes informes, avançou - Contudo, existe algo precioso que a Igreja Católica nos esconde, algo que nos foi deixado por Deus e que temos que encontrar: a “Arca da Aliança”, a representação da aliança de Deus com o sofrido povo de Israel, em nosso dogma religioso a simbolização da própria presença de Deus.

Dariell conscientizou-se de que a Ordem Templária preocupava-se unicamente com a herança de Cristo, as relíquias sagradas do qual o Grão-Mestre Jacques de Molay sacrificou a sua vida para protegê-las, sem nunca ter citado uma herança deixada por Deus.

- Resumindo a minha história de vida: Por amor renunciei a minha castidade, um acontecimento que não venho a me arrepender, pois a minha fé permaneceu intacta ao lado da mulher amada, e hoje, mesmo ao tê-la em meus pensamentos, desfruto do nosso amor ao contemplar a dádiva da mais preciosa herança por ela deixada: o meu filho, Louis! - neste instante, o senhor Gérard hesitou em dizer algo

mais, como se parte da história não pudesse ser revelada.

- Deveras, uma preciosa herança! - concordou sem questionar a sua mudança de conduta - O admiro por abrir mão dos seus ideais, em verdade, o meu coração pertence a uma única mulher, quem sabe um dia eu não encontre a sua coragem ao finalmente me entregar a essa paixão que aos poucos me consome.

- Deus providenciará o que lhe for de melhor! Admito que sejamos dois tolos, aliás, dois Cavaleiros Templários ao esconder as nossas raízes - arriscou o senhor Gérard deixando transparecer as suas suspeitas.

- Cavaleiro Templário? Eu! Espere, o senhor está enganado ao meu respeito! - Dariell se calou ao vê-lo gesticular o seu silêncio. O senhor Gérard abriu a caixa de veludo retirando do seu interior um crucifixo de ouro idêntico ao que Dariell e os seus amigos usavam.

- Todo monge iniciado na Ordem Templária recebe este crucifixo.

- Carrego um crucifixo meramente para a minha proteção, isso não quer dizer que eu seja um Cavaleiro da Ordem Templária - Dariell recordou-se do incidente em que deixou de amostra o crucifixo, perseverando na sua negação.

- Não tente me enganar! Ao amparar Robert certifiquei-me que em seu pescoço cingia o mesmo crucifixo, deixamos os joguinhos de lado e sejamos honestos um com o outro - o senhor Gérard atinou a sua relutância, embora respeitasse os seus princípios, sabia que a omissão o tolheria de receber qualquer auxílio - Permita-me ver o seu crucifixo!

- Claro que sim! - sem graça, Dariell o exibiu sem tirá-lo do pescoço.

- Em minha mão! - ordenou desta vez ao fitá-lo com austeridade.

Sem escapatória, Dariell entregou-lhe ao crer que um mero crucifixo não daria a prova necessitada.

O senhor Gérard depositou-o na mesa um do lado do outro ao

ouvi-lo bradar na intenção de apanhá-lo.

- Um simples crucifixo! Se me der licença eu me recolherei - Dariell levantou-se ao ser bruscamente impedido.

- Sente-se Dariell! Não terminamos a nossa conversa - vociferou sem tirar os olhos dos crucifixos.

Dariell sentou-se ao também fixar os seus olhos sobre os crucifixos e ao serem virados, apurou-se a veracidade dos fatos, ambos possuíam cravados os mesmos dizeres que somente os membros da Ordem Templária declamavam: “Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo ad gloriam” (“Não a nós Senhor, não a nós, mas pela Glória do teu nome”).

Ao notar o seu constrangimento, o senhor Gérard lhe falou.

- Não tenho dúvidas de que seja um fiel soldado a serviço do Senhor. Descanse em paz! Amanhã é um novo dia! Boa noite, meu caro Dariell!

- Boa noite! - Dariell se recolheu às pressas, encabulado por ter agido contra os princípios de lealdade para com os seus irmãos da Antiga Ordem Templária ao ponderar que o senhor Gérard se mantivesse fiel à causa, apesar de ter renunciado o seu direito de Cavaleiro.

Capítulo 3

Um novo dia surgiu, todavia, Dariell que havia planejado conhecer o vilarejo após o desjejum matinal se decepcionou ao contemplar o céu coberto de nuvens em prenúncio de que um forte temporal devastaria a maior parte da região.

O senhor Gérard assoviava, como se a conversa da noite anterior não tivesse existido, embora o seu constrangimento fosse apercebido em cada gesto.

- Pelo visto nós seremos castigados pela chuva que tão logo caíra - enunciou o senhor Gérard ao servir-lhes o desjejum, posto que todos estivessem sentados à mesa, inclusive Robert que teria apresentado uma melhora significativa, ainda que precisasse do amparo dos amigos para caminhar.

- O que se faz por aqui quando se chove? - inquiriu Klaus ao se entediar, tendo em vista um suposto confinamento entre quatro

paredes.

- Não há muito a se fazer! O meu trabalho no vilarejo é ajudar um conterrâneo no plantio particular de algumas frutas e legumes, visando o meu sustento e o do meu filho, por vezes ao trocar o que ganho por uma galinha, um pedaço de carne, ou até mesmo algumas vestimentas e medicamentos - explicou o senhor Gérard ao se enternecer pelo filho - Regularmente, levo Louis comigo, apesar de achar que o trabalho é extremamente pesado para uma criança.

- Não sou mais uma criança! - zangou-se Louis.

- Não mais! - o senhor Gérard passou a mão sobre a sua cabeça despenteando-o, em seguida, beijou-lhe a testa - Para os pais os filhos não passarão de crianças mesmo com o avançar da idade.

- Aproveite Louis! Deus lhe deu um pai bondoso que se preocupa com o seu bem-estar, acredite, nem todos nós recebemos a graça dessa benção. Quisera eu ter conhecido o meu! - lamentou-se Robert.

- Na minha casa não há lugar para a tristeza, animem-se homens! - declamou o senhor Gérard.

Um clima amistoso foi gerado, conforme o previsto, o temporal não tardou a chegar, trazendo uma forte ventania que os fizeram amarrar as janelas de madeira com cordas comuns, ao também

depositarem uma pesada mobília em frente à porta com a função de uma barricada para que não fosse arremessada ao interior da casa ferindo-os gravemente, tamanha a sua fúria.

Numa ação irrefletida, Dariell se ajoelhou rogando socorro ao Pai Celestial, distraído não notou que os demais haviam se juntado a ele numa mesma oração.

Pai ouça o nosso clamor!

A nós que juramos servir somente a ti ao seguirmos pelas tortuosas veredas em sã consciência das nossas ações.

Somos o seu rebanho, ovelhas em seu pasto, por debaixo das suas onipotentes mãos, eu vos suplico que nos oriente a fim de que a sua glória seja enaltecida.

Conforte-nos e dei-nos a sua força para que sejamos capazes de desempenhar com louvor a sua incumbência.

Oh, Deus!

Em sua infinita misericórdia e sabedoria, eu o agradeço por fazer-me recordar dos votos que lhe fiz, ao apreender que a aparição desse homem cristão não tenha sido mera casualidade do destino, e sim, a sua vontade fazendo-se presente, lançando-me de volta ao destino do qual me desviei.

Nunca o abandonei ao confidenciar que eu sempre estive à espera do seu chamado.

Obrigado, Senhor! Obrigado!

Atônitos com os dizeres, todos fixaram o olhar no senhor Gérard, mas apenas Dariell obteve o entendimento do que se passava na mente de cada um.

- O que foi isso? Eu pensei que rogávamos ao Senhor para que o mal tempo se desvaísse no anseio de que possíveis tragédias fossem evitadas - a sublime prece sensibilizou Robert.

- Meu caro, você ainda crê que a sua presença em minha casa seja

casual? - sem subterfúgios, o senhor Gérard conceituou que essa seria a hora propícia para esclarecer os planos de Deus - Todos nós temos muito a conversar!

- E quanto a Louis? - advertiu Dariell com receio de que o garoto não soubesse a verdadeira procedência do seu pai.

- Louis está a par de todos os acontecimentos que antecedem o meu enlace matrimonial com a sua mãe - informou-lhe ao sorrir - Não escondemos nada um do outro, a franqueza é o alicerce que nos une.

- Espere! - protestou Robert - Eu não estou entendendo nada! O que se passa?

- Faço das suas as minhas palavras! - complementou Klaus.

- Nos sentemos novamente ao entorno da mesa que eu dilucidarei todos os fatos - requisitou o senhor Gérard ao fitar o filho com carinho - Você também, meu rapazinho!

Todos se sentaram, exceto o senhor Gérard que por alguns minutos permaneceu emudecido nas escolhas das palavras sensatas a dizer.

- Irei direto ao ponto! - essa exclamação provocou um desmedido pavor entre Robert e Klaus que até o momento haviam imaginado

que ele fosse um humilde trabalhador - Quando eu os abriguei em minha casa, acreditei piamente que vocês fossem camponeses em busca de condições melhores de vida, entretanto, todos nós usamos pretextos evasivos com o objetivo de omitir as nossas verdadeiras origens das quais não devemos nos envergonhar, e sim, honrar. Sendo assim, como membro de uma instituição militar-religiosa

criada para defender as Cruzadas e os peregrinos cristãos, constituamos a máxima prioridade do nosso comprometimento com a missão.

- Ainda não entendi? - Klaus parecia atordoado sem ligar os fatos.

- O senhor Gérard é um de nós! - esbravejou Robert - Ele é um Cavaleiro da Ordem Templária.

- Improvável! O senhor Gérard foi casado e tem um filho - Klaus rebateu a afirmação do amigo.

- Nada é impossível aos olhos de Deus - proferiu Dariell fazendo menção para que o senhor Gérard avançasse em seus esclarecimentos.

- Em minha última batalha, desviei-me da minha missão ao me apaixonar por Adeline, a mãe de Louis - os seus olhos transbordaram de lágrimas ao derramá-las sem se encabular defronte a presença dos monges, por sua vez, Louis saiu do lugar abraçando-o ternamente a fim de lhe dar força e incentivo para prosseguir - Eu estou bem, meu filho!

- O irmão necessita de um tempo para recuperar o fôlego? - Dariell mostrou-se preocupado, ao chamá-lo do modo que os monges costumeiramente se tratavam.

- Grato irmão Dariell! - retribuiu a gentileza contente com a denominação que há tempos não ouvia - Presumo que não seja apropriado desperdiçar tempo com as narrativas da minha vida. Ouvi boatos de estrangeiros que estão brincando de caça ao tesouro.

- Como disse? - Klaus exprimiu mais uma vez a sua falta de entendimento.

- Num futuro não muito longínquo, homens de todas as nações se enfrentarão em batalhas sangrentas em nível excedente se comparadas com as já enfrentadas pelas Cruzadas, alguns destes homens estarão a mando da própria Igreja Católica ao terem como meta a cobiça de um poder que almejam angariar através da herança de Deus, das relíquias sagradas de Cristo e do Evangelho Apócrifo de Barnabé - relatou o senhor Gérard.

- O irmão não me falou sobre o Evangelho, tampouco, que tinha conhecimento sobre as relíquias sagradas deixadas por Cristo - Dariell fez uma observação.

- Sabia de tudo isso e não nos informou? - indagou Robert decepcionado.

- Assim entregará o sigilo da nossa missão! - replicou Klaus.

- Não escondi nada de vocês, meus irmãos! - Dariell transpirava ao explicar-lhes o ocorrido - Tudo o que sei me foi relatado na noite anterior, porquanto, não haveria como outorgar os segredos do senhor Gérard conferido a mim sem que fosse dado o seu consentimento. Como monges, eu suponho que os dois saibam o valor e a descrição de uma confissão.

- Sim, sabemos! - responderam simultaneamente de olhar baixo.

- Por ter renunciado a minha posição de monge e deixado a Ordem Templária asseguro que a minha fé esteja fortalecida, permanecendo a serviço do Senhor, se porventura for solicitada a minha intervenção - enunciou o senhor Gérard ao se consternar - Por outro lado, eu reparei na desaprovação de ambos os irmãos por meio da minha pregressa conduta ao possivelmente recusarem os meus

préstimos como um homem de Deus - referência citada a Robert e Klaus - Se ao menos puderem me aceitar como um cidadão cristão, isso bastará para que o meu ser disponha de imensa gratidão.

- Que disparate! Estão ponderando os erros de um homem ao se esquecerem dos seus aprendizados - Dariell se indignou como o comportamento hostil dos amigos ao declamar uma frase de Cristo - “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Meus irmãos atribuam o significado dessas palavras ao irmão Gérard que nada reivindicou em troca da sua gentil hospitalidade. Não façam julgamentos! O irmão Hayden diz que os homens que haviam servido sobre o comando do Grão-Mestre Jacques de Molay têm muito a nos ensinar, desfrutemos desse privilégio. Dei-lhe a chance de ganhar a nossa confiança, visto que já o fizeste ao deslindar fatos que jamais suspeitaríamos. Testifico que Deus Onipotente tenha nos guiado a este vilarejo de encontro ao irmão Gérard para que relembrássemos de alguns valores esquecidos por intermédio dos seus sábios conhecimentos, sobretudo, em batalhas. Tudo faz parte dos planos de Deus. Meus irmãos, deixemos a energia do Criador transmutar-se em amor dentro de nós para que possamos assimilar a sua vontade.

- Só mesmo o sobrinho do Grão-Mestre Jacques de Molay

denotaria tão belos dizeres - comentou o senhor Gérard em denotação do seu aprazimento.

- Quem lhe passou este informe? - Dariell o inquiriu chocado, pois não havia citado o seu parentesco com o Grão-Mestre.

- A sua notável semelhante com o Grão-Mestre em sua maturidade não passaria despercebido - declarou ao dissertar as suas

características físicas - O mesmo porte robusto, os mesmos traços marcantes em sua tez, os mesmos olhos castanhos e expressivos, as mesmas sobrancelhas grossas e espessas, e por fim, os mesmos cabelos castanhos com reflexos de cobre ocasionado pela excessiva exposição ao sol - o senhor Gérard deixou-se levar pela emoção.

Os monges não disfarçaram a curiosidade ao fixarem o olhar inquisidor sobre o senhor Gérard sem que nenhum questionamento fosse elaborado, talvez por recearem uma inoportuna intromissão.

- Papai, por que o senhor nunca me contou sobre a sua aproximação com o Grão-Mestre? - Louis demonstrou-se tão surpreso quanto aos demais, sendo ele a formular as questões de um adulto - Quando o conheceu? Por favor, conte-nos sobre as heranças?

- Uma pergunta de cada vez, meu filho. Primeiramente eu queria protegê-lo!

- Protegê-lo do quê? - interpelou Robert.

- Protegê-lo de mim mesmo! - a resposta causou um repentino assombro - Ora, por favor, não me olhem dessa maneira! Os governantes e a Igreja Católica não desistiram dos seus ideais, ou seja, encontrar e capturar os Cavaleiros Templários que restaram ao crer que isso lhes dará a localização exata de todas as riquezas da

Ordem Templária. Se desconfiassem da minha procedência usariam Louis como isca ao tencionar a minha fraqueza paternal, por conseguinte, fazer-me revelar os segredos que lhes daria o poder absoluto sobre cada ser vivente na face da Terra.

- Que segredos são esses? - Robert ansiava pelas conclusivas ao ser ignorado.

- Quanto a minha ligação com o Grão-Mestre, eu declaro ter sido iniciado por meio da sua espada, lutando ao seu lado por diversas vezes - ao expressar a sua triste lembrança devido às mortes de irmãos tão queridos, dilucidou um episódio até o momento desconhecido entre os muitos Cavaleiros da Ordem Templária - Pois saibam que o Grão-Mestre abriu mão da sua vida por nós como prova da sua lealdade sem faltar com o seu juramento a Deus. Ele poderia ter fugido da prisão quando a oportunidade lhe foi apresentada, no entanto, se recusou, ao crer que a sua fuga provocaria uma ira maior do Rei Filipe IV e do Papa Clemente V, os responsáveis pela chacina, justificando que a sua permanência e morte pouparia a vida dos nossos irmãos, ainda a pensar em nós, deixou diversos pergaminhos em códigos, escritos em sua cela no fito de que fossem entregues nas mãos de alguns Cavaleiros Templários que conseguiram a miraculosa façanha de escapar com as instruções do esconderijo em que estariam guardados os tesouros pertencentes à Ordem Templária ao serem outorgados a um novo líder, contudo, é lamentável dizer que a existência dos nossos membros se tornou escassa sem saber se esses mesmos pergaminhos caíram em mãos erradas ou se tiveram êxito ao seguirem as

recomendações do Grão-Mestre, numa outra hipótese, se foram escondidos em sua respectiva cela por não haver tempo de serem devidamente encaminhados.

Dariell necessitava de mais provas antes de confidenciar a existência da Nova Ordem Templária, ao imediatamente cogitar que ele fosse o atual líder sem nunca ter sido procurado ou recebido algo

de um Antigo Cavaleiro.

- Quer que eu acredite que esteve ao lado do meu tio na prisão e ele revelou a existência desses pergaminhos? - por um instante Dariell pressupôs o acréscimo exagerado dos fatos - Elucide-me como um prisioneiro teria acesso ao material, no mais, ao redigir importantes documentos sem que fosse notado pelos oficiais?

- Entendo a sua incerteza - o senhor Gérard forneceu-lhe mais detalhes - Estive ao lado do seu tio, dividimos a mesma cela, embora nos dois anos antecedentes à extinção da Ordem Templária eu já tivesse renunciado a minha posição de monge e cavaleiro. Retornei em socorro dos meus irmãos ao colocar as vestimentas que simbolizavam a nossa causa cristã, deixando Louis, ainda pequeno com uma tia distante ao temer a minha morte e o destino que lhe seria atribuído sem pai e sem mãe. Era algo que precisava ser feito! - Dariell apreciou a sua lealdade deixando os enaltecimentos para uma póstera ocasião - Eu vi o Grão-Mestre escrever os pergaminhos e o ajudei a burlar a vigilância dos oficias ao posicionar-me à sua frente em todas as vezes que o perigo nos rondasse. E quanto ao material obtido, ele agiu com astúcia ao fingir um súbito mal-estar a fim de furtá-los da mesa de um dos oficiais ao retorno de uma sessão de

tortura realizada numa sala distante da cela, os escondendo por debaixo dos seus largos trajes. Naquele instante Deus olhava por nós! Não digo que o furto tenha o aval de Deus, mas na ocasião, essa havia sido a maneira encontrada para que pudéssemos preservar a segurança da nossa missão. Tempos difíceis! Eu, Jacques de Molay e Hayden Monteith, um trio imbatível e incorruptível - a lembrança de

um quarto membro não foi citada para que não houvesse a atribuição de novos esclarecimentos.

- Conheceu o irmão Hayden Monteith? - Klaus surpreendeu-se diante da nova revelação.

- Sim! Éramos amigos de longa data - referiu-se a Hayden com grande pesar - Infelizmente a sua morte foi ocasionada pela cobiça do poder absoluto.

- Como se assegura da sua morte? - perguntou Robert.

- Por acaso o viu morrer? - acrescentou Klaus.

- Havíamos combinado a nossa fuga, todavia, o irmão Hayden não compareceu ao local indicado sem nunca ter faltado com a sua palavra, fator este que me induziu a crer no seu fatídico destino. Não o vi morrer diante dos meus olhos se assim o querem saber.

Intrigado, Dariell o abordou com outra questão, o fazendo estranhar a bisbilhotice dos três monges em relação a sua amizade com o irmão Hayden.

- Conte-me a sua façanha ao duelar com um ser imaginário?

- Ah, sim! Isso foi após um glorioso triunfo numa de nossas árduas batalhas. Eu revivo em minha mente esse desastroso acontecimento do passado - o senhor Gérard sentiu a vermelhidão da

sua tez seguida de uma sutil ardência - Eu fiquei tão bêbado ao festejar que os irmãos Jacques e Hayden me pregaram uma peça ao fazer-me duelar com um urso imaginário. Que situação embaraçosa!

- Um urso papai! - o garoto se contorcia aos risos.

- Por que não nos contou que o senhor é o irmão Gérard Van der Gucht? - Dariell se levantou euforicamente ao ofertá-lo com um

caloroso abraço como se reencontrasse um amigo distante.

- Van der Gucht! - Klaus e Robert também se levantaram e o abraçaram.

- Que balbúrdia é essa em minha casa? - gritou o senhor Gérard.

- O irmão é uma lenda entre nós! - confidenciou Klaus.

- Lenda! - esbugalhou os olhos - Por favor, não diga que a minha embriaguez tenha se tornado motivo de chacota entre os irmãos da Antiga Ordem Templária - o senhor Gérard depositou as mãos sobre a mesa, na tentativa de se apoiar a fim de que a leve vertigem passasse despercebida - Espere aí! Como eu posso ser uma lenda viva se restaram poucos de nós?

Dariell tomou à frente da situação, sem esconder a incumbência que lhes havia sido outorgada, reconhecendo-o como um herói que salvou a vida do seu tio e do irmão Hayden numa emboscada em que ambos estavam desarmados sendo alvos fáceis, neste episódio em particular, ao serem apontados cinco homens contra um despretensioso monge que teria se iniciado: o irmão Gérard Van der Gucht.

- Irmão Gérard, há poucos instantes confiou e confidenciou a sua vida a nós, em omissão do seu ato heroico jamais esquecido por meu

tio em vida e pelo irmão Hayden até os dias atuais - Dariell o viu se derramar em lágrimas, porém, estufou o seu peito ao prosseguir, certo de que outras revelações o emocionariam - Uma sede da Nova Ordem Templária foi instituída, entretanto, poucos detêm o conhecimento do nosso regresso para que não sejamos perseguidos e capturados. Um pequeno percentual de monges foi resgatado ao

lutarem pela causa cristã da qual acreditamos e depositamos a nossa fé - a também se emocionar, declarou - E diante de ti, meu querido irmão, está o seu novo líder ao clamar por seu auxílio para que a nossa missão receba as Glórias do Senhor ao teu lado. Junte-se a nós, por favor, eu lhe imploro!

- Eu gostaria de rever o irmão Hayden! Como poderia me juntar a vocês se o Código dos Templários só reconhece os monges como os seus Cavaleiros, sendo que eu abdiquei deste direito. E o meu filho? Não o deixarei para trás, sozinho! - o senhor Gérard não sabia o que fazer, embora o seu desejo fosse atuar como um Cavaleiro da Ordem Templária.

- Não temos tempo a perder, numa póstera ocasião reverá o irmão Hayden! Quanto ao fato de sermos monges, não precisamos de formalidades para atinar que um homem cristão temente a Deus não mereça a mesma honraria de um Cavaleiro. E a respeito do seu filho?

- Dariell hesitou ao ser auxiliado por Klaus que se propôs.

- Eu o encaminharei para a nova sede, e assim que Louis estiver em segurança, retornarei para junto de vocês!

O senhor Gérard fitou o filho deixando transparecer o seu temor de perdê-lo.

- Eu irei para a sede! - replicou Louis ao se comportar como um adulto.

- Tem certeza! - relutou o pai.

- Certeza absoluta! - Louis o abraçou ao incentivá-lo - Vá, meu pai! O senhor sempre desejou uma nova chance para se juntar aos Cavaleiros Templários, eis aqui a sua! Não a perca por mim, eu

estarei amparado!

- Meu irmão, qual será a sua nova desculpa? - brincou Dariell ao ser iluminado por uma nova esperança - Se o fato de chamá-lo de irmão e tratá-lo com a mesma estima ofertada aos monges guerreiros não lhe for o suficiente, eu o transformarei no meu Cavaleiro.

- Como? - o senhor Gérard arregalou os olhos ao pasmar-se.

- Ajoelhe-se diante do seu novo líder! - decretou Dariell ao ser prontamente atendido, estendendo a sua mão direita para que Klaus lhe entregasse a espada.

- Pai! - alarmou-se Louis.

Robert segurou o garoto ao dizer algo em seu ouvido que o acalmou.

- Pelo poder a mim atribuído, eu o reinicio como um novo membro e Cavaleiro da Nova Ordem Templária ao ser o primeiro cidadão cristão a integrá-la - Dariell clamava ao depositar a sua espada lentamente em cada ombro do senhor Gérard que em submissão abaixou a cabeça, posteriormente ao depositá-la sobre a sua cabeça - Jure lealdade a nossa causa cristã, protegendo-a com a sua própria vida o sagrado conhecimento que instiga a cobiça dos homens, a fim de preservarmos o destino da humanidade.

- Eu juro! - assegurou o senhor Gérard ao receber a dádiva de servir ao Senhor.

- Que se faça presente a Divina Providência - finalizou Dariell.

Após o evento, todos celebraram com demasiada alegria o renascimento de um Antigo Cavaleiro da Ordem Templária.

Capítulo 4

Alguns dias se passaram, Robert apresentou uma melhora surpreendente ao andar sem o apoio dos amigos, gerando um clima misto entre o contentamento do seu restabelecimento e a tensão da partida.

Apesar de não transmitir a sua aflição, Dariell se preocupava com o desenrolar da missão, pressagiando a difícil jornada que os aguardava.

Absorto em pensamentos voltou à realidade ao ouvir o chamado de Klaus em anunciação da sua despedida com a incumbência de conduzir Louis para a sede da Nova Ordem, conforme o combinado.

- Chegou a hora!

O senhor Gérard preparou uma farta cesta de provisões, entregando-a com o coração dilacerado.

- Isso é tudo o que eu tenho para oferecer, talvez venha a faltar!

Cuide do meu filho, por favor, receio que ele não suporte a longa viagem.

- Grato, meu irmão! - Klaus o abraçou conferindo leves tapas nas suas costas - Tranquilize-se, Deus proverá a segurança e o alimento ao seu filho. Confie!

As singelas palavras confortaram o senhor Gérard, que nunca havia se afastado do filho, depositando a sua confiança no Senhor.

- Louis é um garoto forte como o pai, não será uma viagem que o enfraquecerá - Dariell notou a contrariedade do senhor Gérard como se ele tivesse dito algo de errado, sem dar importância ao fato.

Louis que os observava, fracassou na sua tentativa de exibir uma força interior que não condizia com a realidade, pondo-se a chorar.

- Se a minha permanência for capaz de brotar um novo sorriso em seus lábios, desistirei da minha missão e não mais partirei com Dariell e Robert - disse o pai.

- Para sorrir basta-me saber que o senhor está feliz com a decisão tomada na realização de um sonho que se consolidará. A vontade de Deus se fará presente consagrando o seu retorno como um Cavaleiro Templário - Louis o encorajava por via de tão belos dizeres ao irrefutavelmente abalar a sua estrutura emocional.

O senhor Gérard deu por encerrada a comovente despedida entre almas afins que se destacaram na atual existência nos papéis singulares de pai e filho.

Enfim, todos se despediram com lágrimas no olhar.

Klaus fez menção de abrir a porta ao ser abruptamente impedido.

- Pare! Fiquem onde estão! - ordenou Dariell.

- O que houve? - Klaus empalideceu em estremecimento.

- Ouçam! - Dariell encostou o seu ouvido na porta - Há um grande tumulto!

O senhor Gérard dirigiu-se até a porta no intuito de verificar o real motivo que alarmou o vilarejo.

- Fique aqui para a sua segurança! - Dariell barrou a sua saída.

- Perdoe desacatá-lo, meu irmão! Eu respeitarei e obedecerei ao seu comando como líder religioso da Nova Ordem Templária, conquanto, em meu vilarejo nenhum homem atemorizará os meus compatrícios sem antes sentir o furor da minha espada.

O senhor Gérard dirigiu-se até a mesa, arrancando com extremo furor a espada por debaixo, empunhando-a como um troféu.

A impetuosa ação causou assombro em todos, Dariell por sua vez, habilmente o fez ponderar o ousado plano de contra atacar os recém-chegados forasteiros.

- Sugiro que permaneça ao lado do seu filho. Eu irei pessoalmente recepcioná-los no anseio de descobrir o que desejam num vilarejo onde só há trabalhadores e famílias humildes.

- Iremos com você! - Robert e Klaus se colocaram à disposição de Dariell que gratamente lhes esboçou um sorriso.

Sem prorrogar o inevitável, Dariell abriu a porta ao ser seguido pelos amigos, ao imprudentemente reparar que nenhum dos três havia saído com a espada em punho, nem sequer ao camuflarem por debaixo das suas vestimentas, enfrentando o perigo de peito aberto.

- Bom dia! O que os senhores desejam em nosso modesto vilarejo? - sem obter uma resposta, acrescentou - Talvez um pouco

de água?

Ao contrário deles, os supostos forasteiros estavam encapuzados e montados em seus cavalos, o que parecia guiá-los, saltou bruscamente ao se encaminhar às pressas na direção de Dariell, parando à sua frente, ao fixamente mirar os seus olhos sem que o mesmo desviasse perante a tal afronta.

- Quem comanda este vilarejo? - inquiriu sem que fosse atestada a delineação de uma expressão facial.

- Ninguém comanda! Somos cidadãos livres, pagamos os impostos ao rei por meio do nosso árduo trabalho - explanou Dariell ao pressupor que a presença dos homens fosse com a alegação de cobrar subsídios restantes.

- Confunde-nos com os arrecadadores de impostos do rei - o desconhecido expressou na sua voz o equívoco de Dariell - Eu creio que o homem que procuro não habite este vilarejo, e se o fez, foi de passagem. Partiremos em paz!

- Perdoe-me a intromissão! Quem o senhor procura? - interrogou Dariell ao deduzir que o desconhecido não possuísse o sombrio caráter idealizado.

O desconhecido que se afastava, o encarou novamente, ao

informá-lo.

- O seu nome é Dariell! Dariell de Molay!

Dariell petrificou-se ao ser advertido por Robert que agisse com naturalidade.

- O que disse? - o desconhecido os flagrou sussurrando.

- Eu apenas comentava a sua lamentável perda de viagem -

replicou Robert ao nervosamente transpirar.

- Deveras, lamentável! Por obséquio, se o homem citado surgir aos arredores deste vilarejo transmita o seguinte recado: “Hayden Monteith envia-lhe homens da sua inteira confiança com instruções que complementarão a sua missão”.

Dariell atentou que o desconhecido não poderia saber do andamento da sua missão se não tivesse sido enviado pelo próprio irmão Hayden, dessa forma, anunciou destemidamente.

- Eu sou o homem que procura! Eu sou Dariell de Molay!

O desconhecido estagnou-se por alguns segundos como a analisar os traços do seu semblante encoberto por uma grossa camada de fuligem, assim como Robert e Klaus, uma camuflagem que dificultou o eficaz e imediato reconhecimento.

- Perdoe-me, Dariell! - por ímpeto, o desconhecido retirou o capuz, cabisbaixo sem deixar-se contemplar, ajoelhou-se, em menção para que os demais homens descessem dos seus cavalos ao também reverenciá-lo.

Dariell se impressionou com a lealdade dos monges, sutilmente ao depositar a sua mão sobre o queixo do desconhecido, erguendo a sua cabeça para que enfim, pudesse identificá-lo.

- Hayden! Por favor, se levante! - ambos exprimiram a emoção do reencontro - Não compreendo como não nos reconhecemos se há tempos somos unidos por laços familiares.

- Eu fico imensamente lisonjeado por considerar-me como um membro da sua família, assegurando-lhe de que o apreço seja recíproco. Quanto ao equívoco em não nos reconhecer, só o Pai

diferenciaria os filhos por debaixo dessa fuligem - caçoou Hayden fazendo-o rir.

- Irmãos é bom revê-los! - Hayden saudou Robert e Klaus que se animaram defronte a sua presença.

- Dê a ordem para que os seus guerreiros se levantem, ou assim permanecerão para o resto das suas vidas - instruiu Hayden.

Dariell outorgou-lhes a ordem de descanso ao questioná-lo.

- O que quer dizer com os meus guerreiros?

- Olhe papai, fomos abençoados com a chegada do exército pessoal de Cristo ao comando de Deus - declamou Louis que juntamente com o pai bisbilhotava o ocorrido pela fresta da porta ao ser ouvido por Hayden.

- Dariell, a sua percepção está enferrujada, o garoto passou-lhe a perna. Você precisará do apoio destes homens, logo mais me entenderá! - Hayden riu ao mirar a perturbadora feição de Dariell ao inopinadamente mudar a sua própria conduta - O semblante daquele homem ao lado do garoto parece-me familiar. Eu sinto como se já o conhecesse há anos, por outro lado, não me recordo de ter travado uma amizade com um habitante deste vilarejo.

- Talvez porque ele não tenha habitado apenas este vilarejo -

notificou Dariell.

- Eu não compreendi! Você o conhece? - Hayden sentiu-se incomodado com o olhar fixo do homem sobre si.

- Asseguro que eu não o conheça tão bem quanto o irmão! - Dariell o puxou pelo braço na intenção de proporcionar aprazimento aos amigos - Este é o senhor Gérard! - certo de que o nome não havia

induzido a reação calculada, retificou o seu anunciar - Este homem é o irmão...

- Van der Gucht! - Hayden completou a sentença - Estes grandes olhos nunca me enganaram, meu amigo!

Um forte aperto de mão seguido de um intenso abraço se concretizou entre os velhos amigos.

- Por onde tem andado? Todo esse tempo sem nos dar notícias do seu paradeiro - Hayden ansiava por detalhes da sua vida.

- É uma longa história! Entre em minha casa para conversarmos, sucederam tantas coisas após o meu desligamento da Antiga Ordem Templária - ao perceber o seu olhar perscrutador sobre o filho, revelou - A propósito, este rapazinho é o meu filho Louis!

- Decerto, muitas coisas sucederam! - atestou diante do novo fato apresentado - Que sejamos breves! Há uma importante missão a ser realizada, sendo este o motivo da minha vinda, dado que eu esteja na estrada desde a partida de Dariell, Robert e Klaus - ao fitá-los com afetuosidade fez uma interessante comparação - Juntamente com os meus irmãos, desempenhei uma fatigante busca ao revirar os extremos da França como se os três monges se escondessem de nós tal qual um caramujo em seu casco.

- O que ocorreu para tirá-lo do conforto e segurança da nossa sede? Quem está no comando da Nova Ordem? - a chegada de um exército de monges guerreiros foi o suficiente para gerar pânico em Dariell, embora disfarçasse com perspicácia o seu temor.

- Não se preocupe Dariell! A Nova Ordem está no comando do irmão Armand. Quanto às demais informações, eu lhe darei assim

que adentramos na casa do irmão Van der Gucht, em vista de não ser o lugar apropriado para mostrar-lhe o documento que tenho em minhas mãos - Hayden atribuiu o seu parecer deixando-o nervoso - Junte-se a nós! - o convite foi estendido a Robert e Klaus que por um fugaz momento se sentiram reclusos da conversação.

- Justo nas mãos do irmão mais atrapalhado da nossa Ordem - ralhou Dariell.

- Eu ouvi isso! - bradou Hayden ao ser encaminhado para o interior da casa, notando o enrubescimento do velho amigo por outrora ter desfrutado das infindas riquezas da Ordem Templária - Aconchegante a sua casa, irmão Van der Gucht! - as suas gentis palavras confortaram-lhe o coração.

Sentados em torno da mesa, Hayden ouviu com atenção as façanhas do senhor Gérard sem julgar o seu abandono à causa cristã, passando como flashes em sua mente as lembranças dolorosas da sua mocidade.

Em contrapartida, Hayden não tinha muito a dizer, uma vez que as novidades já haviam sido expostas pelos três monges, dessa forma, tratou de ser objetivo.

- Eu tenho algo para você, Dariell! - Hayden remexeu uma trouxa

com os seus pertences, retirando o pergaminho envolto num pano, abrindo-o com cautela.

Dariell recebeu o manuscrito em análise silenciosa.

Exceto para Hayden, era notória a tensão de cada um, ao feito de espicharem os olhos a fim de lerem o impossível.

- Quem lhe deu esse pergaminho? - indagou Dariell ao lacrimejar.

- Creio que tenha sido um simpatizante da nossa causa ao deixá-lo nos portões da Nova Ordem - Hayden sentiu-se mal em mentir, no entanto, dizer a verdade sobre o regresso da sua sobrinha lhe seria penoso.

- Um estranho ofertando-nos ajuda sem que a sua identidade fosse revelada ao descobrir a exata localização da nossa sede da qual ainda deveria permanecer no anonimato - a dúvida de Dariell fez com que Hayden sentisse um intenso calafrio sem a atribuição de qualquer outro esclarecimento.

- O que dizem as escritas? - Klaus manifestou a sua impaciência.

Dariell fixou novamente os olhos no pergaminho ao dar o seu parecer final.

- Essas escritas foram deixadas por meu tio, presumo que o estranho tenha sido um Cavaleiro da Antiga Ordem em fuga.

Perplexo com o anunciado, Hayden suspeitou que o homem em questão fosse um conhecido de batalha, um deslize não ter assimilado tal ocorrência.

- O que ainda esconde de nós? - Dariell lançou um olhar severo sobre o senhor Gérard, numa acusação direta - O reiniciei como um Cavaleiro da Nova Ordem Templária com o juramente de lealdade a

todos os irmãos.

- Acusa-me em minha própria casa! - vociferou ao se levantar com abrupta violência, derrubando a cadeira no chão.

- Não o acuso de nada, eu apenas exijo a sua explicação - persistiu Dariell.

- O que está havendo? Por que o trata como inimigo em sua casa?

- Hayden se levantou no intento de ampará-lo.

- Louis, deixe-nos a sós! - ordenou Dariell, só que desta vez ao declamar com austeridade.

- Não irei! - gritou o garoto - Eu te odeio por desrespeitar o meu pai!

- Obedeça-o, eu estou bem! - solicitou o pai.

- O espere lá fora! - com a voz tênue, Hayden acalmou o garoto - Procure um Cavaleiro de nome Samuel, diga-lhe que eu o enviei para que desfrutasse da sua companhia, ele lhe contará histórias maravilhosas referentes às nossas batalhas.

Mesmo que contrariado, Louis denotou a sua obediência ao se retirar.

O senhor Gérard agradeceu o velho amigo mediante uma sábia observação.

- Evidencio que você e Klaus detenham um carisma especial com as crianças.

- As crianças são o nosso futuro, se não ensinarmos os bons princípios morais, elas se tornarão perversas em ações - alegou Hayden.

Robert e Klaus os escutavam calados, temerosos que qualquer

argumentação fosse um pretexto para que Dariell viesse a ralhar com eles.

- Sentem-se todos! - uma nova ordem foi determinada por Dariell.

Ao ser prontamente atendido, demonstrou o seu arrependimento.

- Perdoem a minha impetuosidade por não medir as palavras proferidas - ao estender o seu braço sobre a mesa, apanhou a mão

trêmula do senhor Gérard - Eu não tive a intenção de ofendê-lo, já o tenho em alta estima. Perdoe este irmão que por muitas vezes se deixa influenciar pelas conclusões precipitadas.

- Em verdade, nós dois perdemos o controle da situação, você pela razão e eu pela emoção, portanto, não há motivos para que seja rogado o perdão - declarou o senhor Gérard - Se errou, eu também errei!

- Outrora, eu jurei ao meu tio que daria a minha vida para proteger tudo o que foi conquistado pela Ordem Templária, e assim o farei! - Dariell se conscientizou de que muitos monges guerreiros o aguardavam, retornando às pressas ao assunto principal - O que eu quis dizer é que o nome do irmão Gérard foi mencionado no pergaminho.

- Quem é irmão Gérard? - Hayden exprimiu a sua confusão mental.

- Ah, sim! É o irmão Van der Gucht - elucidou Dariell ao prosseguir - O meu tio foi esperto ao redigir o pergaminho num código que poucos decifrariam no intuito de que não caísse nas mãos inimigas. Ele diz que o irmão Gérard tem em sua posse as instruções que nos levará a Arca da Aliança, o encontrando, seremos

conduzidos a outras relíquias como se fosse uma caça ao tesouro.

- Que outras relíquias serão estas? - Robert indagou curiosamente.

- Aqui não diz, mas eu suponho que seja o Evangelho Apócrifo de Barnabé, e quanto às demais, confesso que para mim serão incógnitas a serem descobertas - garantiu Dariell à espera do pronunciar do senhor Gérard.

- Em minha posse? - gaguejou sem obter o entendimento.

- Acalme-se! - Dariell exibiu a sua solidariedade cristã numa ocasião em que todos deveriam se apressar nas buscas - Qualquer detalhe, qualquer lembrança!

Transcorreram-se quinze minutos no mais absoluto silêncio para o desalento de todos ao presumirem que as instruções haviam se perdido.

Dariell se levantou com o desígnio de decretar o imediato regresso dos monges guerreiros para a sede da Nova Ordem.

- Desistirá? - inquiriu Klaus.

- Não há nada mais a ser feito! - de olhar baixo, Dariell se dirigiu para a porta, enquanto os demais permaneceram em seus respectivos lugares.

- Lembrei-me de algo! - bradou o senhor Gérard.

Todos o fitaram com o coração disparado, Dariell caminhou ao seu encontro a passos largos e rápidos, numa súplica desesperadora.

- Meu irmão, diga-nos o que se recorda para o alívio do nosso tormento!

Um novo silêncio ressurgiu.

Capítulo 5

O senhor Gérard revirou um velho baú de madeira ao retirar do seu interior um objeto sem nunca ter compreendido o seu real significado.

Sem delongas, depositou a imagem de uma mulher africana sobre a mesa.

- O que é isso? - irritou-se Dariell - Não temos tempo para brincadeiras!

- Eu não estou brincando! - retrucou sisudamente - Essa imagem foi o último presente do seu tio.

- Creio que isso tenha sido um simples agrado - conjecturou Hayden.

- Não foi um agrado! - contestou ao apanhá-la em suas mãos - O Grão-Mestre assegurou-me que esta imagem seria o prenúncio de dias melhores, na época não tive o entendimento das suas palavras,

mas agora, diante de todos os informes, presumo que exista algo de especial.

- Deixe-me ver! - Dariell analisou sem que nada lhe chamasse a atenção.

- Eu posso? - pediu Robert ao seguidamente entregá-la para Klaus e Hayden sem que nada fosse encontrado.

- Agradeço por ter compartilhado o presente do meu tio Jacques, creio que essa tenha sido uma forma amistosa de manifestar o seu apreço - Dariell atribuiu uma última examinada em desapontamento - Darei aos monges guerreiros a ordem de regresso para a sede!

Dariell estendeu a sua mão no fito de entregar a imagem para o senhor Gérard, todavia, um gravíssimo descuido o fez derrubar no chão como se algo o atingisse com extrema violência, espatifando-a em vários fragmentos.

Encabulado, Dariell lamentou o ocorrido.

- O guardou com tanta estima e eu o fiz perder a última lembrança do meu tio. Perdoe-me! Perdoe-me!

Dariell o olhou perplexo ao vê-lo dar pouca importância ao evento sucedido, beijando-lhe afoitamente a testa num transloucado contentamento.

- Você é um gênio!

De sobressalto, todos ponderaram que o senhor Gérard havia enlouquecido ao vasculhar os fragmentos espalhados pelo chão.

- Que desvario é esse, irmão Van der Gucht? - preocupou-se Hayden.

- Eu desconfio que o irmão tenha encontrado uma pista - Dariell

fez menção para que todos se afastassem ao cuidadosamente se aproximar, ainda que receoso.

Agachado, o senhor Gérard parecia ter algo em suas mãos, pulando de alegria ao se levantar.

- O danado do seu tio foi ardiloso ao esconder em minha casa uma importante instrução sem nada dizer-me.

- Instrução? - Dariell sentiu o bambear das suas pernas ao ser lhe ser entregue um papel amarelado que foi dobrado por diversas vezes até se tornar minúsculo.

- O que diz? - Klaus o apressou.

- Diz que precisamos partir rumo à Etiópia! - Dariell foi taxativo na resposta.

- E o que encontraremos por lá? - questionou Robert ao contradizê-lo - Eu não assimilo o motivo da nossa partida, se tudo o que precisamos está aqui na França, onde fincamos as nossas raízes ao jurar lealdade à Nova Ordem Templária.

- Eu não levarei em consideração a recusa da minha ordem - declamou Dariell sem deixar que a sua autoridade ultrapassasse os laços de amizade.

Dariell não lhe respondeu, ao suspeitar que a pista indicada fosse

a “Arca da Aliança”, sem obter a confirmação, julgou apropriado não criar falsas esperanças.

- Dariell, como sabia das instruções? - interrogou Klaus boquiaberto.

- Eu não sabia! Foi um acidente como outro qualquer, a imagem simplesmente caiu da minha mão, no entanto, eu devo salientar... -

Dariell deixou a sua teoria de auxílio espiritual de lado ao ser interrompido por Hayden.

- O que mais seria, senão a mão de Deus a nos guiar!

Dariell concordou ao ir além, num rápido prosear sem que os demais tivessem participação.

- Irmão Hayden, eu não negarei ter sentido a presença de um espírito benfeitor.

- Não blasfeme! - Hayden vociferou colericamente - Não se esqueça de que os nossos irmãos foram penalizados por crimes similares, ao sabermos que tudo não passou de um plano sórdido para se apoderarem dos tesouros Templários.

Dariell não possuía a mente clarificada para o discernimento de algumas das suas percepções, relembrando que momentos antecedentes a sua partida da sede teria ouvido com nitidez o seu tio sussurrar-lhe no ouvido: “Siga a sua intuição que eu o guiarei!”, apesar de acreditar piamente na sua ligação com o respeitável Grão-Mestre Jacques de Molay ao auxiliá-lo na posição de um espírito benfeitor, decidiu negar para que fossem evitados pósteros dissabores

- Me perdoe! O stress conduziu-me aos pensamentos pagãos, eu somente creio na presença de Deus.

- Assim está melhor! - disse Hayden ao lhe sorrir.

- O que há Dariell? - Klaus estranhou o comportamento do amigo.

- Estou traçando mentalmente a nossa rota, dei-me alguns instantes de silêncio - solicitou Dariell isolando-se num canto da casa.

Uma nova predição surgiu ao ressoar na cabeça de Dariell como

uma trombeta.

- As instruções aneladas estão ocultamente cravadas na parede de pedras da cela em que o Grão-Mestre Jacques de Molay padeceu os seus últimos dias. Procure-a! Decifre-a! E só assim, terá em suas mãos o sagrado conhecimento da humanidade. Adie a viagem! A Arca da Aliança não se encontra nos planos de Deus para que o seu achado seja enaltecido. Etiópia não é a sua localização. “Tudo ao seu tempo, diz o Senhor!”.

- Mudança de planos, meus irmãos! - Dariell os fitou seriamente, na certeza de que um novo espírito o conduzia, pois algo o instigava a crer que se tratasse de um Cavaleiro da Antiga Ordem Templária, capturado e brutalmente assassinado como tantos outros irmãos.

- Para onde iremos? - Hayden desconfiou da sua nova decisão - Existe alguma importante referência descrita no papel que não nos foi atribuída?

- Ah, sim! - Dariell simulou ter se esquecido de passar um dos informes, ao inventá-lo - A instrução é específica, devemos iniciar as nossas buscas na cela em que o meu tio passou os dias precedentes a sua fatídica morte.

- Que absurdo, meu irmão! - ralhou Robert.

- Com todo respeito, o Grão-Mestre estava fora do seu juízo ao nos conduzir para morte - complementou Klaus.

- É uma missão perigosa! - transtornou-se o senhor Gérard.

- E você irmão! O que me diz? - Dariell observou a quietude de Hayden.

- Dariell, eu concordo com os nossos irmãos! Não é seguro nos

aventurarmos nas adjacências do Palácio de Fontainebleau, mesmo ao conscientizarmos de que o Rei Filipe IV não o governe mais - respondeu-lhe cabisbaixo por contrariá-lo.

Por alguns segundos, Dariell sentiu uma dor profunda em seu peito, dominado pelo desespero, não usou a liderança para que fosse acatada a sua determinação, ao emotivamente declarar.

- Sozinho eu não conseguirei! Meus irmãos, eu preciso da fé e da coragem de cada um para dar continuidade a nossa missão.

- Conte conosco! - bradou o senhor Gérard em nome de todos, conferindo o suporte que Dariell carecia, ao se juntarem num só abraço.

Com as forças integralmente revigoradas, Dariell apressou-se em transmitir aos monges guerreiros os próximos passos, sem se surpreender com a expressão atônita evidenciada em cada semblante.

Todos se organizavam para a execução da ordem postulada, exceto o senhor Gérard ao mirar melancolicamente o seu filho.

- Se a separação lhe for penosa, fique meu irmão! Assegure-se de que eu não me oporei a sua vontade, tampouco, sentirei-me ofendido - consolou Dariell.

- A minha tristeza não é saber onde o meu filho ficará, visto que o

irmão Klaus tenha apresentado o seu desejo de acompanhá-lo. Não negarei a minha vontade de segui-los, conquanto, teria uma conduta desumana se os tolhessem da minha colaboração nas buscas.

Ao mirar Louis que conversava alegremente com Samuel, Dariell os chamou.

- Meu irmão, o que deseja! - Samuel curvou-se à espera de uma

ordem.

Um rapaz de estatura média, traços comuns, ao dispor dos seus vinte e cinco anos de idade, ao orgulhosamente narrar as histórias das batalhas Templárias, das quais o seu irmão mais velho havia integrado.

- Tenho uma missão para você! - Dariell acanhou-se mediante o pedido, pois todo Cavaleiro que se prezasse daria a própria vida para lutar pela causa cristã, ao asseverar que o irmão Klaus fosse mais prestativo ao seu lado - Ordeno que leve Louis em segurança para a nova sede, notificando ao irmão Armand que zele por seu bem-estar até o meu regresso.

- Sim, irmão! - Samuel baixou a cabeça em sinal de obediência.

- Louis, vá arrumar os seus pertences e depois retorne para ofertar o seu velho pai com um forte abraço de despedida - Dariell e o senhor Gérard o viram entrar em casa, puxando Samuel pelo braço.

- Um bom garoto ao ter conquistado a amizade de Samuel - comentou Dariell ao sentir um inexplicável e arrebatador carinho por Louis como se o conhecesse desde o seu nascimento.

- Eu suponho que a conquista tenha sido mútua - o senhor Gérard suspirou em alívio ao atestar que o filho estaria bem amparado - Eu

pensei que a formulação do pedido causaria certa relutância no irmão Samuel.

- Irmão Samuel é jovem, eu reconheço que ele tenha mais afinidade com as palavras do que com a espada. Pacifique os seus temores, as infindas narrativas de Samuel farão Louis viajar no tempo sem que ele tenha participação ativa nas batalhas - os olhos de

Dariell brilharam, revivendo em sua mente experiências passadas, em que o tio contava as suas heroicas façanhas.

Ao obterem o direcionamento inicial da missão, todos se despediram do irmão Samuel e de Louis que dividiram a montaria de um mesmo cavalo.

- Esperem! - gritou Hayden ao fitar Dariell - Vocês irão a pé?

- O que faremos? - alarmou-se Dariell.

- Ao lembrar-me de que vocês haviam partido da sede sem cavalos, eu tomei a liberdade de trazê-los, contudo, faltará um! - Hayden se enrubesceu defronte o amigo e irmão Van der Gucht.

- Os mistérios de Deus nos induzem ao inesperado - enunciou o senhor Gérard - Eu sei onde conseguir um cavalo!

Ao freneticamente correr para o interior do vilarejo, retornou montado num cavalo de vistosa pelagem.

- Onde conseguiu? - Hayden se espantou.

- O cavalo é meu! Eu o deixo na casa de um compatrício do qual ofereço os meus préstimos ao recear que ele seja roubado. Não se preocupem! Eu nada citei sobre a missão, todavia, disse que eu e Louis visitaríamos uma prima distante que clamava por auxílio, ao julgar que a minha explicação não tenha sido satisfatória - o senhor

Gérard referiu-se ao amontoado de homens surgidos no vilarejo.

Ao comando de Dariell, iniciou-se a jornada rumo ao Palácio de Fontainebleau, embora o trajeto para a nova sede fosse o mesmo, os monges optaram pelo trajeto mais longo, assim como fizeram Samuel e Louis, pois um atalho seria de extrema periculosidade.

Dariell analisou quais seriam os pontos estrategicamente

favoráveis para que se infiltrasse no Palácio sem que fosse notado pelos oficiais que faziam a vigília externa.

- Elucide-me uma curiosidade ao considerar o nosso ato uma afronta à nova regência do Rei Carlos IV - quis saber o senhor Gérard - Por que a Nova Ordem Templária foi instituída nas proximidades do Palácio?

- Ora, meu irmão, quem seria tolo o bastante para fazê-lo - caçoou Dariell - A minha decisão foi meticulosamente arquitetada para que pósteras desconfianças não viessem a cair sobre nós.

- Sábia decisão! - bradou ao fazer-lhe uma nova indagativa, que desta vez foi ouvida pelos irmãos Hayden, Robert e Klaus - Como entraremos no Palácio?

- Entrarei sozinho sem colocar em risco a vida dos meus homens - o veredito ocasionou assombro entre os irmãos - Não me olhem como se eu fosse um louco, admitam que a entrada de todos os homens seja um desatino maior.

- Dariell utiliza-se da sua sensatez - admitiu Klaus ao ser surpreendido com o olhar desaprovador de Hayden - Não terminei! Eu só apoiarei a sua decisão se eu estiver em seu encalço.

- Sem objeções, eu faço das suas palavras as minhas! - garantiu

Robert.

- Três homens não burlarão a segurança do rei - aconselhou o senhor Gérard.

- Nos disfarçaremos de serviçais, ninguém suspeitará! - persistiu Dariell, em parte tranquilo por saber que poderia contar com a amizade de Robert e Klaus em qualquer situação.

- E como se disfarçarão de serviçais do rei se não dispomos das vestimentas? - Hayden colocava em dúvida o seu ousado plano.

- Com que propósito o exército pessoal de Cristo foi confiado a mim? - Dariell conferiu-lhe uma rápida piscadela, deixando-o mais confuso - Eles arranjarão as vestimentas das quais necessitaremos.

- Como o farão? - o senhor Gérard esbugalhou os olhos perante a sua alegação - Usará de força física contra os serviçais?

Como líder Dariell não poderia fraquejar, tendo em vista que para obter as vestimentas teriam que assassinar inocentes serviçais que nada fizeram contra a Ordem Templária, igualando-se aos inimigos, ciente da sua porvindoura ação, refletiu por alguns instantes.

- Eu não posso! O irmão Gérard alumiou os meus pensamentos, são apenas serviçais. Deus não aprovará a minha decisão.

Hayden se aproximou numa postura prudente sem abraçá-lo como o almejado, a fim de evitar que a sua conduta representasse o enfraquecimento da liderança.

- O que eu farei? - suplicou Dariell.

- Nesse momento, siga a voz do seu coração e diga-me o que ele diz? - com a voz branda, Hayden estimulou a sua percepção.

- O meu coração diz para não cometer a imprudência de

assassinar homens inocentes em nome de Deus - uma voz desconhecida o estremeceu, um espírito de um Antigo Cavaleiro Templário brindou-lhe com a resposta carecida.

- Persevere a sua fé, irmão Dariell, afastaremos o perigo que o rondar.

- Impossível! Eu não conseguirei! - murmurou Dariell.

- O que disse? Eu não o compreendi, por favor, seja mais objetivo! - Hayden franziu a testa em censura do seu comportamento que parecia estar em transe.

- Uma vez o irmão anunciou que nada é impossível aos olhos de Deus, e agora se julga incapaz de seguir aquilo que proferiu na hora da sua sublime ligação espiritual com o Criador. Lutamos e morremos pelo mesmo ideal, que seja válido o sacrifício dos nossos irmãos. Siga em paz, a luta receada não se travará no dia de hoje - declarou o espírito.

- Dariell! Dariell! - Hayden o chamou insistentemente - Meu irmão, você está tão distante de nós, o que houve?

- Não houve nada! Eu conversava com Deus, pedia-lhe uma nova direção - omitiu ao ter a sensação de que o seu corpo queimasse em chamas.

- E o que ele disse? - perguntou Klaus.

- Quem disse o quê? - entontecido com a sua abrupta comunicação espiritual, Dariell não assimilava as questões que lhe eram atribuídas.

- Concentre-se, Dariell! - advertiu Hayden.

Dariell centrou todos os seus pensamentos na missão, no anseio

de não prestar esclarecimentos da sua relação com os espíritos dos Cavaleiros da Antiga Ordem Templária.

- Eu, Robert e Klaus adentraremos no Palácio, não admitirei a postulação de novos questionamentos - decretou, como forma de encerrar o assunto.

Ao vê-los partir, Hayden cogitou silenciosamente que Dariell

tivesse passado por uma nova experiência de cunho espiritual,

temendo por seu futuro.

- Espero que a sua nova conduta não o faça perecer!

Capítulo 6

Dariell liderou Robert e Klaus sem deixar transparecer o seu nervosismo como se a conversa travada com o espírito de um Antigo Cavaleiro o encorajasse.

Hayden clamava a Deus que os protegessem de todos os males, ao depositar a sua mão direita por cima de um cinturão que o cingia, especificamente, sobre a espada ao dar o entendimento de que estaria disposto a enfrentar o inimigo que se opusesse a entrada dos monges.

- Acalme-se! Dariell é um bom homem - proferiu o senhor Gérard ao notar a angústia de Hayden.

- Ser um bom homem não o livrará de uma dolorosa morte, se porventura for flagrado no Palácio sem o prévio aval do rei - Hayden estendeu o seu olhar como se quisesse enxergar além do que lhe fosse permitido visualizar.

- Eu o compreendo, porquanto, se esquece de que Dariell possui

em suas mãos a ferramenta crucial ao seu dispor - ao perceber o olhar perscrutador sobre si, disse em acréscimo - A crença no Supremo Senhor!

- Será que ele possui somente essa crença? - sem avaliar as palavras, Hayden deixou escapar o temor que o amargurava.

- Perdoe a minha insipiência! - o senhor Gérard sacudiu a cabeça como que se quisesse ordenar os pensamentos - Quer que eu creia na possibilidade do irmão Dariell deixar-se levar por outras crenças que não sejam as cristãs?

- Eu não quero que acredite em nada, simplesmente estou a dizer... - por sorte, Hayden foi interrompido por um dos monges guerreiros, o que para ele causou um tremendo alívio.

- Eles entraram! Eu acho que o irmão Dariell subornou os oficiais em vigília - sugestionou o monge de nome Jeffrey.

- Acha que ele os subornou? - Hayden irritou-se com o comentário, ao bravejar - Respeite o nosso líder!

- Peço desculpas, não quis ofendê-lo! A minha observação foi em virtude do fácil acesso dos nossos irmãos - Jeffrey tentava compreender o ocorrido.

Hayden que não havia captado a cena alegada requisitou que o

fizesse.

- Eu não presenciei muita coisa, entretanto, o que vi foi o suficiente - Jeffrey constatou a aproximação do senhor Gérard que ansiava escutar a sua narrativa em assombro por nunca tê-lo visto na sede da Nova Ordem.

- Prossiga! - pediu Hayden - Esse irmão é de integra confiança, no

mais, esse é o irmão Van der Gucht, ainda que só eu o chame dessa forma.

- Irmão, é uma enorme honra conhecê-lo! - Jeffrey o saudou ao gaguejar.

- Não é preciso constranger-se em minha presença, eu já fui como você, um jovem monge guerreiro, agora, eu sou um velho homem cristão ao sonhar com a estabilização da Nova Ordem Templária. E por favor, me chame de irmão Gérard - o seu carisma envolveu o monge de uma inexplicável e extasiante alegria.

- Para mim o senhor será o eterno Cavaleiro Templário que lutou bravamente em nome de Deus - serenado a emoção Jeffrey explanou

- Como eu dizia, eu vi o irmão Dariell à frente dos irmãos Robert e Klaus, ao sobressaltar-me com a sua entrada triunfal como se eles fossem invisíveis aos olhos dos oficiais.

- O que quer dizer com invisíveis? - abismou-se Hayden.

- Não compreende irmão! - os olhos de Jeffrey denotaram um brilho intenso a cada palavra proferida - Deus os tornou invisíveis para que pudessem adentrar o Palácio, Ele assegurou que os seus filhos estivessem em segurança.

- Deus atua de formas misteriosas - o senhor Gérard glorificou o

milagre.

Hayden o fitou em omissão dos seus verdadeiros sentimentos.

- Apaziguemos os nossos ânimos para que não sejamos imprudentes ao alertar os oficiais por via da nossa exaltação - recomendou Hayden os deixando a sós na intenção de refletir.

A fabulosa narrativa o fez ponderar muitas das situações descritas

por Dariell, suspeitando que a intervenção de Deus não fosse direta, e sim, pelo comando dos espíritos benfeitores para que o fizessem em seu nome.

- Sandice! - disse a si mesmo - A influência de Dariell me enlouquecerá!

Enquanto isso, Dariell, Robert e Klaus tentavam se esquivar dos oficiais.

- Fujam meus irmãos! - advertiu Dariell ao ser flagrado por um oficial sem que houvesse tempo para desviar do seu caminho, calculando que a sua prisão fosse prontamente executada.

Dariell fechou os olhos ao rememorar as torturas que os seus irmãos haviam passado, convicto do seu fim, abriu os braços em sublime entrega a Deus.

- Não é dada a hora de se entregar ao Pai - uma voz sussurrou com sobriedade em sua entonação - A sua missão se iniciou não nos desaponte!

Dariell abriu os olhos sem encontrar o oficial, tampouco, o autor da voz.

- Cadê o oficial? - afligiu-se Dariell.

Robert e Klaus entreolharam-se sem intuir como iriam transmitir

um fato que eles mesmos não compreendiam.

- Não sabemos! - Klaus se antecipou ao outorgar o misterioso acontecimento - Fugíamos como o ordenado, no entanto, ao olharmos para trás não o vimos.

- Você estava frente a frente com o inimigo, é inadmissível a sua falta de tino - Robert acreditava que Dariell sabia bem mais do que

parecia demonstrar.

- Confessarei o meu pavor, posto que um líder detenha os mesmos temores dos seus subordinados - embora estivesse farto da omissão, Dariell se resguardou da verdade, convencido de que Hayden tivesse razão, um simples pronunciar seria julgado como um ato de heresia - Por uma fração de segundos, eu fechei os olhos na certeza de que seria preso e aos abri-los eu tive a mesma surpresa de vocês, o oficial desapareceu como um passe de mágica. Acreditem, é a mais pura verdade!

- Acreditamos! - replicaram os monges simultaneamente, ao deduzirem que o medo os fizesse fantasiar fatos inexistentes.

Ao fugir da embaraçosa situação, Dariell se concentrou no objetivo da missão, ao ser guiado pela voz espiritual que ressoava em sua cabeça.

- Dariell, vire à esquerda! Cuidado, há dois oficiais a postos neste corredor, caminhe em outra direção. Siga a luz dos candelabros.

- Pare! - gritou Dariell ensandecido.

Novamente, Robert e Klaus se entreolharam sem a reles compreensão do hostil comportamento do amigo.

- Quer que paremos? - a súbita interrogativa de Robert o

empalideceu.

- O que quer que façamos neste lugar? - indagou Klaus sem a nada visualizar, a não ser um extenso e gélido corredor.

- Não! Vocês não! Ah, por favor, deixem-me em paz e não façam tantas perguntas! - mentalmente confuso Dariell colocou em prática a experiência que no passado foi aprendida com o seu tio na posição de

aprendiz até que os seus pensamentos se asserenassem e a voz se calasse - Sigam-me em silêncio!

Por cinco minutos, Klaus acatou a sua ordem, conquanto, quebrou o silêncio.

- Nos guia como se tivesse entrosamento com o Palácio! Já esteve aqui? Sabe onde estão escondidas as instruções do Grão-Mestre Jacques de Molay?

- Eu ordenei o silêncio! - resmungou Dariell.

Robert deu uma sutil cotovelada em Klaus no intento de que ele se mantivesse calado, ainda que a sua curiosidade fosse à mesma.

Conforme avançavam rumo ao calabouço, se assombravam com a conduta dos oficias que os ignoravam.

- Eu não creio no meu próprio testemunho - Klaus cochichou para Robert, ao ser ouvido por Dariell que nada mencionou, ao discretamente sorrir sem que a sua reação fosse apercebido.

- Chegamos! - exclamou Dariell - Eis aqui o calabouço descrito por meu tio.

- Meu irmão, perdoe se acaso a minha postura não corresponder aos requisitos de um subordinado, ainda assim, eu não permitirei que as minhas dúvidas sejam anuladas - enunciou Robert.

- Ora, Robert! Bem sabe que eu o tenho em alta estima ao integrá-lo em minha vida como um irmão sanguíneo, nutrindo a mesma estima por Klaus - declarou ao fitá-los com apreço - Diga-me sem rodeios, quais são as suas dúvidas?

- Confio plenamente na sua liderança, todavia... - por alguns segundos o olhar fixo de Dariell o inibiu, sem escapatória, disse

àquilo que almejava - Como Klaus citou, o irmão nos guia como se conhecesse a amplidão do Palácio, e agora, nos assegura que este é o calabouço em que o Grão-Mestre Jacques de Molay esteve confinado, quando todos os outros por qual passamos apresentam as mesmas características rudimentares. Como nos explica a sua afirmação?

- Está tudo meticulosamente especificado nas instruções que o meu tio deixou - Dariell o embromou certo de que não adiantaria mostrar o papel em Código Templário, mesmo assim o fez, sendo esta a única maneira de se safar - Está aqui, leia! - entregou o papel para Robert que o devolveu ruborescido, por conseguinte, ao reparar numa rachadura na parede da cela - Olhem! A mesma ruptura descrita no papel, próxima à diminuta janela.

Após convencê-los, Dariell camuflou a sua angústia, ao sentir o aumento da sua culpa em omissão da verdade, ainda que fosse para um bem maior, visando o triunfo da missão sem travar conflitos entre os seus subordinados em expor a fé num contexto onde seria irrefutável a alegação da presença de espíritos entre os homens, gerando um pandemônio entre os menos esclarecidos.

Dariell deveria lidar com o sobrenatural, aceitando as

consequências que tais revelações acarretariam em seu futuro, ao duramente se penalizar por acreditar que no momento as suas omissões teriam o conceito de mentiras aleatoriamente contadas no anseio de enganá-los.

Duras provas surgirão durante a sua trajetória sem que o auxílio espiritual seja propagado ao secretamente inspirá-lo na concretização

dos seus ideais.

No seu íntimo uma reforma a partir das suas novas crenças seria realizada, na compreensão de que o seu amor, a sua fé e a sua veneração a Deus não revogaria as ações ditadas pelos espíritos.

Enfim, a respectiva cela estava diante dos três monges, vazia, suja e fétida, um tremor envolveu cada um, no entanto, Dariell se encorajou ao ser o primeiro a adentrá-la, sem deixar que a nova emoção o perturbasse.

- O que devemos procurar? - inquiriu Robert olhando ao redor, enquanto Klaus havia sido audaz ao revirar algumas velhas cobertas deixadas pelos prisioneiros, que decerto não sobreviveram para apanhá-las.

- Klaus, pare o que estiver fazendo! - Dariell ordenou.

- Perdoe a minha intromissão! - em obediência, Klaus largou as cobertas sem o entendimento do ocorrido.

Dariell analisava cada bloco de pedra que constituía a parede.

- O que procura meu irmão? - arriscou-se Robert ao recear uma repreensão - Por favor, nos informe a fim de que sejamos úteis no cumprimento da missão.

- Eu procuro por escritas - Dariell conscientizou-se da sua rigidez

com amigos tão leais - Desculpem-me por não dedicar-lhes da cordialidade merecida. Apesar de nunca ter pisado nesta cela, a minha mente revive os jubilosos momentos que outrora vivenciei ao lado do meu tio.

- Entendemos que por muitas vezes os sentimentos veem acima da razão sem termos forças o suficiente para dissipá-los - proferiu

Robert em apresentação da sua solidariedade - Fique em paz, não o julgaremos mediante a dor que também é sentida por nós ao perdermos muitos guerreiros de Deus.

- Estaremos juntos para o que der e vier - Klaus exibiu o seu apoio.

- Agora chega de prosa e vamos trabalhar! - controlando as lágrimas, Dariell facultou-lhes um franco sorriso, passando as instruções que naquele instante só a ele pertencia - Meu tio, o Grão-Mestre Jacques de Molay deixou as instruções da qual procuro cravadas na parede desta cela, de antemão, expresso a minha eterna gratidão em contar com a ajuda de vocês.

Entusiasmados com a confiança expressamente depositada, Robert e Klaus se esforçaram ao máximo, ao premerem os olhos devido à restrita claridade obtida no calabouço.

- Achei o que procura! - Klaus deu um salto de alegria, esquecendo-se de que o silêncio deveria ser mantido, havendo um número exorbitante de prisioneiros em celas próximas, estabelecendo-se a assídua troca de vigilância entre os oficiais.

Dariell correu na sua direção, esbarrando em Robert.

Em códigos minúsculos, abaixou-se para decifrá-los, só que desta

vez parecia-lhe complexo demais, necessitando de mais tempo.

- Dariell, não desejo estragar a sua felicidade, mas... - a voz de Robert sugeriu que uma má notícia estaria por vir - Eu aconselho a nossa imediata partida.

- O que houve? Preciso de mais tempo! - clamou Dariell.

Ao recear a imprevisível agitação do amigo, Klaus bisbilhotou, ao

bradar.

- Não há tempo! A guarda real se aproxima!

- Um instante! - Dariell solicitou mesmo ao ouvir a marcha dos oficiais.

- Agora! - insistiu Robert.

- Não terminei! - replicou Dariell.

Numa abrupta ação, Robert o puxou a força pelo braço ao fugirem dos oficiais, por sorte ao se esconderem numa cela em que não havia janela, tendo a escuridão como aliada.

- O que é isso? - os três monges escutaram com clareza os oficiais

- Conhece esse dialeto?

- Isso me parece ter sido escrito em código - opinou outro oficial.

- Certamente! - afirmou um terceiro oficial - Devemos entregá-lo ao rei.

- Antes de realizarmos o feito, façamos uma busca pelo Palácio, presumo que o rei não ficará satisfeito com a entrega deste papel sem que o autor seja levado em sua presença - o segundo oficial expressou sensatez - Estranho ouvirmos vozes e não acharmos ninguém! Se não houver um intruso, deduzirei que este pedaço de papel tenha se perdido no tempo em virtude do seu aspecto

amarelado, se não me engano, o último prisioneiro desta cela foi o Grão-Mestre Jacques de Molay.

Após a descoberta, os oficiais iniciaram as buscas, passando pela cela em que os monges estavam sem que a verificassem.

- De qual papel estavam falando? Será que ao vasculharmos a cela uma nova instrução nos passou despercebido? - inquiriu Klaus.

- Coloquei a missão em risco! - apavorou-se Dariell - Deixei cair do meu bolso o papel encontrado na imagem que o meu tio ofertou ao irmão Gérard.

- Não se atormente! O rei deteve um contato restrito com a Antiga Ordem dos Cavaleiros Templários, ele não o decifrará! - garantiu Robert.

- Mas poderá! - Dariell não aceitava o seu descuido - O que direi para o irmão Hayden? O que direi para os irmãos que nos aguardam com os informes do nosso triunfo? Eu não sou digno de tê-los em minha liderança!

- Dariell, você é o líder mais capaz que conhecemos ao recusarmos a liderança de qualquer outro. Não há nenhum Cavaleiro aprisionado nestas celas, tampouco, existam indícios da instituição da nova sede, ao chegarmos à conclusão de que o rei “não o decifrará” - Klaus reafirmou a última citação de Robert.

- Que tal deixarmos a prosa de lado e sairmos daqui? - propôs Robert.

- Eu acho uma excelente ideia, essa escuridão me dá calafrios - disse Dariell ao se juntarem num só abraço.

A questão era: Como escapariam ilesos do Palácio de

Fontainebleau em razão do acréscimo da vigilância após o achado?

91

Capítulo 7

Uma agitação entre os oficiais ocasionou a excessiva inquietação de Dariell, ao arquitetar um modo seguro de retirar Robert e Klaus do Palácio.

- Corram para aquele lado, eu os distrairei! - apontou na direção sugerida com o dedo indicar.

- Isso é suicídio! - vociferou Robert - Se acatarmos a sua ordem será preso e a nossa fuga será vista como um ato de covardia.

- Preocupe-se mais com a sua vida e menos com a sua reputação - replicou Dariell - Comunique ao irmão Hayden que ele estará no comando da missão.

- Sem você não saberemos por onde começar - cogitou Klaus.

- Regressarão para o berço do nascimento da Antiga Ordem, em Jerusalém, onde foi instituída a primeira sede dos Cavaleiros Templários! A primeira relíquia esteve sob a custódia do meu tio que

a escondeu do Rei Filipe IV para que não a confiscasse com a falsa alegação de que a nossa adoração por uma relíquia fosse um ato herege contra o Vaticano, acondicionando-a numa urna especial para que a ação do tempo não a deteriorasse, assim que a obtiverem, outras pistas virão!

- De qual relíquia sagrada se refere? - Robert lhe fez uma sábia interrogativa.

- Eu me refiro ao “Santo Sudário” - Dariell mirou a expressão embasbacada de ambos, ao postular - Apenas cite esse nome ao irmão Hayden que ele explanará o seu real significado. Agora vão!

- Não sem você! - os olhos de Klaus imploravam por sua vinda.

- Do que nos adiantará o resgate da primeira relíquia sagrada se não o tivermos ao nosso lado para festejar a nossa conquista, assim como a decifrar os demais Códigos Templários - Robert foi prudente em sua argumentação.

- Eu arranjarei um modo de escapar - Dariell relutou contra o seu desejo de segui-los - Por favor, não insistam! Como líder eu tenho o dever de protegê-los.

Contrariados, ambos acataram a ordem, correndo na direção estabelecida, por vezes, ao olharem para trás com o coração

dilacerado pela dor do abandono.

- Alto lá! - isso foi tudo que Robert e Klaus puderam ouvir.

Assustados, pararam de correr.

- Não está certo! - movido pela tristeza, com os olhos marejados

de lágrimas, Robert não conseguia avançar - Eu não posso!

- Eu também não! - Klaus o compreendeu por meio das suas

vagas palavras ao propor - Lutemos como bravos guerreiros de Deus ao salvarmos a vida do nosso líder. Afinal, estamos ao seu serviço e ao nosso lado Ele estará!

A tristeza de Robert se esvaiu em resgate da fé deixada em segundo plano.

- Tem razão, meu irmão! Deus proverá os recursos que necessitarmos para que seja garantida a nossa vitória.

Com a espada em punho, munidos de uma inexplicável e inesgotável coragem, Robert e Klaus retornaram sem encontrar Dariell.

- Para onde o levaram? - espantou-se Klaus.

- Existe apenas um extenso corredor, o sigamos para vermos onde nos levará - ponderou Robert ao ser desperto por uma voz que lhe parecia familiar.

- Irmãos! Libertem-me! Não me deixem aqui! Não suporto tanta tortura, tanta solidão. Deus finalmente atendeu o meu clamor.

Robert se encaminhou na direção da voz, seguido por Klaus que também ouviu o insistente chamado ao encontrarem numa das celas um velho homem franzino, de cabelo e barba comprida em condições precárias e desumanas.

- Por que nos chama de irmãos? Por que acha que podemos libertá-lo? Por que diz que Deus atendeu o seu clamor? - Klaus o bombardeou com várias questões ao sentir o depositar das mãos de Robert por cima dos seus ombros ao sutilmente rogar que não o assustasse, pois a prisão já lhe havia sido cruel demais.

- Conhece-me? - com a voz branda, Robert tentou uma amistosa

aproximação ao temer que a loucura de um homem em confinamento os delatasse aos oficiais.

- Mais do que a mim mesmo! - testificou o homem - Não me reconhece irmão Robert? E como está você irmão Klaus? Há tempos eu clamo a Deus que traga o meu libertador, e agora os vejo defronte a mim, extremamente envergonhado por pensar que esse reencontro jamais se concretizaria e que findaria os meus dias na mais completa solidão.

- Quem é você? - Klaus ficou nas pontas dos pés na intenção de visualizá-lo, visto que a cela fosse diferente das demais, detendo uma porta de ferro com uma minúscula janela - Oh, Deus! - cambaleou ao ser socorrido por Robert.

- O que você viu! - Robert não esperou por uma resposta ao rapidamente olhar para o interior da cela em denotação do mesmo desequilíbrio emocional.

- Meus irmãos, não se alarmem, eu sou o último? - esclareceu o homem.

De vestimentas sujas e rasgadas era incontestável a sua destemida procedência, eis que haviam encontrado o único sobrevivente da Antiga Ordem Templária.

- Quem é você? - Klaus o interrogou novamente.

- Lembram-se agora? - o velho homem puxou os seus cabelos para trás para que os seus grandes olhos azuis ficassem em evidência.

- Irmão Alonso! - o reconhecimento foi simultâneo, um renomado monge que outrora havia lutado ao lado Grão-Mestre Jacques de Molay, do irmão Hayden e do irmão Van der Gucht ao erroneamente

crerem no seu brutal assassinato.

- Ouçam-me com atenção! - orientou o irmão Alonso - Sigam por este corredor, um irmão foi levado na presença do rei, não deixem que isso aconteça, por via dos boatos entre os oficiais, ouvi que o rei saiu em caçada, conquanto, o tempo nos será benéfico, resgate-o e depois libertem-me! Apressem-se, logo mais uma nova vigília será realizada.

- O libertaremos primeiro! - Klaus manifestou o seu desejo ao ser advertido.

- Impossível! As chaves mestras estão em poder do oficial comandante, sendo ele a conduzir o nosso irmão - explanou na confiança de que eles retornariam, tendo realizado uma façanha semelhante ao facilitar a fuga do irmão Hayden e de muitos outros irmãos, fato este que acarretou na sua prisão num confinamento de segurança máxima - Por curiosidade, quem é o irmão que arriscou a própria vida por vocês? Através de uma minúscula janela eu vejo muita coisa!

- É o irmão Dariell! O sobrinho do Grão-Mestre Jacques de Molay - revelou Robert.

- Eu lhes asseguro que o irmão Dariell nutra um imenso apreço

por vocês. Agora vão! - irmão Alonso foi envolvido por uma calmaria que há muito tempo não sentia - Senhor Deus, obrigado por ouvir o meu clamor! Obrigado por enviar o socorro carecido por intermédio dos meus irmãos!

Ao vê-los se retirar, num canto da sua cela ajoelhou-se ao rogar pela vida dos monges no aguardo da tão sonhada liberdade.

A tarefa de resgatar Dariell não seria fácil ao afligir Klaus.

- E agora? O que faremos? Oito oficiais contra dois monges será um massacre.

Robert os analisou de longe como a procurar um ponto fraco sem obter êxito.

- Qualquer aproximação nós fará prisioneiros!

Um estrondoso barulho alarmou os oficiais, todavia, não foi o suficiente para se afastarem de Dariell.

- Resgataremos o irmão Dariell! - determinou a voz de um espírito.

- Claro que resgataremos, por que me diz isso? - inquiriu Robert ao pressupor que Klaus havia se pronunciado.

- Por que me interroga, se nada disse? - Klaus intrigou-se mediante o inusitado comportamento do irmão.

- Ouvirão o som do tilintar das espadas guerreando! Não se assustem! A nossa manifestação tencionará o afastamento dos oficiais os conduzindo de encontro ao nosso irmão - o espírito falou novamente dando-lhes o entendimento de que não estivessem sozinhos.

- Ouviu isso? - desta vez Klaus o escutou.

Robert não respondeu, no entanto, os seus olhos expressaram o terror ao temer que alguém os espreitasse, embora não houvesse ninguém pelas proximidades.

O tilintar das espadas se iniciou os arrepiando, sobretudo, ao atestarem a súbita correria dos oficiais em direção do som, restando dois ao fazerem a vigília.

Embora os espíritos facilitassem o resgate, Robert e Klaus pasmaram-se em face da estranha conduta de Dariell ao assoviar.

- O que há com ele? - Klaus arregalou os olhos.

- Não me importa o nome da sua loucura, contanto que sejamos perspicazes ao aproveitar a chance que nos foi ofertada. Eu pego o oficial da direita e você o da esquerda - sugeriu Robert ao precavê-lo

- E para o nosso bem, que nada seja dito! - referiu-se a voz do espírito de um Antigo Cavaleiro da Ordem Templária.

Os irmãos golpearem com destreza os oficiais que não notaram a aproximação.

- Por que a demora, meus irmãos? - sorriu Dariell ao caçoar-lhes - Deveriam ter nocauteado o da esquerda com mais força, ele desferiu-me um soco violento nas costas. Aí, como dói!

- Se doesse tanto não teria tempo para brincar - Robert resmungou.

- Onde está o sentimento de compaixão pelo seu líder? - continuou Dariell.

- Compaixão? Voltamos por você! Parece-me bem-disposto para quem seria sentenciado à morte - Klaus o fitou sem entendimento.

- Quem possui amigos como vocês, não teme o inimigo - Dariell

omitiu que o motivo da sua felicidade fosse o conforto atribuído pelo espírito em seu momento de maior desespero, ao feito de depositar a sua confiança numa força invisível.

- Eu creio que seja melhor nos apressarmos, em breve os oficiais acordarão e outros retornarão - enunciou Robert.

- As chaves! - lembrou-se Klaus.

- Que chaves? - Dariell franziu a testa - Precisamos das chaves para sair do Palácio?

- De modo algum! - deslindou Klaus - Encontramos um Cavaleiro da Antiga Ordem Templária. O irmão Alonso está vivo, lembra-se dele?

- É claro que eu me lembro! - Dariell atordoou-se com o novo informe - Mas como? Depois de tanto tempo! Por que o rei preservaria a sua vida?

- Mais tarde faremos tais perguntas! - Robert vasculhou os bolsos dos oficiais sem a nada encontrar - Como libertaremos o irmão Alonso?

A resposta para a sua questão foi rapidamente solucionada com o surgimento do comandante.

- Ele usará o apito para chamar os oficiais ao seu comando - Klaus esbugalhou os olhos ao dar impressão de que saltariam.

O comandante colocou o apito por entre os lábios, mas algo o fez desistir.

- Tudo está muito esquisito por aqui - declamou Robert ao correr em direção do comandante no intento de apanhar as chaves.

- O senhor está bem? Senhor! - audaciosamente, Robert

movimentou as suas mãos sobre as vista do comandante sem que nenhuma reação fosse apercebida como se ele tivesse levado um grande choque desconsiderando a sua presença, aproveitando a ocasião, ridicularizou o inimigo - Grato pelas chaves!

Naquele instante os três monges tencionavam a libertação do irmão Alonso.

Em reconhecimento do barulho das chaves, irmão Alonso que permanecia de joelhos como numa rigorosa penitência, levantou-se no anseio de confirmar se eram os monges, ou o comandante em vigília.

- Graças a Deus! Vocês estão a salvos! Todos vocês! - o irmão ergueu ambas as mãos aos Céus em agradecimento pela vida de cada um.

- Irmão Alonso, estaremos a salvos quando todos nós sairmos daqui! - disse Dariell de posse das chaves ao acidentalmente deixá-las cair no chão.

- Quer que eu abra? - Klaus se ofereceu.

- Eu consigo! - Dariell foi tomado pela súbita emoção, razão que afetou a sua coordenação motora, convencido de que não conseguiria, entregou o molho de chaves ao amigo.

Klaus abriu a porta com tranquilidade, irmão Alonso saiu ao depositar o braço direito por cima dos olhos, sentindo a sua ardência em virtude da forte claridade.

Suportando a dor, se posicionou na frente de Dariell e sem que uma palavra fosse emitida o abraçou num choro angustiante e ao mesmo tempo reconfortante.

Dariell se recordava do irmão Alonso em sua adolescência ao lhe ensinar com o aval do tio alguns truques que salvariam a sua vida em batalhas.

- Deus é sábio em seus desígnios - enxugando as lágrimas do irmão, anunciou - Ele o trouxe em minha presença para que juntos liderássemos a sua missão.

Irmão Alonso não assimilou o real significado das suas palavras, ao contrário de Dariell que contemplou na sua pessoa uma luz no final do túnel a lhe guiar, presumindo que o seu contato com o Grão-Mestre havia sido superior no quesito estratégico de combates e minudente no inventário que constavam as relíquias sagradas, porquanto, em igualdade nas amizades travadas entre o irmão Hayden e o irmão Van der Gucht.

Após o reencontro, irmão Alonso foi carregado por Dariell e Robert, em razão da sua debilidade física, a corrida contra o tempo foi intensa ao recearem que os oficiais dessem o alerta da invasão. Dariell os direcionava como se conhecesse todas as instalações do Palácio, sendo indiscutível o fato de que a assistência espiritual estivesse presente.

Do lado externo, os irmãos Hayden e Gérard se encontravam apreensivos por conta da demora, entretanto, não puderam pedir esclarecimentos do ocorrido.

Dariell ajudou o irmão Alonso a subir no cavalo, dividindo a mesma montaria, posteriormente, ordenou a retirada de todos os monges guerreiros para o interior da floresta, convicto de que os oficiais não a vasculhariam, posto que as lendas de criaturas

horrendas e areias movediças perdurassem ao distanciá-los do local. Estando fora de perigo, Hayden requisitou a explanação de todos os detalhes, primeiramente, ao dar um severo corretivo em Dariell.

- Por Deus, pensávamos em invadir o Palácio! Por que a demora? Quem é esse estranho? Não me diga que trouxe um prisioneiro ao colocar em risco a nossa missão? Leve-o daqui para a segurança de

todos!

- Vejo que os anos não mudaram a sua gentil forma de tratar os velhos amigos - zombou o irmão Alonso - Em outra ocasião um forte aperto de mão seguido de um porre seria o suficiente para enaltecer a nossa amizade.

Flagrado com o inusitado comentário do estranho ao atrevidamente lhe dirigir a palavra, empalideceu em meticulosa análise.

- As suas vestimentas, onde conseguiu? - Hayden pensou que o estranho às tivesse surrupiado, se passando por um Cavaleiro da Antiga Ordem Templária.

O senhor Gérard se aproximou ao fitá-lo nos olhos.

- Tirando a barba e cortando os cabelos a sua fisionomia me parece familiar!

- O irmão também! - resmungou o irmão Alonso - Qual é o seu nome?

- Embora eu esteja nesta missão como um cidadão cristão, todos me chamam de irmão Gérard - replicou ao socorrer o estranho que mal conseguia se sustentar em pé - Sente-se neste tronco! Aos poucos a sua circulação será reativada e a dor que hoje sente passará.

O irmão Alonso aceitou a sugestão, ao humildemente lhe sorrir.

- Assegura que a minha dor passará, como pode ter tanta certeza?

- Outrora fui um monge, um fidedigno Cavaleiro da Antiga Ordem Templária. Eu passei pelos mesmos apuros ao receber a sentença do meu confinamento, a restrição parcial dos movimentos atrofiou os meus músculos, contudo, acredito que a minha dor não

tenha sido tão forte quanto a sua - lembrando-se das torturas a que foi submetido, num ato irrefletido, ajoelhou-se diante do homem ao chorar.

Sem que tivesse o discernimento do seu descontrole emocional, irmão Alonso depositou ambas as mãos por cima da sua cabeça num ato misericordioso.

- Irmão, porque chora por mim?

- Choro porque o abandonei! - o senhor Gérard soluçava tal qual a uma criança - Por que não veio conosco?

- Conhece esse homem? - Hayden se abalou com a emotividade presenciada.

- Não o reconhece, meu irmão? - com os olhos avermelhados, o senhor Gérard revelou - Esse estranho a pouco referido é o nosso saudoso irmão Alonso.

- Não pode ser! - esbravejou Hayden - Irmão Alonso está morto! Há tempos eu carrego o remorso da sua morte.

- Estou tão vivo quanto você, meu irmão! - declarou de olhar terno - Remorso? Não deveria nutrir esse amargo sentimento. Todos nós lutávamos por uma mesma causa, eu fiz a minha escolha, eu fiquei para que muitos pudessem fugir, para que você meu irmão,

pudesse fugir, e nem mesmo em meu último suspiro de vida me arrependerei do que fiz.

- Então, eu devo a minha vida a você! Como o recompensarei por tamanho ato de bondade? - Hayden também se ajoelhou ao mirá-lo com apreço, deixando que as lágrimas transbordassem dos seus olhos.

- Reencontrá-lo e saber que a sua vida foi poupada é a maior das recompensas - duvidoso quanto à presença daquele que se identificou como o irmão Gérard, inquiriu - Sente a minha dor como se me conhecesse intimamente. Perdoe-me por não me lembrar de um monge com a sua denominação.

- O reconheceria se o irmão tivesse outorgado o nome que honrosamente usou durante as Cruzadas - esclareceu Hayden - Este é o irmão Van der Gucht!

- Van der Gucht! - irmão Alonso repetiu em alto tom, esfregando os seus olhos como que se quisesse despertar de um sonho. Comovido, lançou-se de joelhos ao chão sem se importar com a sua debilidade física para que pudessem se unir num caloroso abraço.

- Irmão Alonso, por que o rei o deixou vivo por todo esse tempo? Existe algo escuso que queira nos contar? - Klaus interrompeu o abraço dos velhos amigos.

- Agora não é hora para tais interrogativas - repreendeu Dariell.

- Eu responderei de bom grado - sem demonstrar aborrecimento, irmão Alonso foi direto ao assunto - Se quer saber se eu delatei os nossos irmãos ao revelar os segredos que me foram confiados pelo Grão-Mestre Jacques de Molay, a resposta é não! Eu permaneci vivo

ao ser diariamente torturado em doses ínfimas para que a minha vida fosse poupada, não por compaixão, mas por crerem que um dia, não suportando tanta dor eu finalmente revelaria a localização exata dos “Tesouros Templários”. Assim como o Grão-Mestre Jacques de Molay morreu por nós, eu morreria pela causa levando comigo esse segredo.

- Por favor, perdoe-me irmão! - ruborescido, Klaus abaixou o olhar - A minha curiosidade por vezes excede a nobreza das minhas reais intenções, por nenhum momento desconfiei da sua lealdade.

- Não há o porquê se desculpar, todos almejavam o meu testemunho - proferiu ao ser surpreendido com a animação de Dariell.

- Quer dizer que os “Tesouros Templários” realmente existem? O irmão pode nos conduzir até eles?

- Sim! Apenas dei-me algumas horas de descanso para o restabelecimento das minhas forças, não possuo a mesma jovialidade de antes, pequenos esforços me tiram o fôlego - pediu em testemunho da contagiante alegria que a sua afirmativa havia provocado nos monges.

- Eu lhe darei não somente algumas horas de descanso, mas o restante do dia. Partiremos ao amanhecer! - finalizou Dariell.

Assim como Dariell, Robert e Klaus eram um trio, com a extinção do Grão-Mestre Jacques de Molay, formou-se outro, ao terem a identificação do quarto membro omitida anteriormente pelo senhor Gérard.

Como líder, Dariell se juntou aos demais monges para que a sua

presença os encorajassem, temendo uma represália do rei ao decretar uma busca implacável pelo prisioneiro que naquele instante seria considerado o único sobrevivente da Antiga Ordem Templária: “Irmão Alonso”.

Parte II

A busca pelas relíquias sagradas

107

Capítulo 1

Um novo dia resplandecia e com ele uma nova esperança entre os monges guerreiros, cientes de que partiriam rumo à cidade santa de Jerusalém no aguardo das instruções do líder.

- Bom dia, meus irmãos! Iniciaremos uma longa jornada no intento de resgatar a primeira relíquia sagrada que foi escondida por meu tio, o Grão-Mestre Jacques de Molay em Códigos Templários, impossibilitando a cobiça entre os povos que matariam uns aos outros em busca do poder absoluto. Deus nos dadivou com a ilustre presença do irmão Alonso que nos conduzirá ao triunfo da nossa missão, auxiliando-me a decifrar esses mesmos códigos.

- Qual será a primeira relíquia a ser resgatada? - perguntou um dos monges - E o que realmente devemos procurar?

- Decifrei rapidamente as instruções cravadas na parede de pedras da cela do qual o Grão-Mestre esteve em confinamento, uma triste

lembrança! Tivemos um tempo restrito, a guarda real havia notado a nossa presença ao escaparmos por um triz, naquele instante Deus iluminava os nossos passos. Admito que eu pouco saiba a respeito do “Santo Sudário”, a primeira relíquia que será resgatada, desta forma, darei a palavra ao irmão Hayden, um sábio estudioso do assunto.

- Grato irmão Dariell! - Hayden passou o seu conhecimento - O Santo Sudário é uma peça de linho branco que envolveu Cristo em seu sepultamento, entretanto, o Rei Filipe IV nos caluniou ao afirmar que venerávamos a imagem de um ídolo misterioso. Meus irmãos, podíamos ver, beijar e tocar nessa relíquia ao ter sido encharcada com o sangue do próprio Cristo, a prova incontestável da sua paixão e morte. Essa peça expõe o seu sofrimento ao constatarmos os seus traumatismos físicos durante o processo da sua crucificação, como se visualizássemos as suas feridas. Arrepio-me só de imaginar!

- O irmão já o viu? - quis saber outro monge.

- Nunca alcancei essa graça - asseverou Hayden ao fitar o irmão Alonso.

- Eu o vi a uma longa distância - garantiu o irmão Alonso - Uma das minhas funções ao lado do Grão-Mestre era catalogar as relíquias sagradas sem que eu soubesse o destino escolhido para cada uma.

- Mas agora já sabemos! - declamou Klaus.

- A vitória é nossa, meus irmãos! - Dariell empunhou a sua espada para o alto ao ouvir o bradar eufórico dos monges - Sigam-me!

Todos montaram em seus respectivos cavalos, exceto o irmão Alonso que mais uma vez dividiu a montaria com Dariell em denotação da sua alegria em fazê-lo.

A jornada era extensa e exaustiva, muitas vezes, a fome e a sede os consumiam em meio ao caminho ao suprirem as suas carências com os alimentos provindos da natureza, isto é, quando os encontravam.

Possuindo a plena consciência de que em cada busca essas mesmas carências aumentariam assim como a exaustão, Dariell temeu o seu fracasso como líder.

- Se o Nosso Deus Misericordioso no incumbiu desta missão, é porque confia em nossa capacidade de realização. Ele crê mais em seus filhos do que você em seus irmãos - anunciou o irmão Alonso ao evidenciar o desolamento de Dariell.

- Não se trata da crença! Os nossos irmãos estão famintos, e eu, na posição de líder deveria suprir o alimento de cada dia - Dariell saltou do cavalo o ajudando a descer.

Enfim, haviam chegado à cidade de Jerusalém.

- Por onde começaremos? - os monges aguardavam por novas instruções.

- Começaremos pelas ruínas do Templo de Salomão - orientou Dariell.

- É arriscado demais! Quer que nos embrenhemos pelos

escombros do Templo de Salomão? - vociferou um dos monges em meio ao aglomerado de guerreiros.

- Sim! - Dariell não hesitou em sua afirmação.

- Impossível! - o mesmo monge criou pânico entre os mais enfraquecidos na fé - A sede da Antiga Ordem foi construída sobre as ruínas deste Templo ao também ser destruída. Será uma tarefa

redobrada!

- Eu nunca disse que seria fácil! - Dariell recordou-se das últimas palavras do irmão Alonso e até mesmo de Louis - Deus nos capacitou para que cumpríssemos os seus desígnios ao dar-nos a custódia legal de algumas relíquias deixadas por seu filho “O Nosso Salvador”. Somos o exército pessoal de Cristo ao comando de Deus. Confie em seu poder a fim de conquistarmos a glória.

- Confiamos! - exclamou um dos monges guerreiros ao se ajoelhar, numa ação espontânea os demais executaram o mesmo feito.

Dariell também se ajoelhou ao fincar a sua espada no chão de cabeça baixa, postulando a realização de uma oração, em súplicas ao Pai para que afastasse os pensamentos que os incitariam a derrota.

- Diga-lhes sobre a Arca da Aliança - sugeriu o senhor Gérard ajoelhando-se ao lado - Isso lhes dará a confiança de que necessitam!

- O que direi? Onde a encontrarei? Essa é a relíquia preciosa de Deus! - Dariell sentiu o pulsar do seu coração - Não posso lhes dar falsas esperanças!

Ao atestar a indecisão de Dariell, reavivou a sua memória.

- Lembra-se do pergaminho que lhe foi entregue pelo irmão

Hayden em relato de que eu tivesse as instruções da Arca da Aliança e assim que a encontrássemos seríamos conduzidos a outras relíquias?

- Sim, me lembro! - Dariell suspendeu ambas as sobrancelhas, em acréscimo - Havia também as instruções no pedaço de papel que o meu tio inseriu na imagem acidentalmente quebrada. Acha que tem

alguma ligação com a Arca da Aliança?

- Eu desconfio que tenha! - ao se levantarem, o senhor Gérard contemplou a gratidão estampada nos olhos de Dariell.

- Que Deus continue a iluminá-lo para que assim possa me aconselhar! Eu mal pude decifrar os códigos cravados na parede da cela, ainda mais, com os irmãos Robert e Klaus me pressionando com a chegada dos oficiais - Dariell lhe atribuiu outra confidência - Eu estava apavorado, me esquecendo das instruções que nos conduzirá aos outros achados. Obrigado irmão! - numa ação inesperada, beijou-lhe a mão.

As justificativas do senhor Gérard o fizeram tomar a liderança com mais vigor.

- Meus irmãos, um momento, por favor! - os monges que se direcionavam as ruínas recuaram ao chamado do líder - Existe uma importante descoberta que os animará perante a fastidiosa tarefa de hoje!

- A qual descoberta se refere? Diga-nos irmão, precisamos deste estímulo? - diversas vozes se fundiram sem distinção da sua procedência.

- Eu me refiro a maior relíquia sagrada cobiçada pelo homem -

um suspense foi criado ao alarmá-los - Meus irmãos, eu me refiro a Arca da Aliança!

Suspiros extasiantes e olhares perscrutadores foram captados por Dariell que não escondeu a sua satisfação.

- Com todo respeito, essa relíquia está fora do nosso alcance - pronunciou-se um dos monges provocando uma pequena irritação em

Dariell que facilmente contornou a situação.

- Ouçam-me! Aos irmãos que me conhecem dos campos de batalhas e aos mais novos que me aceitaram como líder quando a sede da Nova Ordem Templária foi instituída, todos vocês possuem o discernimento de que eu não perderia o meu tempo a ludibriá-los? - nenhuma resposta foi dada em entendimento de que os monges depositassem a fé e a confiança no líder escolhido.

Embora disfarçassem, um cochicho a respeito da próxima missão surgiu.

Dariell respeitou o momento de cada um, os acompanhando em silêncio até as ruínas, em pensamentos questionou a si próprio.

- Existem tantas relíquias a serem resgatadas, receio que eu não sobreviva para a efetivação dos grandes feitos, ao levarmos dias, meses ou até mesmo anos para a consolidação das próximas metas. O que eu farei de posse delas? Para onde as levarei se eu tenho o dever de prosseguir com a minha jornada? Irmãos Hayden, Gérard e Alonso não possuem a jovialidade de antes, decerto será um ato egoísta conduzi-los a uma pretensiosa viagem que nem eu sei ao certo quando se findará com o propósito de favorecer-me do auxílio. Pressinto que terei que agir sozinho ao ser guiado pela luz da Divina

Providência. O desconhecido me amedronta! O que eu farei de agora em diante se todos contam com a perspicácia de um líder?

- Muitas dúvidas o rondam, meu irmão! Assegure-se de que a assistência virá pelas mãos do Criador para que o seu fardo se torne leve - surpreendido pela voz, Dariell olhou ao seu entorno sem a nada visualizar, porém, Hayden o fitava de longe ao temer que ele

tivesse a imprudência de se comunicar com os espíritos.

Dariell balançou a cabeça no fito de afastar os pensamentos e se concentrar na missão, ao dificultosamente se embrenhar por entre os escombros.

- Não me ignore irmão! Sabe muito bem que eu estou ao seu lado a lhe falar - persistiu o espírito.

- Vá embora, por favor! Se me flagrarem conversando com um espírito eu serei acusado de... - Dariell não completou a frase ao recear que qualquer pronunciado fosse uma ofensa à entidade, ao novamente clamar - Vá embora, por favor!

- A ingenuidade o torna especial - o espírito o tratou com amabilidade - Para que possamos interagir sem que haja suspeitas, transmita-me os seus temores, as suas dúvidas e as suas interrogativas através dos seus pensamentos. Nós espíritos possuímos a telepatia como um meio alternativo de comunicação ao salientar que a sua receptividade em nos aperceber facilita esse contato.

- Se possui a telepatia como um meio alternativo de comunicação, está ciente dos meus temores - Dariell o testou ao crer que tudo não passasse de invenção.

- Sim, eu estou ciente! - confirmou o espírito, fazendo-o sentir a contração de cada músculo do seu corpo como se houvesse a inserção direta de adrenalina na sua veia - Se não for possível resgatar todas as relíquias sagradas no tempo da sua breve passagem terrena, Deus designará um novo irmão integralmente devoto e leal aos princípios da fé cristã para dar continuidade a nobre causa,

todavia, isso não desmerecerá o seu empenho. As relíquias sagradas serão encaminhadas aos locais designados pelo Pai, ainda que eu venha a desconhecer a sua vontade, enquanto isso não ocorrer, as confisquem e as protejam da desprezível ganância do homem, as demais instruções virão ao seu tempo. De momento, as armazenem no subsolo secretamente construído na nova sede. Quanto aos velhos irmãos, eles serão amparados quando as suas forças se anularem, trilharemos lado a lado a mesma jornada ainda que a nossa presença não seja notada.

- A nossa presença? Quantos espíritos nos acompanham? - pasmou-se Dariell.

- Dezenas, centenas, talvez milhares! - confidenciou o espírito.

- Exagero! - retrucou Dariell.

- Há muitos irmãos da Antiga Ordem Templária que tencionam findar a missão que lhes foi outorgada no anseio de encontrarem a paz. A travessia dos nossos irmãos para o Plano Espiritual de encontro ao Pai se concretizará quando todas as relíquias sagradas forem encontradas e protegidas, esse havia sido o decreto do Grão-Mestre Jacques de Molay em presságio da sua prisão - explanou o espírito.

- Quer que eu compreenda que será preciso acatar a ordem do meu tio para que todos os espíritos encontrem a paz? - Dariell atordoou-se.

- Cada espírito possui em sua breve passagem terrena um tempo estipulado por Deus estando aptos na realização das tarefas que lhes foram designadas no ato da reencarnação, embora a lembrança não

nos seja permitida, somos conduzidos às ações benevolentes que regem a nossa existência, ainda que existam aqueles que optarão por caminhos opostos, ao prestarem contas com o Pai através dos débitos que se assomarão em suas pósteras reencarnações para que os seus erros sejam resgatados. Os espíritos dos Antigos Cavaleiros Templários creem que só terão a paz ao término da missão, recusando qualquer tipo de assistência espiritual ao se intitularem os destemidos monges guerreiros, acima da própria redenção.

Dariell julgou que a sua responsabilidade fosse maior do que a qualificada, por alguns segundos esqueceu-se de que o espírito pudesse ouvi-lo, deixando que a negatividade dos seus pensamentos o dominasse.

- Eu não sou apto para o cumprimento da tarefa! Resgatar as relíquias sagradas é um fardo pesado, agora, concluir a segunda tarefa de auxiliar todos os espíritos dos Antigos Cavaleiros na transição entre os Planos é totalmente inviável!

- Deus o capacitou para que agisse conforme a sua vontade, não menospreze o poder divino que o rege. Tenha sempre em mente de que os Planos de Deus não serão compreensíveis nem mesmo aos homens de inabalável fé, no entanto, Ele os proverá do que lhes

faltar. Fortaleça a sua crença para que os irmãos ao seu comando desfrutem das bênçãos do Senhor - ao pressentir a gradual aproximação do irmão Hayden, o espírito lhe disse antes de partir - Silencie a minha presença, a revelação da nossa passagem entre os irmãos terrenos um dia se esclarecerá e não mais será visto como um ser alienado. Que a paz e a sabedoria lhe guiem pelas tortuosas

veredas da vida.

- Que a paz esteja presente na vida dos meus irmãos, sejam eles terrenos ou espirituais - ao se despedir do espírito, Dariell olhou para trás na espera do irmão que corria ao seu encontro.

- Dariell! Irmão Dariell! - Hayden gritava ensandecido por seu nome.

- Diga irmão, por que essa afobação? - uma pergunta incoerente em vista do esforço que todos faziam ao caminharem por cima dos escombros.

- Não fuja do assunto, pois eu bem sei o que fazia! - zangou-se Hayden.

- E o que eu fazia? Atribui alguma ordem que não corresponda aos verdadeiros propósitos da missão? - fingiu-se de sonso.

- Dariell! - bradou rispidamente - Conversava com quem? Algum espírito?

- Irmão Hayden, com todo respeito, viu-me abrir a boca para conversar com alguém? - Dariell seguiu a risca as orientações do espírito.

- Ninguém mesmo? - insistiu Hayden ao duvidar.

- Ninguém! Se houver algo a ser dito eu prometo que o farei -

outra omissão que pesou nos ombros de Dariell.

Observando as mesmas dificuldades do senhor Gérard e do irmão Alonso ao caminharem por entre os escombros, propôs.

- Descansem! Seguirei com os irmãos Robert e Klaus, se nesse ínterim algo for encontrado, os chamaremos.

A proposta foi aceita ao se sentaram por cima das pedras,

incluindo Hayden.

A escavação das ruínas perdurou por horas, debaixo do sol escaldante, sem alimento e sem água muitos dos monges se entregaram a estafa mental e física, porém, Dariell os persuadia a não desistir.

- Não quero pedra sobre pedra! Vamos! Força, meus irmãos!

Testemunhando o desmaio de alguns irmãos que não se sustentavam em pé, os seus olhos marejaram e uma dor comprimiu-lhe o peito, sem hesitar, lançou-se de joelhos no chão, questionando o espírito em alto tom.

- O que quis me dizer com: “Fortaleça a sua crença para que os irmãos ao seu comando desfrutem das bênçãos do Senhor”?

Os irmãos Robert e Klaus fitaram-no indignado sem que houvesse a presença de um quarto elemento para lhe dar a resposta.

- Eu creio em Deus ao depositar em suas mãos toda a essência que rege o meu ser - acrescentou Dariell ao ser interrompido com o bradar de um monge.

- Uma passagem! Eu encontrei uma passagem!

Dariell se levantou ao tropeçar pelas pedras, chegando à passagem aberta pelos monges, um imenso buraco por assim dizer,

encorajou-se a descer com o auxílio de uma corda.

- O que há? - quis saber Klaus.

- Ouçam! - rogou Dariell - Deus não nos indicou somente uma passagem como nos conduziu a uma fonte de água por debaixo das ruínas.

- Água? - espantou-se Robert como a duvidar.

- Desçam não há perigo de desmoronamento, eu sinto uma sutil correnteza de ar em minha direção - certificou-se ao fixar os pés no solo - Joguem algo que me permita iluminar o local no intento de aumentar a minha visibilidade.

Minutos depois, algumas tochas de fogo foram lançadas no buraco, para a sua segurança, Dariell se distanciou ao verificar que havia um extenso corredor.

- Desçam rápido! - gritou ao apanhar uma das tochas.

Alguns dos monges acataram a sua determinação, entre eles Robert e Klaus ao seguirem o barulho da água.

- Aonde este corredor nos levará? - inquiriu Klaus.

- Eu creio que nos levará ao cumprimento da nossa missão - garantiu Dariell.

- Antes, matemos a nossa sede! - aconselhou Robert ao encontrar um pequeno orifício na parede por onde transbordava água limpa - Incrível este corredor não ter desmoronado com tanta água infiltrada na sua estrutura.

Dariell sorriu convicto de que as bênçãos de Deus atuassem sobre os irmãos.

Ao saciarem a sede, Dariell ordenou que os monges presentes

fossem buscar os cantis daqueles que não haviam descido para que se favorecessem da água, ao feito de notificarem os irmãos Hayden, Alonso e Gérard do sucedido, cumprindo a promessa do anunciado, receando que fossem insanos ou corajosos o bastante para adentrarem no que teria restado do Templo de Salomão.

Ao se embrenharem no corredor, Klaus sentiu algo pinicar a sua

perna.

- A minha tocha se apagou, coloquem luz aqui, por favor!

Os monges iluminaram o local indicado, admirados com a sublime visão.

Mas uma vez Dariell expressou o seu sorriso

- Como isso é possível? - questionou Klaus.

- Somos testemunhas dos Planos de Deus - alegou Dariell.

- Testemunhas? - o olhar de Klaus exprimiu a sua desorientação mental.

- Acaso imaginou que Deus nos colocaria ao seu serviço sem nos oferecer um modo de suprir as nossas necessidades? - Dariell não esperou por uma resposta - Saciem-se e levem os alimentos aos nossos irmãos, há o suficiente para todos!

A picada sentida por Klaus era de um cacto ao brindar-lhes com os seus frutos, uma Obra Divina surgida por entre as ruínas do Templo de um majestoso rei notabilizado por sua sabedoria, riquezas abundantes e um reinado sem guerras, frisando que antes da sua devastação a Arca da Aliança esteve neste local ao ser tomada como prêmio de conquista pelos soldados do temível Rei da Babilônia “Nabucodonosor”, assim como outros objetos de valores

inestimáveis, ao sempre chegarmos ao ponto de que a ambição conduz a degradação espiritual do homem.

Dariell teria realizado uma busca em vão?

Teria ele decifrado com exatidão o local de encontro do Santo Sudário sem que o mesmo fosse apercebido pelos soldados em abandono de alguns tesouros do Rei Salomão, sendo este um novo

milagre ao consagrá-los?

Ao admitir que a Nova Ordem Templária carecesse de todo o tesouro resgatado para que tivessem os mesmos prestígios de antes, um reconhecimento particular entre os membros que não mais poderiam proclamá-los.

Capítulo 2

Motivado pela ansiedade e o desejo de cumprir o primeiro desígnio de Deus, Dariell vasculhou o local machucando gravemente as suas mãos, acreditando que por debaixo da terra existissem algumas das riquezas do Templo de Salomão.

- A sua mão está sangrando! Deixe conosco o íngreme trabalho de revirar a terra, um líder não deve executar a função dos seus subordinados - disse Klaus.

- Acredita que um líder deva receber a glória sem esforço? - indagou Dariell.

Envergonhado ao mesmo tempo em que orgulhoso do seu líder, Klaus apanhou um lenço do bolso, ao gesticular que ele lhe estendesse o braço para que pudesse enfaixar a sua mão a fim de estancar o sangramento.

- Preocupa-se demais com o meu bem-estar esquecendo-se de que

eu seja um monge ao descender da mesma garra de um Cavaleiro Templário, desse modo, ao agir com igualdade e humildade - a gratidão de Dariell foi expressa pelo olhar.

- Sempre benevolente com os nossos irmãos! - surpreendido com a afirmação de Hayden, Dariell se virou com tamanha rapidez que se não fosse a presença de Robert ao seu lado se desequilibraria ao cair no chão.

- O que fazem aqui? Eu ordenei que levassem água e frutos aos irmãos que estivessem acima de nós - Dariell denotou a sua perplexidade ao averiguar que o senhor Gérard e o irmão Alonso também haviam se encorajado a descer.

- Recebemos os frutos, porquanto... - irmão Alonso se pronunciou hesitante no término da sua frase.

- Porquanto? - ajudou Dariell ao suspender ambas as sobrancelhas.

- Queríamos assimilar de onde vieram? Quero dizer! - irmão Alonso enrolou-se na formulação da questão ao reparar no pequeno orifício localizado na parede que transbordava a água, sanando uma das suas dúvidas - Eu já obtive a resposta da procedência da água, entretanto, elucide-me de onde vieram os frutos que nos foram

ofertados sem que haja um plantio pelas redondezas, como isso é possível?

Dariell não segurou a risada deixando-os estarrecidos defronte a sua estranha conduta, ao apontar o dedo indicador em direção do cacto.

A exaltação entre os irmãos Hayden, Alonso e Gérard gerou

assombro entre os demais que faziam as buscas em desconhecimento do verdadeiro motivo que os levou a se ajoelharem em frente do gigantesco cacto que havia resistido ao tempo numa oração de poucos dizeres, mas que deteve um nobre significado regido pelo irmão Hayden.

Senhor Deus!

Nós que somos os teus humildes servos, agradecemos pela graça alcançada em nos dadivar com os recursos indispensáveis para o avanço da nossa missão, emanando a sua energia celestial sobre os frutos a fim de nos devolver a vitalidade que julgávamos perdida em receio do nosso iminente fracasso.

Em súplicas, eu rogo que nos ensine a desempenhar o papel deste mesmo cacto, e se necessário for, replante as nossas raízes para que sejamos diariamente renovados ao darmos continuidade na missão que nos conduzirá ao triunfo, segundo a sua vontade.

Amém!

O cacto é originário dos territórios de Israel e da Palestina ao crescerem sobre si os frutos da “Sabra”, dura e espinhosa por fora, macia e doce por dentro, assim como os Cavaleiros Templários, ao demonstrarem a rispidez externa, conquanto, ao camuflarem a

brandura dos seus corações.

Inquestionavelmente, Deus os abençoava e os incentivava.

- Onde está o Santo Sudário? Deixe-me ver! - ao se levantar,

Hayden presumiu que já estivessem de posse do achado.

- Ainda não o encontramos! - relatou Dariell cabisbaixo - Subam e descansem, pode ser que demore dias até o acharmos.

- Subir? Eu não perderei o momento do achado por nada neste mundo - bradou o senhor Gérard - Será mais fácil permanecermos aqui do que nos aventurarmos numa escalada de retorno.

- Uma hora será feito! - assegurou o irmão Alonso ao pressentir o seu temor - Prometo que estaremos juntos no intuito de que todos saiam em segurança.

Aparentemente mais calmo, o senhor Gérard se dispôs a ajudar os seus irmãos executando as tarefas de acordo com as suas condições físicas, Hayden e Alonso se juntaram a ele.

Por vezes, escutava-se o festejo de um dos irmãos ao achar uma peça de ouro, prata ou bronze, por outras, alarmes em falso.

Ao anoitecer, os monges manifestaram não só o cansaço, mas o desânimo.

- Voltemos amanhã! - Dariell disfarçou o seu desapontamento - Precisamos de um merecido descanso!

- Não pare! Um líder nunca desiste! - falou uma voz a Dariell.

- Robert, as minhas forças cessaram, amanhã eu retomarei a minha posição de líder antes do amanhecer. Eu prometo! - replicou

de imediato.

- Por mim tudo bem! - Robert franziu a testa sem atinar as suas explicações.

Dariell sentiu um gélido arrepio subir por toda a sua espinha dorsal, intuindo que não havia sido o amigo a lhe falar, e sim, a presença de um espírito.

Em fila, os monges se encaminhavam em passos lentos para a saída principal, sendo assim, Dariell decidiu retornar sozinho aos seus afazeres.

- Eu ficarei um pouco mais! Descansem meus irmãos!

- Acabou de me dizer que as suas forças cessaram - Robert coçou a sua cabeça, confuso em pensamentos.

- Deus me concederá a força da qual necessito - declarou ao se afastar.

- Ficarei ao seu lado! - prontificou-se um dos monges ao escutá-lo.

- Eu também! - do mesmo modo que a fila se formou em minutos se desfez.

Dariell aceitou o auxílio ao se comiserar do esforço de todos.

- Procurem daquele lado! - ordenou dirigindo-se ao local mais escuro e úmido onde ninguém se aventurou a escavar.

Os monges iniciaram a tarefa sem que houvesse questionamentos.

Hayden, Gérard e Alonso receberam a ordem expressa de Dariell para que se mantivessem sentados no fito de aguardá-lo, uma ordem que não foi contestada devido à excessiva fadiga e tremor dos seus corpos.

Quatro horas haviam se passado, por um fugaz momento, Dariell considerou um desatino fazê-los trabalhar de forma redobrada sem que um único achado lhes desse a estimulação para prosseguir.

Em análise da situação, ponderou que a melhor alternativa fosse a desistência, porém, um grito o fez mudar de planos.

- Irmão Dariell, há algo por aqui!

Empolgado, Dariell tropeçou por cima do achado se machucando ainda mais.

- Você está bem! - Robert o socorreu.

- Sim, estou bem! - replicou sem exibir a gravidade dos seus novos ferimentos.

Ao presenciarem a queda, Hayden, Gérard e Alonso correram em auxílio.

- Deixe-me ver os ferimentos! - requisitou Hayden.

- Não há nada a ser visto, irmão! - Dariell desviou o olhar sem êxito.

- Se não há nada a ser visto não se importará que eu o veja - enganar Hayden era um feito impossível.

Dariell retirou as mãos de cima da ferida evidenciando uma mancha de sangue em sua vestimenta.

- Por que tenta ser mais forte do que realmente é? Acredita que a missão seja mais importante do que a vida que lhe foi concedida?

- Não há motivo para alarde foi uma ferida superficial, ao sairmos daqui eu a tratarei - ciente da preocupação de Hayden, ofertou-lhe com um caloroso abraço - Reconheço a minha vida como sendo um milagre de Deus, no entanto, luto pela vida dos Antigos Cavaleiros

que tiveram todos os seus direitos revogados Agora, voltemos ao que nos interessa!

- Deixe conosco! - Klaus e Robert se posicionaram entre a caixa de madeira ao sutilmente impedir a intervenção do amigo, poupando-o de um esforço físico.

Ambos depositaram a caixa onde o foguear das tochas clareassem

o ambiente, Dariell se aproximou e com a sua espada abriu somente as laterais.

O seu coração bateu em descompasso, ao certo não obteve o discernimento se a emoção o dominava por crer que o Santo Sudário estivesse em sua posse, ou se fosse o medo da decepção ao serem encontrados objetos de valores ínfimos.

- Não vai abrir? - inquiriu o senhor Gérard espichando os olhos.

- Sim eu vou! - Dariell fixou o seu olhar em Hayden em súplicas de auxílio.

Por sua vez, Hayden caminhou em sua direção ao indagar baixinho.

- Do que tem medo? Por que não o abre? A sua ação intensifica o nervosismo dos nossos irmãos.

- Eu tenho medo de não encontrar o que procuramos. Como líder eu não posso falhar - ao sentir o peso das suas palavras, Hayden propôs.

- Que tal abrirmos juntos?

- Será uma honra! - Dariell segurou fortemente o crucifixo de ouro que cingia o seu pescoço ao simultaneamente retiraram a tampa da imensa caixa.

Intacto contra a ação do tempo, em seu interior abrigava uma segunda caixa, sendo esta de vidro com as laterais graciosamente ornamentadas em ouro maciço, visualizando com nitidez a peça de linho branco descrita pelo irmão Hayden, no comprimento de 1,83m, levando-nos a crer que essa fosse a altura de Cristo.

Com extrema cautela, fecharam a caixa para que não houvesse

trincas durante o translado, primeiramente para o lado externo das ruínas consentindo que os monges em vigília desfrutassem do mesmo aprazimento, subsequentemente ao encaminhá-lo para a sede da Nova Ordem Templária.

Uma oração foi realizada, posto que Deus os gratificasse pelos esforços.

Após a troca de vigília, alguns dos monges exauridos adormeceram, entretanto, Dariell permaneceu acordado conferindo as instruções da qual nada agradaram o irmão Hayden e o senhor Gérard.

- O que fará com o Santo Sudário? Devemos protegê-lo para que o Vaticano e o sucessor do nosso algoz não se prevaleçam do seu poder.

- Eu já tomei a minha decisão! Ao amanhecer eu selecionarei alguns irmãos delegando-lhes a importante missão de conduzir com segurança o Santo Sudário à nova sede - Dariell estava ciente de que a sua ordem os entristeceria ao somente pensar no bem-estar deles, melhor dizendo, na frágil saúde apresentada, embora o irmão Alonso possuísse uma idade semelhante, a sua disposição física após o confinamento era visivelmente superior à deles, no mais, precisaria

de um monge experiente ao seu lado.

- Está nos dispensando? Não confia em nós? - Hayden captou a sua intenção - Aliás, quem está precisando de préstimos médicos não sou eu!

- Dispensar? Eu nunca ousaria! - Dariell sentiu o queimar da sua tez - Meus irmãos assegurem-se de que a minha confiança exceda

todas as argumentações que possivelmente farei a fim de convencê-los da minha decisão.

- Pois tente nos convencer! - vociferou o senhor Gérard.

- Pacifiquem as suas emoções! - clamou Klaus ao ser repreendido por Robert para que não interferisse nas decisões do líder.

Irmão Alonso que pretendia se pronunciar, calou-se até que o seu parecer fosse solicitado.

- Estamos esperando! - ressentido, o senhor Gérard anelava por explicações - Por que me reiniciou como um Cavaleiro Templário se agora me dispensa da função? O que eu fiz de errado? O que direi ao meu filho? Direi que eu fui um péssimo Cavaleiro em desonra do título que me foi outorgado na sua presença? Já me basta não ser um monge igualmente a todos vocês.

- Vocês não me compreenderam! - sentindo-se pressionado, Dariell entrou em desespero - Eu necessito de irmãos que juraram lealdade ao meu comando. Como reunirei todas as relíquias na nova sede se não houver irmãos que as protejam?

- O irmão Armand assumiu a liderança em minha ausência - bravejou Hayden - Todos que permaneceram na nova sede são de extrema confiança, ou não são?

- Liderança que foi passada a você, irmão Hayden! Acha mesmo que o irmão Armand possui força de comando? Acha que ele é capaz de liderar uma invasão, se porventura a nossa missão for descoberta? - ao ato de exaltar a sua voz, Dariell chamou a atenção de alguns monges que dormiam, minimizando o tom emitido - Ouçam-me bem! Eu não estou colocando à prova o caráter dos irmãos que ali

permaneceram, pois se lá estão é porque são leais a nossa causa.

- Por que levará todas as relíquias para a nova sede se suspeita do perigo a nos rondar? - interpelou o senhor Gérard.

Dariell não poderia revelar as instruções do espírito, convicto de que a guarda espiritual da Antiga Ordem dos Cavaleiros Templários se faria presente na nova sede, arranjando outra justificativa.

- Eu não suspeito do perigo, é apenas precaução! Irmão Hayden saberá onde armazená-las com segurança - sobre este quesito nada mais foi citado, posto que os únicos a terem sapiência e acesso ao subsolo da nova sede era ele e Hayden, na ânsia de se redimir avançou - Um autêntico Cavaleiro Templário não é aquele que está em meio às batalhas ou se converte a posição de um monge, e sim, aquele que transmite os ensinamentos de Cristo aos irmãos menos esclarecidos glorificando a presença de Deus em cada feito realizado. Irmão Gérard, assegure-se de que não fez nada de errado, se eu o reiniciei foi por uma razão especial.

Neste instante, o senhor Gérard arregalou os olhos ao depositar ambas as mãos sobre o coração, as palavras brandas de Dariell devolveu-lhe a paz roubada.

- Irmão, assim como os planos de Deus excedem o nosso real

entendimento, eu excedi o meu ao evidenciar a sua inesgotável fé em Deus mesmo ao se distanciar da nossa Ordem, dessa forma, eu lhe atribuo a incumbência de ser o meu porta-voz na nova sede conferindo essa mesma fé aos novos irmãos. Honra-me em aceitar o convite? Decerto o seu filho se orgulhará ainda mais da sua nova função decretada pelo líder dos Cavaleiros da Nova Ordem

Templária.

O convite gerou uma súbita comoção no senhor Gérard o fazendo se derramar em lágrimas, brindando-o com um forte abraço de agradecimento.

Hayden atinou as reais intenções de Dariell em poupá-los de outras exaustivas viagens, particularmente ele, por não conseguir caminhar com rapidez devido à gravidade de uma lesão em sua coluna vertebral decorrente das antigas batalhas.

Deveras, ele e o senhor Gérard possuíam graves lesões do passado, ainda que o segundo não apresentasse tanta dificuldade em seu caminhar, no entanto, Dariell nutria um triste sentimento que lhe foi abdicado em sua infância sem almejar que o mesmo destino sucedesse com Louis, o da paternidade.

Em sua infância, Dariell perdeu os pais em virtude das guerras, conhecendo o carinho do tio quando lhe sobrava tempo, passando o seu tempo na companhia do irmão Hayden, motivo da afinidade e apreço que os uniam, desse modo, afastar Louis do pai causava-lhe tristeza.

Nobres razões a serem ocultadas e obviamente compreendidas, na posição de um líder ao transmitir força, coragem e determinação aos

seus subordinados.

Irmão Alonso conscientizou-se de que Dariell necessitaria da sua ajuda mesmo no avançar da idade, tendo a percepção de que a vida o compensasse pelos anos perdidos.

Antes de se recolher, Hayden impôs o seu lado paternal.

- Deixe-me cuidar do seu ferimento! - Dariell exprimiu no olhar a

sua alegria ao constatar que Hayden não levaria consigo nenhuma mágoa em seu regresso à nova sede, ainda a se preocupar com ele.

Dariell aceitou o auxílio, o ferimento sangrava em demasia, Hayden o estancou com a espada em brasa, entregando-lhe um pedaço de pano para que o mordesse no anseio de que o seu grito não alarmasse os irmãos que já haviam adormecido.

Após o procedimento, todos foram dormir, exceto Dariell que silenciosamente se contorcia em dor ao ter que suportá-la e disfarçá-la para dar continuidade à missão, caminhando entre os monges dirigiu-se a caixa de madeira que abrigava o Santo Sudário, através da restrita visibilidade do luar, agachou-se com cuidado.

Minúsculos dizeres estavam impressos na lateral direita, para o seu alívio o irmão Alonso obteve a estranha sensação de que a sua ajuda seria indispensável, aproximando-se com uma tocha acessa de forma a clarear as escritas.

- Assim está melhor! - irmão Alonso também se agachou.

Surpreendido, Dariell simplesmente sorriu.

- Não compreendo! Em vida, o meu tio fez questão de me ensinar os Códigos Templários e agora eu me sinto incapaz de decifrá-los.

- Deixe-me ver! - irmão Alonso analisou as escritas por alguns

segundos, por fim ao atenuar a aflição de Dariell - Antioquia! Essa é a nossa próxima missão. O Grão-Mestre foi sagaz ao mesclar os Códigos Templários com o idioma aramaico por isso ocorreu a sua falta de tino.

- O que mais diz? - Dariell intuiu que a próxima pista não os conduziria a Arca da Aliança ao ter a difícil tarefa de transmitir o seu

engano aos monges guerreiros que decerto se decepcionariam.

- Por que o desânimo? - inquiriu ao rir da sua ingenuidade -

Estamos a um passo de nos apossarmos da “Lança do Destino”, uma relíquia sagrada de similar importância ao anunciado aos nossos irmãos.

Dariell ansiou por detalhes, todavia, irmão Alonso manifestou a sua exaustão ao clamar que deixasse a narrativa para o dia seguinte, estando respectivamente mais lúcido para deslindar de uma só vez a todos os monges presentes.

De comum acordo, ambos se acomodaram entre os monges,

Dariell teria que controlar não só a sua ansiedade como a sua dor no fito de repousar figurando em sua mente a próxima relíquia a ser resgatada.

Capítulo 3

Os monges exprimiram o esgotamento do dia anterior, Dariell ainda com dor descansou o necessário sem apressá-los, tencionando que todos restabelecessem em parcial as suas energias.

Ocupando o seu tempo, adentrou a passagem que o conduziria ao Templo de Salomão no intento de se abastecer das provisões para a próxima viagem, embora a água fosse abundante, se recordou de que os irmãos famintos teriam recolhido quase todos os frutos do cacto, à vista disso, pouco restaria a ser apanhado.

De postura ereta segurou em uma das mãos uma bolsa de couro, enquanto na outra, uma tocha, em passos curtos e rápidos chegou ao destino pretendido.

Depositando a tocha por entre as pedras, entonteceu-se em testemunha de um novo milagre, da noite para o dia, o cacto havia gerado novos frutos.

Dariell esticou os braços para alcançá-los, não refletindo como o faria sem que dispusesse de uma força brutal que certamente prejudicaria a sua recuperação.

- Não creio que iniciará a comilança sem nós - Robert o flagrou juntamente com Klaus que correu em sua direção apanhando a bolsa das suas mãos.

- Chegaram na hora certa!- Dariell se alegrou com a presença dos amigos.

Com destreza, Klaus e Robert se agacharam, e em instantes transbordaram a bolsa de frutos, outros monges vieram encher os seus cantis de água os ajudando, o assombro mútuo facilitaria a abordagem de Dariell, certificando-se de que a fé havia sido fortalecida e renovada sem que subterfúgios fossem utilizados em favorecimento da missão.

Todos retornaram animados ao partilharem da benção recebida com os demais, aproveitando a oportuna ocasião, Dariell bradou.

- Irmãos, por favor, escutem todos! - todos miraram o líder, ansiosos por novos informes ao crerem que haveria alguma ligação com o miraculoso cacto frutífero - Haverá mudanças em nossa próxima missão sem mais resgatarmos a Arca da Aliança, e sim, a

Lança do Destino.

Um tumultuado de vozes foi ouvido em contestação da decisão de Dariell, em razão do ocorrido, tomou o controle da situação agindo com extrema austeridade, conquistando o apoio de Hayden, por conseguinte, dos seus inseparáveis amigos, incluindo o irmão Alonso e o senhor Gérard que se posicionaram ao seu lado.

- Eu ordeno silêncio! - todos emudeceram defronte o líder - Uma recente pista foi descoberta motivando a súbita mudança de planos, mas isso não influenciará a nossa busca pela Arca da Aliança. Ontem à noite, após adormecerem, o irmão Alonso auxiliou-me na difícil tarefa de decifrar as escritas da caixa, desse modo, Antioquia será a próxima cidade a nos receber.

- Não sabemos nada sobre a Lança proferida, tampouco, da cidade que teremos que nos embrenhar. Eu temo que a insipiência nos represente perigo - disse um dos monges no almejo de elucidar não só a sua dúvida, mas a de muitos outros que desesperadamente se entreolhavam.

- Não colocaria a vida dos meus irmãos em perigo sem antes colocar a minha própria para resguardá-los - asseverou Dariell - O irmão Alonso se pronunciará em atribuição dos seus conhecimentos, tendo trabalhado ao lado do Grão-Mestre Jacques de Molay em experiências que muitos de nós não imaginaríamos.

Dariell estendeu a sua mão, chamando o irmão que se enrubesceu em face do aglomerado de monges ao fitá-lo diretamente nos olhos.

- Eu resumirei o meu conhecimento objetivando que importantes informações não sejam omitidas - ao mentalmente repetir que não

precisaria temer a presença dos seus irmãos, pois todos lutavam pela mesma causa cristã, tranquilizou-se ao estufar o seu peito de ar - Pois bem, meus irmãos! Há tempos atrás me recordo do Grão-Mestre ter realizado uma breve narrativa referente à cidade de Antioquia erguida na margem esquerda do Rio Orontes. Durante as Cruzadas muitas das nossas expedições embrenharam-se pelas Muralhas no

Monte Silpius ao ser fundado um Reino Cristão, agora sob o domínio muçulmano, levando-me a crer que a Lança do Destino esteja escondida em seu interior, teremos que adentrá-la e enfrentarmos o inimigo a fim de resgatá-la, por sorte, eles não suspeitam que estejam de posse dessa relíquia. Quanto a Lança do Destino estranha-me o fato de nunca ouvirem relatos ao se tratar da mesma Lança que perfurou e transpassou o flanco de Cristo no ato da sua crucificação pelo centurião romano Longinus. Esta mesma relíquia foi encontrada na Igreja de São Pedro, na própria Antioquia revelada numa visão em que Pedro Bartolomeu, um monge, avistou a aparição de Santo André ao lhe dar as coordenadas da sua precisa localização na época em que havia participado da Primeira Cruzada, agora, enterrada no local referido por razões que eu desconheça. Como indício de bons presságios, a Lança do Destino conferiu-nos um poder inigualável assegurando as vitórias das Cruzadas.

Em verdade, os romanos pretendiam quebrar as pernas de Cristo num ritual denominado “crurifragium”, com o propósito de acelerar a sua morte na cruz, mas ao desconfiarem que ele já estivesse morto, não o fizeram, perfurando-lhe o flanco como a se garantir do feito. O sangue e a água jorrados da ferida de Cristo teve o testemunho

daqueles que suspeitaram das suas verdades, o primeiro em simbolização da sua humanidade, e o segundo da sua divindade. Relata-se que Pedro Bartolomeu foi instruído pelo santo para falar aos líderes das Cruzadas, no mais ao ofertar Raimundo de Saint-Gilles com a Lança quando a encontrasse, ambos a procuraram no local indicado ao escavarem o assoalho da Igreja em questão, de

posse da recente descoberta, Raimundo rejeitou o “Reino de Jerusalém” cobiçando o poder da Lança, utilizando-a de forma cruel e covarde sobre os inimigos.

Com o passar dos anos, Pedro Bartolomeu obteve outras visões sem notificá-las a ninguém, perdendo o real significado de cada uma, a causa provável seria à fome que assolou a todos durante o extensivo período de batalhas, supondo que se tratasse da punição de Santo André por fazer inexato uso do poder da Lança, talvez esse tenha sido o principal motivo que o induziu a enterrá-la, no anseio de que outras mortes não se assomassem com o pretexto de alcançarem a mesma glória e o poder de uma divindade.

A legitimidade das suas visões foi contestada, mormente, ao afirmar que Cristo teria instruído os membros da Cruzada que marchassem descalços para a cidade de Jerusalém ao ser ignorado.

O irmão Alonso não dispunha de todos os detalhes que complementariam a sua narrativa, presumindo que o transmitido aos monges fosse o suficiente.

Conformados com a nova missão, os monges se preparavam para partir, por sua vez, Hayden e Gérard exprimiram não só a tristeza que a saudade ocasionaria com a partida como a alegria de estarem na

trilha certa para resgatarem a segunda relíquia sagrada.

Dariell simulou o seu aprazimento, incitando os monges guerreiros, porquanto, em seu íntimo carregava uma dor que não desejava dividir, a partida de Hayden o abalava, estando ciente de que o seu maior sonho fosse a sua participação numa expedição comandada não por ele, mas por Deus.

Retomando a posição de líder, selecionou os cinco melhores monges, os mais valentes por assim dizer, para que os acompanhassem ao retorno da nova sede.

- É dada a hora de partirmos! - Hayden conteve as lágrimas ao se despedir - Eu creio que não lhe seja pertinente à designação dos cinco melhores Cavaleiros da Nova Ordem Templária, precisará mais deles nas batalhas que se travarão do que eu e o irmão Gérard, mesmo ao transportarmos o Santo Sudário. Assegure-se de que Deus nos guiará! - Hayden o abraçou numa troca recíproca de carinho. Dariell omitiu o conhecimento de que junto a Deus estariam os espíritos dos Antigos Cavaleiros Templários que não só protegeriam as relíquias sagradas, mas aos homens de fé que fariam o seu translado.

- Adeus! - o senhor Gérard despedia-se aos prantos.

- Por que as lágrimas, meu irmão, se eu lhe conferi uma nobre tarefa em nossa nova sede? - Dariell o abraçou - Cuide do irmão Hayden para mim, aliás, cuidem um do outro! Mande lembranças para Louis, sinto saudades daquele rapazinho.

- Cuidaremos! - afirmou o senhor Gérard ao declarar - Desde a sua tenra idade, Louis almeja se tornar um Cavaleiro Templário,

deduzo que as minhas narrativas o tenham inspirado na defesa da nossa causa.

- Se esta for realmente a sua vontade, o inicie como um Cavaleiro da nossa Ordem ensinando-lhe tudo o que deva saber, principalmente, os fundamentos da nossa doutrina cristã! - Dariell denotou a sua felicidade.

- Iniciá-lo? Não posso! O irmão reiniciou-me há pouco tempo, não sou digno para a realização de tal tarefa? Eu sou apenas um cidadão cristão! - lamentou-se o senhor Gérard.

- Se eu o reinicie foi em nome de Deus para que assim pudesse auxiliar os seus irmãos na missão que lhe fosse outorgada - Dariell segurou os seus ombros com firmeza para que o olhasse fixamente nos olhos sem que os desviasse - Nunca questione a vontade de Nosso Pai, pois nunca saberemos quais serão os seus reais propósitos até que cumpramos a sua determinação. Inicie o seu filho! - lançando o seu olhar sobre Hayden, completou - Por favor, dei-lhe a assistência carecida!

- Certamente que eu lhe darei! - bradou Hayden.

A despedida finalizou-se com a presença dos monges erguendo as suas espadas num grito de bravura.

- Um grandioso ato em prol do nosso irmão Gérard sem julgá-lo mediante os seus feitos passados - irmão Alonso atribuiu leves tapinhas no ombro de Dariell.

- Todos merecem uma segunda chance - asseverou Dariell - O irmão teve a sua ao ser resgatado do seu confinamento, não é mesmo?

- De fato, eu tive! - confirmou ao acenar para os irmãos Hayden e Gérard na incerteza de que voltariam a se encontrar.

O Santo Sudário foi depositado numa carroça construída pelos próprios monges utilizando-se do material cedido pela natureza, como as madeiras e as folhagens com a finalidade de camuflar a relíquia, aos olhos alheios seria uma remessa de lenha ou algo

similar sem despertar a curiosidade.

Dariell não quis fitá-los na ânsia de afastar a tristeza, anunciando a imediata partida para a cidade de Antioquia.

Às pressas, os monges apagaram as fogueiras e as tochas, fechando o buraco de acesso ao interior do Templo de Salomão ao feito de não deixarem pistas.

O caminho a seguir seria tão fatigante quanto havia sido o atual, Dariell sabia que o seu refazimento físico se daria nos campos de batalhas.

Na tentativa de animar os monges, cantarolou ao glorificar a presença de Deus em suas vidas, em contentamento os ouviu repetir os refrões sem que houvesse o desentoar harmônico.

Depois de muitas paradas, chegaram ao destino, Dariell saltou do seu cavalo e por entre os arbustos bisbilhotou a cidade, a uma longa distância, arquitetando a inevitável invasão.

A Muralha havia sido estrategicamente edificada como se houvesse uma rampa de sustentação, fator este que dificultaria o acesso dos cavalos.

- Logo anoitecerá, descansem todos e poupem os animais para que estejamos revigorados no ataque de amanhã - orientou Dariell.

Em companhia de Robert e Klaus, Dariell conseguiu uma melhor visualização da Muralha, averiguando que alguns oficiais a postos faziam a vigília nos portões principais que ficavam às margens do Rio Orontes.

- Será impossível uma invasão sem que nos apercebam - comentou Robert.

- Massacrarão os nossos irmãos num piscar de olhos - acrescentou Klaus.

Dariell riu diante dos comentários os inquirindo.

- Meus irmãos, onde está a fé que os guia?

- Nós possuíamos a fé referida, no entanto, a lucidez nos impede de despertar a fúria dos nossos inimigos - pronunciou-se Robert - Se do lado externo há cerca de quinze homens, imagine quantos não habitem o interior desta mesma Muralha.

Dariell riu uma vez mais irritando Klaus.

- Qual é a graça, meu irmão? Por que zomba de nós?

- Perdoem a minha descortês conduta, testifico que a fé que os cinge precise de alguns reajustes - ao reparar na confusão mental de ambos, os fez testemunhar o que ele chamaria de “Assistência Divina” - Olhem de novo e digam o que veem?

- Nada! - replicou Klaus ao se embasbacar - Espere! Onde estão os oficiais?

- Em oração! - Dariell não citou que além dos oficiais havia contemplado uma infinidade de espíritos, caracterizados com as vestimentas dos Antigos Cavaleiros da Ordem Templária, outorgando-lhes o parecer do qual realmente acreditariam -

Esqueceram-se dos costumes muçulmanos? Fiquem atentos ao pôr do sol e na ausência dos oficiais, será neste horário que invadiremos a Muralha.

- Desculpe-me! Eu não assimilei a relação entre os costumes muçulmanos com a ausência dos oficiais? - interpelou Robert.

- Pelo ínfimo conhecimento que possuo da doutrina muçulmana,

estou ciente de que os devotos realizem com obrigatoriedade as orações em mesmo horário, estimando a sua realização no dia seguinte - explanou Dariell.

- Mesmo ao tê-los na posição de inimigos, eu confesso admirar a demasiada devoção desse povo, contudo, continuo sem assimilar a ausência dos oficiais. Por que fazem a vigília da Muralha durante o dia deixando-a desprotegida durante as orações? - questionou Robert ao duvidar da facilidade oferecida.

- Por conjecturarem que o perigo não os ronde! Eu creio que não desconfiem da existência de uma Lança enterrada em seus domínios - deslindou Dariell.

Com o aval de Dariell, confiantes no triunfo da missão, Robert e Klaus foram de encontro aos monges que descansavam e sem rodeios, transmitiram os novos dados, gerando-lhes assim, uma pacífica noite de sono.

Dariell não pregou os olhos, a sua responsabilidade de líder o inquietava.

- É chegada a hora! - uma voz sussurrou ao seu ouvido.

- Hora de quê? - sem notar a presença de um irmão a lhe falar, foi perspicaz ao dialogar com a voz dos seus pensamentos, como outrora

lhe foi ensinado - O que devo fazer? Oriente-me, por favor!

- Vá até a Muralha e resgate o que nos pertence - determinou o espírito.

- Sozinho! - exclamou sem contestá-lo.

Dariell descia a montanha ao ser tolhido de prosseguir por via de uma nova determinação, desta vez, ao quase ensurdecê-lo.

- Retorne para junto dos seus irmãos e siga o plano anterior.

- Continue Dariell!

- Não me locomoverei até saber o que realmente devo fazer! Divertem-se ao colocar a minha vida em perigo? - Dariell teve a percepção de que dois espíritos lhe falavam em atribuição de ordens diferenciadas - A quem eu devo me reportar, obedecer e confiar?

- A mim!- responderam os espíritos simultaneamente.

- Apareçam para que eu possa tirar as minhas próprias conclusões - afrontou os espíritos visualizando a manifestação de um Cavaleiro com o rosto encoberto por um capuz - A partir desse instante, me reportarei a você, meu irmão! - anunciou ao inclinar-se respeitosamente.

- Não tenho forças para manifestar-me conforme o solicitado, conquanto, siga a voz do seu coração para que a suaalma seja protegida pelo escudo da fé, não tenha como divina revelação tudo o que lhe for apresentado, o mal se esconde em infinitas formas no almejo de enganá-lo - aconselhou o espírito afligindo Dariell.

- Como eu saberei a quem devo confiar? - Dariell agarrou o seu crucifixo em súplicas a Deus para que lhe enviasse um direcionamento.

A luz do luar refletiu sobre o crucifixo irradiando um intenso clarão sobre o espírito manifestado fazendo-o desaparecer em meio a uma névoa acinzentada.

- Como confiarei na assistência espiritual se mais uma vez eu fui colocado à prova! Por que ainda testam a minha fé? - Dariell evidenciou a sua frustração - Eu quase fraquejei ao pôr em risco não

só a missão, mas a vida dos meus irmãos.

- Não se trata de testarmos a sua fé, e sim do mal que o circunda. Espíritos que se recusam a realizar a travessia para o Plano Espiritual ficam presos no Plano Terreno perambulando como moribundos, sem rumo, sugando as energias vitais daqueles que não possuem uma crença em exaltação da presença de Deus em sua breve passagem.

- Há um imenso equívoco! - Dariell rebateu as explicações do espírito em sua própria defesa - Eu exalto a presença de Deus! Eu o glorifico em cada segundo da minha existência! Eu respiro a essência do Meu Senhor!

- Perdoe-me, dei-lhe um parecer impreciso! O espírito em questão não detinha a compreensão do seu feito. De tanto vagar, absorveu a maledicência de homens inescrupulosos que o induziram ao falso conceito de que a busca pelas relíquias sagradas haviam se tornado a sua fonte de inesgotável poder, mesmo ao ter sido um Antigo Cavaleiro da Ordem Templária - o espírito desenredou a outra face da história - Por este motivo, precisamos da sua ajuda! Precisamos que a missão seja concluída a fim de que os espíritos sejam totalmente libertos das últimas amarras que o prendem neste Plano tencionando que nenhum outro irmão se desvirtue do caminho. Eu

sou um deles! Por hoje, o meu tempo se esgotou juntamente com as minhas forças, amanhã eu retornarei para instruí-lo, se acaso for preciso. Adeus, irmão Dariell, que Deus em sua infinda sabedoria e misericórdia o proteja!

- Adeus! Embora eu não saiba o seu nome, darei o meu melhor pela honra dos Antigos Cavaleiros - ao ter o entendimento de que o

seu auxílio encaminharia os espíritos dos seus irmãos ao Plano Espiritual, Dariell jurou para si mesmo que se esforçaria ao máximo. Dispondo de novas informações, regressou para o acampamento improvisado certificando-se de que a sua saída não havia sido notada por nenhum outro irmão, ao vertiginosamente adormecer no aguardo de que o dia seguinte lhe reservasse uma fascinante descoberta e com ela uma gratificante conquista.

Capítulo 4

O dia transcorreu na penosa expectativa do pôr do sol.

Divididos em oito grupos, cada qual avançou na direção da Muralha e como o previsto, os muçulmanos haviam se ausentado.

Dariell desceu a montanha em companhia de Robert, Klaus, Alonso e outros seis monges, apreensivos com o perigo que decerto enfrentariam.

- Não há necessidade de todos avançarem - sugeriu Robert - Se formos pego, alguns dos nossos irmãos terão a chance de se salvar.

Concordando com o amigo, Dariell fez um sinal ao longe que foi astutamente compreendido por um dos grupos na anunciação da nova ordem.

O amplo portão da Muralha se encontrava entreaberto como a recepcioná-los, Dariell o adentrou com a espada em punho surpreendendo-se com o vazio.

- Recuem! Eu creio que seja uma emboscada!

Segundos após a sua hesitação, ouviu-se vozes em oração, dando-lhe a certeza de que os oficiais muçulmanos não haviam notado a presença do grupo.

- Por ali! - Dariell os conduziu a uma extensa escada que os levariam ao topo da Muralha.

- Já esteve aqui? - sem fôlego, irmão Alonso estranhou a sua voz de comando.

- Nunca! - replicou Dariell - Consegue nos acompanhar?

- Consigo! - assegurou energicamente ao indagá-lo - Se nunca colocou os pés nesta Muralha, elucide-me como nos guia com tanta exatidão?

- Eu sigo a voz do meu coração para que a minhaalma seja protegida pelo escudo da fé - Dariell proferiu uma das últimas citações do espírito.

- Sábias palavras! - irmão Alonso não camuflou a sua emoção ao brotarem lágrimas em seus olhos, lágrimas estas que teimavam a cair, no entanto, ao serem controladas - Apressemo-nos antes do término das orações muçulmanas.

Atingindo o topo da Muralha, num ambiente semiaberto, os

monges não viram nada que os levassem a Lança do Destino, os motivando ao desânimo.

- Siga a voz do seu coração! - a voz do espírito ressurgiu repetindo a mesma frase por diversas vezes, cumprindo a promessa do seu retorno.

Dariell transpirava excessivamente com receio de que os oficiais

muçulmanos retomassem os seus postos ao dar por fracassada a missão.

- O que faremos?- questionou um dos monges mirando Dariell.

- Vamos embora ou seremos capturados e executados - vociferou outro monge.

Dariell julgou que a melhor opção fosse cancelar missão, uma ordem que não foi decretada, ao vê-los correr em retirada, decepcionando-o, pois essa não era a reação esperada dos intitulados destemidos monges guerreiros.

Dariell ficou para trás, nem mesmo os seus inseparáveis amigos certificaram-se de que ele havia se juntado ao grupo na fuga, uma forte dor pressionou o seu peito, o fazendo se curvar, caindo de joelhos no chão num pranto compulsivo.

- Senhor Deus! Por que os meus irmãos não possuem a crença que deveria nos guiar? Por que escolheu a mim se não consigo decifrar os seus sinais? Como eu farei para auxiliar os meus irmãos desencarnados a encontrarem o caminho que os conduzirá a rendição das suas almas? Por que eu sou digno da sua compaixão? Creio que eu deva retornar para a nova sede em renúncia da minha liderança.

- Não se culpe pela conduta dos seus irmãos! O medo torna nulo o

raciocínio e o instinto pela sobrevivência prioriza a crença -

ternamente o espírito lhe falava - Que essa seja a última vez que o encontro a questionar a vontade do Pai, o irmão já possui o entendimento do seu papel nos misteriosos planos de Deus, portanto, não formule contextos insensatos.

Encabulado na presença do espírito que não se manifestou,

Dariell levantou-se fortalecido na sua fé, aos ser agraciado por duas bençõe.

A primeira benção havia sido o súbito retorno dos monges que o deixaram para trás, chocando-se com a reação bestificada de cada um ao fitá-lo, sendo este o complemento da segunda benção, uma cintilante e intensa luz surgiu por detrás de si, indicando o local em que a Lança do Destino estaria enterrada.

Robert fechou o portão de acesso quebrando juntamente com os outros monges o piso de concreto com as inexatas ferramentas que encontraram jogadas ao chão, feito este que alertou os muçulmanos.

Dariell não se zangou, posto que não houvesse outro jeito de resgatar a Lança, demorando mais do que o pretendido, retirou pesados blocos de concretos com as mãos ao se abrirem novas feridas, em principal, as que não teriam cicatrizado na missão anterior.

Uma caixa de madeira foi avistada, removida com extrema cautela, sem tempo e condição favorável para verificar o que realmente havia em seu interior, Dariell tomou-a para si.

- Abriremos o portão ao darmos cobertura para que saia daqui com segurança - declarou Robert.

- Ainda não! - clamou Dariell - Irmão Alonso o levará em segurança!

Irrefutavelmente, o irmão Alonso não estava preparado para lutar, o extensivo confinamento havia restringido alguns dos seus movimentos, sem inferiorizá-lo perante os irmãos, Dariell o fez entender que o mais importante da missão era o resguardo da relíquia

e a ele estava sendo entregue.

Ciente de que seria um estorvo devido a sua debilidade física, irmão Alonso acatou a sua determinação, porém, ao se enternecer diante da morte garantida dos seus irmãos cometeu uma temeridade.

Sem que tivessem tempo de impedi-lo, irmão Alonso correu em direção ao paredão da Muralha, na parte baixa do muro, subindo-o desajeitadamente com a caixa de madeira numa das mãos, enquanto a outra foi utilizada para acenar aos grupos de monges no intento de que os socorressem.

Um ato heroico e insano que lhe custou uma flechada certeira no peito.

Irmão Alonso fixou os olhos em Dariell que não havia apercebido a fatalidade ocorrida, num desequilíbrio que o fez cair no chão, arremessando acidentalmente a caixa de madeira para o lado oposto.

- Klaus, pegue a caixa! - gritou Dariell ao correr na direção do irmão Alonso.

- Meu Deus! Onde está ferido? - Dariell não localizou o ferimento, na queda a flecha se partiu deixando uma diminuta ponta em seu peito, banhando a sua vestimenta de sangue - O tirarei daqui o mais rápido possível! O que eu fiz? Eu deveria ter preservado a sua

vida ordenando a sua ida para a nova sede.

- Não se lamente! Eu já estou velho, graças a sua benevolência morrerei com a mesma dignidade de um Cavaleiro Templário em meio a uma batalha por assim dizer. Eu serei eternamente grato por tudo o que fizeste por mim, tirando-me do meu confinamento, sobretudo, honrando-me com a sua presença - engasgando-se com a

própria saliva, completou - Perdoe-me por não desempenhar a função da qual me incumbiu, entretanto, partirei tranquilo assegurando-me de que seja capaz de decifrar os próximos Códigos Templários sem o meu auxílio.

- Não, eu não sou! Fique comigo, por favor! - implorou Dariell.

- Dariell! - berrou Robert constatando a entrada dos muçulmanos.

- Por favor, traga-me a caixa, eu a protegerei com o meu próprio corpo - rogou o irmão Alonso - Esse será o meu último pedido, assim como o último ato de um Cavaleiro da Ordem Templária.

- Klaus, a caixa! - Dariell evidenciou a expressão embasbacada do amigo, sem contestá-lo em virtude do ataque inimigo.

A caixa foi lançada com violência ao quase se espatifar, por sorte, Dariell havia sido ágil ao apanhá-la a poucos centímetros do chão ferindo o seu cotovelo.

- Não temos tempo, o inimigo se aproxima! - irmão Alonso o repreendeu.

Dariell entregou-lhe a caixa se virando de espada em punho ao guerrear com um muçulmano, aos poucos se juntaram os monges que haviam recebido o sinal do irmão Alonso, por cerca de uma hora, escutou-se o tilintar das espadas.

Vidas foram ceifadas, em número inferior, Dariell ordenou a retirada imediata dos monges, os poupando de um infortúnio maior, visto que para a concretização de pósteras missões, estas mesmas vidas fossem primordiais.

Dariell recebeu a cobertura de Robert e Klaus para apanhar a caixa de madeira e socorrer o irmão Alonso.

- Irmão, voltamos para levá-lo conosco! - Dariell o sacudiu sem que um único movimento fosse atestado, retirando por debaixo do seu corpo a caixa.

- Temos que ir! - Robert o puxou pelo braço.

- Não o deixaremos aqui! - Dariell o ignorou, na intenção de carregá-lo sobre os seus ombros a fim de que tivesse um honroso sepultamento.

- Isso é loucura Dariell! - desta vez foi Klaus que o puxou pelo braço.

Dariell ponderou que os corpos de muitos irmãos ao seu comando seriam deixados para trás, e sem nada que pudesse fazer, retirou-se às pressas.

Sem deixar-se abalar, uma lembrança eclodiu em sua mente, a repreensão do espírito em não questionar a vontade do Pai, o fazendo renovar as suas energias, mesmo ao ter o seu coração dilacerado pela recente perda.

- Deus Misericordioso, permita que o irmão Alonso, assim como todos os outros irmãos realizem a transição espiritual, os receba em seus braços e os conforte... - Dariell clamava mentalmente ao Pai ao ser interrompido.

- Os nossos irmãos farão a transição no instante em que a missão for concluída - replicou o espírito - O irmão Alonso morreu deixando em seu último suspiro de vida o direcionamento da próxima missão. Execute-a! Enalteça a honra do seu espírito para que tenha sido válido o seu sacrifício.

- Para onde devo ir? - nenhuma resposta lhe foi atribuída.

Dariell tentava se recordar de cada conversa, de cada detalhe que o conduzisse a próxima missão sem obter êxito.

Ao se distanciarem da Muralha, Dariell recomendou o descanso, por fim, ao conferir o conteúdo existente na caixa.

Todavia, os monges voltaram à atenção ao líder no aguardo de que a relíquia sagrada lhes fosse apresentada, com o coração a palpitar e a respiração ofegante, Dariell retirou o objeto da caixa meticulosamente enrolado num grosso pano de puro algodão ao erguê-la para que todos tivessem o glorioso testemunho.

A Lança do Destino havia sido resgatada e a segunda missão finalizada.

Ao acondicioná-la na caixa para que o translado não a danificasse, selecionou sete monges ao ser criticado por Klaus.

- Desse modo, ficaremos sem guerreiros! Confia neles ao ponto de entregar uma das relíquias mais cobiçadas pelo homem?

- Ficaremos com o suficiente! - assegurou no esboço de um grandioso sorriso - Confio em todos os irmãos que lutam em prol de uma causa justa.

Dariell entregou a caixa a um dos monges designados, acompanhada de uma mensagem que deveria ser entregue ao irmão

Hayden na explanação dos fatídicos acontecimentos.

- Irmão, o sangue na caixa! - o monge esbugalhou os olhos.

- Não tema, o sangue foi do nosso irmão Alonso ao feito de utilizar o seu corpo de escudo no almejo de protegê-la - esclareceu Dariell.

- Não me refiro ao sangue em si, e sim, ao que parece ser escritas

em sangue - retificou a sua alegação anterior.

- Deixe-me ver! - Dariell estremeceu-se ao averiguar que o irmão Alonso teria lhe deixado às instruções da próxima missão, ao revelar

- Chipre!

Ao cautelosamente virar a caixa, encontrou minúsculos dizeres mesclando os Códigos Templários com o idioma aramaico.

- O que eu farei sem você irmão Alonso? - desapontado por não ter traduzido todas as escritas, devolveu-lhe a caixa.

- O irmão disse Chipre, não é mesmo? - inquiriu o monge.

- Correto! - confirmou Dariell.

- Alguns anos atrás, eu me aprofundei nos estudos dos "Discípulos de Cristo", se não me falhe a memória, Chipre é o local de nascimento de Barnabé que alega ser um dos doze Discípulos - relatou o monge surpreendido com o entusiasmo de Dariell ao beijar-lhe a fronte.

- Barnabé! É isso! A próxima relíquia é o Evangelho Apócrifo de Barnabé.

- O que isso quer dizer? Desconfio que um simples Evangelho não possa ser considerado uma relíquia - o monge expressou a sua ingenuidade.

- Eu lamento meu irmão, o meu irrisório conhecimento provém de um irmão encaminhado para a sede da Nova Ordem - Dariell se referiu ao senhor Gérard - Me acompanhe, anunciarei a atual evidência aos nossos irmãos, no íntimo anseio que um deles saiba de algo a esse respeito.

Dariell procurou os monges, alguns repousavam, enquanto outros

ajudavam os selecionados a providenciarem tudo o que fosse necessário para o translado da Lança do Destino.

- Um instante de atenção, por favor, meus irmãos! - todos lançaram os olhares sobre o líder, curiosos para saber o que teria de tão importante a lhes dizer.

- Perdoem-me por interromper o descanso de alguns ao somente comunicar a nossa partida para Chipre ao amanhecer. Algum irmão me concederia assistência no traçado dessa rota? - Dariell avistou um dos monges levantar o braço.

- Eu sei onde fica, irmão! Chipre tem o posicionamento de uma ilha e fica aqui mesmo, neste país. Será um rápido percurso, cômputo que sejam dez dias, talvez mais, devido as nossas contínuas paradas. Deixe comigo, não irão se perder!

- Grato pelas informações e auxílio, meu irmão! - Dariell suspirou em alívio.

- A propósito! O que resgataremos? - questionou Robert.

- Resgataremos o Evangelho Apócrifo de Barnabé. O que sabem a respeito? - um silêncio aterrador preocupou Dariell - Qualquer informe nos será benéfico!

- Eu sei do que se trata o Evangelho! - Klaus pasmou Dariell com

a inesperada revelação ao lhe ser emitido um sinal para que se aproximasse e começasse a sua narrativa diante de todos os monges - Ainda muito jovem, em minha iniciação, recebi muitos ensinamentos que não serão encontrados em livros, ansiando o conhecimento além do que me era permitido, daí a minha fama de ser um curioso nato - neste momento, o clima tenso foi quebrado facilitando a sua

dissertação - O Evangelho Apócrifo de Barnabé precisa ser achado e protegido! Escrito em aramaico, narra à vida de Jesus, apresentando-o como um profeta humano e não como o filho de Deus, ignorando a sua procedência divina sendo ele um mero predecessor de Maomé. Diz-nos também que Jesus ascendeu vivo ao “Reino dos Céus” sem ter sido crucificado e que Judas Iscariotes foi crucificado em seu lugar. Outro absurdo relato é o de Jesus insultando o Apóstolo Paulo de Tarso o chamando de “impostor”. Francamente, meus irmãos, eu acredito piamente no forjamento deste Evangelho disseminando errôneos e inadmissíveis conceitos, fazendo-me consagrar com sublime exaltação as versões dos Discípulos que transcreveram os seus testemunhos numa judiciosa afirmação de que Cristo havia sido o “Filho de Deus” e o “Nosso Salvador”.

Barnabé surgiu após os “Doze Discípulos”, destacando a sua presença entre os “Setenta e Dois Discípulos”.

Diversas hipóteses mostram as suas falsas alegações, contendo passagens em desacordo com a Bíblia, gerando desconfianças quanto à sua própria autoria.

Foi descoberta uma versão, da qual os historiadores revelam ser o autêntico Evangelho, em couro, escrito por um autor islâmico que

viveu nos primórdios do islamismo, no século XII da era cristã, enfatizando que a fé do seu povo era voltada na crença de um Deus Onipotente e Misericordioso não havendo indícios de um homem em martírio interferindo no caminhar da humanidade.

Os muçulmanos tomam como verdade este Evangelho, expondo uma visão islâmica sobre o cristianismo em reforço da sua

superioridade, declarando que Jesus teria predito a vinda de um profeta mais importante do que ele: Maomé.

Irrefragável dizer que esta é uma maneira de propagar a doutrina islâmica pelo Mundo na ilusória pretensão de nos converter.

Muitas controvérsias surgirão com o avançar dos anos, testando a nossa fé em tudo aquilo em que realmente acreditamos.

Petrificados com a narrativa de Klaus, os monges careceram de alguns minutos para que se refizessem do choque emocional.

A relíquia que antes parecia um artefato banal se transformou numa questão de honra possuindo como base todos os ensinamentos cristãos aprendidos.

Dariell tencionou o seu repouso, o stress associado à perda dos muitos irmãos exauriu parcialmente as suas energias, se recostando numa árvore adormeceu ao fechar dos olhos, entretanto, foi desperto pela inquietação do acampamento.

- O que há? Estamos sendo atacados? - indagou aflito.

- Os nossos irmãos não querem esperar, eles almejam o resgate do Evangelho - elucidou Robert.

- Mas agora? Por que não esperam o dia raiar? - sonolento Dariell não se deu conta do óbvio, os monges temiam que o Evangelho

caísse em mãos erradas, no mais, que a fé cristã fosse abalada pelos mais fracos.

- Engraçado! O Vaticano deveria nos dar uma boa recompensa, decerta forma trabalharemos em seu favorecimento ao evitarmos que seja destruída a base da fé católica - resmungou Klaus na lembrança de que eles haviam sido os principais responsáveis pela desventura

dos Cavaleiros Templários.

- Não faremos isso pelo Vaticano, mas pela compaixão de Cristo que sacrificou a sua própria vida por nós, sobretudo, por Deus que nos elegeu a fim de que o representasse detendo em nossas mãos a correlação existente entre o homem e a sua crença. Além disto, não se esqueça de que a base a ser destruída será a nossa! - reparando no enrubescimento de Klaus, Dariell voltou a sua atenção aos demais monges que aguardavam a sua liderança - Irmãos, eu compreendo a ansiedade de todos, no entanto, não é viável partirmos ao deixarmos a mercê do perigo os irmãos que conduzirão para a sede da Nova Ordem a Lança do Destino assim que amanhecer. Não sabemos se os muçulmanos virão atrás de nós. Descansem as poucas horas que nos restam ao fazermos troca de vigília.

Todos acataram a nova determinação do líder, convictos de que ele atribuía prioridade de segurança não só para a Lança do Destino, mas aos monges sob o seu comando.

Capítulo 5

A busca pela terceira relíquia fatigou os monges, desta vez, a fome e a sede dizimaram boa parte do exército, Dariell não esmoreceu a sua fé, mesmo ao se deparar com o padecimento dos seus irmãos sem atinar os verdadeiros desígnios Deus, aprendendo a não julgar e a não exigir respostas.

O que parecia ser uma tarefa fácil transformou-se num dos piores pesadelos, embrenhados na ilha de Chipre, vasculharam toda a sua extensão, sem a nada encontrar.

Por não saberem com exatidão o paradeiro do Evangelho Apócrifo de Barnabé, meses se passaram ao se tornarem anos de angústias.

Dariell estava irreconhecível, dispondo de uma farta barba e cabelos longos ao se esbranquiçarem, a sua excedente magreza preocupava os inseparáveis amigos que se encontravam no mesmo

estado.

Sem que houvesse uma única explicação, os espíritos dos Antigos Cavaleiros se afastaram de Dariell, o seu clamor não foi capaz de atraí-los, o fazendo desistir de tal comunicação, pelo menos, até o momento em questão.

- Dariell, a sua procura nesta ilha será em vão!

Flagrado com a voz que lhe era totalmente desconhecida, Dariell que estava sentado debaixo da sombra fresca de uma árvore se levantou de sobressalto, disfarçando o seu assombro perante os monges que lhe faziam companhia.

- Aonde vai? - perguntou Robert.

- O sol escaldante da ilha o castigará se não munir-se de uma proteção - disse Klaus ao lhe entregar um fino manto para que o colocasse sobre a sua cabeça.

- Obrigado irmão! Necessito esticar as minhas pernas, eu não me distanciarei, dentre alguns instantes retornarei - Dariell notou a expressão apreensiva em seus rostos ao tranquilizá-los - Eu estou bem, não se preocupem!

Caminhando sem rumo, Dariell rogou mentalmente a presença do espírito.

- Há alguém aí? Por favor, fale comigo!

- Estou aqui, meu irmão! - manifestou-se o espírito gerando a súbita palidez de Dariell - Se a minha presença o incomodar, ouvirá somente o som da minha voz.

- Não! Eu apenas me surpreendi! - Dariell respirou profundamente na ânsia de ordenar os seus pensamentos, deixando

transparecer de uma só vez o desespero contido por anos - Por que os espíritos dos Antigos Cavaleiros me abandonaram? Falhei no cumprimento de alguma tarefa? Se eu fiz algo que tenha desabonado a minha conduta, me perdoem, eu imploro!

- Apazigue as suas emoções para que possamos conversar - orientou o espírito ao atentar a sua inquietação - Ao mesmo tempo em que postula a elucidação das suas incertezas, pede-me remissão de algo que assegura ter realizado.

Dariell se pôs a chorar, cansado demais para fingir uma força inexistente, sem nunca perder a esperança de que Deus o teria habilitado para um grande feito.

Em sutil aproximação, o espírito estendeu a sua mão direita sobre a cabeça de Dariell emanando-lhe energias salutares para o íntegro refazimento do seu estado emocional e físico, no intuito de que tivesse forças para prosseguir.

- Não realizaste nada de errado, assim como os seus subordinados recebem as suas ordens, nós recebemos a nossa.

- Quem os ordena se eu não dei por finalizada a missão que me foi incumbida? Por acaso fizeram a transição para o Plano Espiritual? E que ordens foram estas ao desamparar-me no momento em que eu

mais supliquei por auxílio?

Ao término da emanação sem que ele notasse a sua ação caritativa, revelou.

- Não fizemos a transição, ainda que não estejamos diretamente ligados a Deus no Plano Espiritual, sentimos a sua presença dentro de nós, acreditando na sua forma oculta de agir. Melhor do que

ninguém, Ele nos guia com sabedoria!

Sentindo o restabelecimento das suas energias agregada a calmaria provinda do seu coração, Dariell persistiu.

- A sua explanação não foi conclusiva! Quem lhe dá as ordens de comando? E por que foi ordenado que me desamparassem?

- Eu ordenei! - manifestou-se outro espírito de voz firme.

O primeiro espírito havia energizado Dariell na certeza de que as suas emoções oscilariam diante da extraordinária presença, retirando-se sem o pronunciar de uma única palavra.

- Vire-se e contemple-me! - clamou o segundo espírito.

Dariell paralisou-se em reconhecimento da voz sem que conseguisse balbuciar o nome pretendido.

- Sim, Dariell, sou eu! Agora eu detenho o seu entendimento. Perdoe-me por duvidar da sua ligação espiritual com aqueles que partiram. A delongada espera do seu regresso e o avançar da minha idade me arremeteram a este fim. Adquiri o conhecimento de que estamos aqui numa breve passagem, eu diria, numa viagem astral entre os Planos. Arrependo-me por não ter outorgado importância aos seus comentários, particularmente, sobre a presença do seu tio, o Grão-Mestre Jacques de Molay a quem me reportei em minha

partida. É tudo tão confuso, tão novo! Localize o Evangelho Apócrifo de Barnabé e se direcione para a próxima missão.

Infelizmente, muitos dos nossos irmãos desencarnados não suportaram a espera ao serem negativamente influenciados.

Dariell derramava-se em lágrimas, no íntimo não queria admitir o óbvio.

- Vire-se antes da minha partida, eu tenho algo muito importante a lhe dizer.

Dariell o obedeceu, os seus olhos avermelhados não camuflaram a dor sentida, contudo, precipitou-se a falar.

- Eu deveria ter retornado para a nova sede, confesso que a busca desenfreada pelo Evangelho cegou-me por completo - envergonhado, Dariell baixou o olhar - Mesmo em espírito, espero um dia ser perdoado! À distância não o tirou do meu coração, tampouco, dos meus pensamentos. Eu sei que o fim não justificam os meios, fui egoísta... - Dariell presumiu que não fosse merecedor do seu perdão.

- Dariell, como um grande líder agiu de acordo com o esperado, portanto, não se martirize clamando o meu perdão. Em vida eu fui um homem devoto a Deus e não um Santo, eu tive os meus pecados, assim como tens os seus, por isso deu-se o nosso afastamento para que pensasse e agisse por si só. O exército pessoal de Cristo como outrora foi intitulado por Louis carecia passar por vigorosas provas a fim de obter a redenção e o fortalecimento espiritual, alguns partiram mais cedo em decorrência da intervenção divina, enquanto outros, tardiamente - Hayden sentiu o enfraquecimento da sua manifestação, apresentando a sua translucidez - Eu preciso partir! Adeus, irmão!

- Espere! E o meu tio como está? Onde encontro o irmão Gérard e Louis? O que de tão importante tinha a me dizer? - Dariell possuía tantas questões que um dia inteiro não seria o suficiente para explaná-las.

- O seu tio não está bem! - confidenciou Hayden - O aguardo da sua transição espiritual o consome aos poucos, não tendo energia

para se manifestar ou falar, nomeando-me o seu mediador. Lamento ser eu o portador dessa triste notícia - uma pausa foi atribuída como a prepará-lo - O irmão Gérard faleceu, em relação ao tempo, como espírito não saberei precisar a data, quanto a Louis, creio que ele esteja na liderança da nova sede no resguardo das relíquias que estão em poder da Nova Ordem - Dariell sorriu como a credibilizar a sábia decisão, ciente de que o rapazinho de antes havia se tornado um homem - O assunto que desejo abordar refere-se à sua equivocada busca.

- Equivocada? - pasmou-se Dariell - A instrução do meu tio, por conseguinte, a do irmão Alonso foram específicas. Chipre, o local de nascimento de Barnabé!

- As instruções por eles deixadas foram mal interpretadas, Chipre é de fato a posição exata - a voz de Hayden dissipava-se no ar, revelando o que realmente deveria saber ao dar por encerrada a comunicação - Encontrará o Evangelho onde houver cobras e gatos!

- Que desatino! Deverei seguir a trilha de cobras e gatos? É isto que quer me dizer? Hayden! Ainda está aí, meu irmão? - nenhuma resposta foi obtida.

Dariell pensava num modo de transmitir aos seus irmãos a

estranha instrução.

Ao seu retorno, Klaus apreendeu a sua agitação.

- O que aconteceu? Os seus olhos exprimem a sua aflição!

- Eu não poderei esconder por mais tempo! - Dariell receou que os monges o julgassem por sua insanidade temporária.

- O que não poderá esconder? - Robert que apenas cochilava

escutou o que se passava ao seu entorno ao inquiri-lo.

- Anunciarei a todos! - bradou Dariell encaminhando-se aos monges - Atenção! Acordem irmãos, por favor! Se organizem, dentre alguns instantes trilharemos o caminho das cobras e gatos para que o Evangelho seja resgatado.

- Nos conduzirá para a morte! O nosso líder está delirando! - dezenas de vozes não identificadas agrediram verbalmente Dariell que não se deixou abater.

- Aqueles que confiam em minha liderança me sigam! - decretou Dariell ao ser surpreendido com uma pergunta.

- Irmão Dariell, acaso teve uma visão celestial para nos propor tal loucura? Eu estive ao seu lado em muitas batalhas ao me assegurar que não colocaria a nossa vida em perigo, sendo assim, a minha única suposição seria a de uma visão.

- Digamos que sim! - afirmou Dariell sem detalhar a presença dos espíritos - Quem está comigo? - os monges ergueram as suas espadas em lealdade ao líder.

- Exatamente para onde iremos? - sem perder o costume, Klaus denotava a sua curiosidade.

Dariell emudeceu sem possuir as explicações requisitadas ao ser

salvo com o enunciar de Robert.

- Monastério de São Nicolau dos Gatos! - ao reparar no olhar perscrutador de Dariell sobre si, deslindou - Durante a minha infância eu escutava as histórias do meu avô ao crer que tudo se tratasse de uma lenda, que engano o meu!

- Irmão, conte-nos as histórias do seu avô para que tenhamos o

discernimento do risco que enfrentaremos - solicitou um dos monges.

Dariell concedeu-lhe a permissão com o gesticular positivo da sua cabeça ao também se interessar pelo assunto.

- O que eu sei é que o Monastério de São Nicolau foi construído com o apoio financeiro de Santa Helena, mãe do imperador romano Constantino, numa época em que sofriam terrificamente com as secas ao ser invadido por cobras venenosas que se apossaram de uma parte desta ilha. O único recurso para aniquilar o mal que se instalou foi exercido pela intercessão da própria Santa Helena ao enviar do Egito e da Palestina a somatória de mil gatos na intenção de combater os répteis, obtendo sucesso nesta perigosa façanha. Creio que nos tempos atuais, os felinos habitem o Monastério resguardando-o de futuras invasões, além dos monges que os abrigam e os alimentam.

- Teremos os monges como nossos aliados ou inimigos? - questionou Dariell.

- Espero que aliados! - replicou Robert.

Após a narrativa, os monges se apressaram rumo ao Monastério, certos de que a única preocupação fossem as cobras, ao pisarem

firmemente sobre o chão e olharem atentamente em todas as direções.

Em confirmação, ao se embrenharem montados em seus respectivos cavalos na parte obscura da ilha, onde havia um matagal cerrado, as cobras foram vistas em ataque aos intrusos que se defendiam com as suas espadas despedaçando-as.

- Fiquem juntos! - Dariell era orientado por Robert sobre o caminho a seguir.

Ao saírem do matagal, Dariell averiguou que todos estivessem bem antes de darem prosseguimento à missão, sem picadas ou ferimentos.

- Avancemos para a esquerda! - sugeriu Robert ao recuar - Esperem! Ouçam os sinos! O Monastério fica do outro lado!

- Então, sigamos o ressoar dos sinos! - ordenou Dariell.

Ao pouparem os cavalos, os monges desceram das suas selas, alguns minutos de caminhada foram o suficiente para assustar Dariell com algo em suas pernas, de princípio suspeitou que fosse uma cobra sem coragem de mirá-la, conquanto, ao sentir um roçar diferenciado sorriu ao atestar.

- Vejam meus irmãos! É um gato! Chegamos!

Dariell o apanhou em seus braços como se o pequeno animal o recepcionasse em pacífica aceitação do seu afago.

Os monges exprimiram alívio intuindo que seriam protegidos pelos felinos.

Dariell deslumbrou-se com a grandiosidade do Monastério, uma edificação em pedras com diversos pilares que o sustentavam

associada a uma vasta área aberta que abrigava os felinos espalhados por toda a extensão.

Um jovem monge que varria o local avistou-os tremulamente.

- Não lhe faremos mal, tampouco, furtaremos o patrimônio deste Monastério, só um pouco de água e comida para seguirmos com a nossa jornada, por favor, é tudo o que lhe peço! - Dariell se

aproximou do monge.

- Eu acredito nas palavras do senhor! - respondeu-lhe ao apanhar o gato mais arisco do Monastério, tendo em vista que nenhum animal se engana quanto ao verdadeiro caráter de um homem - Por obséquio, aguarde-me aqui! Avisarei aos outros monges que aqui residem da sua presença, assim como ao dos homens que lhe acompanham. Não os deixaremos em desamparo!

Dariell acatou a sua determinação curvando-se respeitosamente como forma de agradecimento, de repente, um sentimento de remorso o dominou em análise de que a sua presença no Monastério simbolizasse o acometimento de um ato ilícito, o furto do Evangelho Apócrifo de Barnabé, restando-lhe saber como vasculharia toda a propriedade sem despertar a atenção dos monges locais.

O jovem monge retornou na companhia de um homem bem mais velho.

- O que os viajantes procuram em meu Monastério?

- Não procuramos por nada! Estamos exaustos, famintos e sedentos, imploro que nos deixe ficar por essa noite, prometendo a nossa partida ao raiar do dia - Dariell supôs que uma única noite bastaria para encontrar o que tanto desejava.

- Fala em nome desses homens, levando-me a crer que seja o líder! - presumiu o monge seriamente.

- Líder! Eu? Imagine, não ambicionaria tal posição! - mentiu descaradamente com receio de colocar a missão em risco.

- Eu sou o Abade Jacob, dirigente deste Monastério, serão bem recebidos em nossas singelas instalações - o Abade exibiu

cordialidade em suas meras palavras requisitando ao jovem monge - Irmão Alexander, os encaminhe para os aposentos destinados aos visitantes no anseio de que façam a higienização dos seus corpos, e logo após, ao refeitório.

- E quanto aos nossos cavalos? Onde os deixaremos? - preocupou-se Klaus.

- Antes de adentrarem, conduzam os cavalos para um espaço restrito e seguro indicado pelo irmão Alexandre, darei ordem expressa para que outros monges se apresentem com a finalidade de alimentá-los - declamou o Abade.

- Grato pela hospitalidade! - Dariell tranquilizou-se, posto que a preservação dos cavalos como meio de transporte lhes fosse de suma importância, porém, dúvidas surgiram ao feito de estranhar a sua falta de curiosidade - Abade Jacob, não vai perguntar o meu nome, ou simplesmente, de onde venho?

- Não será preciso, Dariell de Fontainebleau! - o Abade voltou aos afazeres.

Como o previsto, os cavalos descontrolaram-se na presença dos felinos que petulantemente lhes mostravam as garras, levados às pressas ao espaço citado.

Após as recomendações do Abade, todos se dirigiram para o refeitório ao se enfartarem de comida, exceto Dariell que exibiu os seus bons modos.

- Há quantos dias estão sem provisões? - apiedou-se o Abade.

- Há muito dias! Em nome de todos, eu lhe agradeço por repartirem conosco o pouco que possuem - Dariell reparou nas mãos

sujas de terra do Abade, todavia, achou propício não fazer nenhuma referência a esse respeito.

- O pouco se torna muito aos olhos do Senhor - proferiu o Abade - Eu tenho a impressão de que a sua procedência seja de um nobre Cavaleiro, corrija-me se eu estiver enganado?

Dariell se engasgou com o alimento, dado que mentir de novo para um homem devoto a Deus que sabia o seu nome e a sua procedência seria inadmissível.

- Termine a sua refeição em paz e solicite ao irmão Alexander conduzi-lo em minha presença. A sua espada não me amedronta, irmão Dariell! - disse o Abade ao calmamente se retirar.

- O que ele quer? - indagou Klaus notando o seu constrangimento.

- Eu não sei! - replicou em acréscimo - O Abade sabe o meu nome, me chamou de irmão, assim como pronunciou convictamente a cidade da qual viemos, receio que ele tenha o conhecimento da Nova Ordem.

- Mas como poderia? - pasmou Robert - Iremos com você!

- Não! - replicou com austeridade - O Abade não colocará em risco a vida dos monges que estão sob a sua supervisão. Eu irei sozinho!

Tomada à decisão, Dariell rogou a presença do irmão Alexander que já estava ciente da ordem do Abade ao ser conduzido para uma modesta sala, admirando-se com a organização das prateleiras de livros e a centralização de uma enorme mesa, de um lado estava o Abade ao lhe apontar um assento para que ficassem frente a frente.

- Quem é o senhor e como sabe tanto ao meu respeito? - Dariell

não se utilizou de subterfúgios para saber o que realmente queria.

- Paciência irmão! Tudo será esclarecido! Se a sua estadia neste Monastério não fosse bem-vinda, certamente não estaria aqui - ao astutamente perceber que Dariell havia colocado a sua mão sobre a espada, enunciou - Se tenciona tirar a minha vida, não será merecedor de alcançar a glória da sua missão.

- Perdoe-me! Foram tantas batalhas ao ceifar a vida de pessoas tão queridas que por muitas vezes eu perco a noção dos meus atos sem saber em quem confiar - confessou Dariell sem desviar-se do assunto - Como detém o conhecimento da minha missão? Diga-me quem é o irmão por detrás destas longas vestimentas?

- Vestimentas das quais deveria fazer o bom uso! - a citação estremeceu Dariell - Não tenha medo, estou aqui para ajudar, assim como o Grão-Mestre Jacques de Molay fez ao salvar-me a vida. Ainda jovem, em peregrinação na Terra Santa um ataque inimigo surgiu ao sermos surpreendidos, o seu tio se colocou na minha frente tal qual um escudo protetor e quando em reconhecimento pela boa ação eu quis recompensá-lo com as poucas moedas de ouro que detinha em meu poder, ele se negou a aceitar, levando-me para o interior da Antiga Ordem Templária confiando-me uma única missão

que venturosamente se completa nesse instante - os olhos de Dariell marejaram-se - O Grão-Mestre teve a predição em sonho ao segredar-me que um dia, o seu sobrinho Dariell, líder de uma Nova Ordem viria ao meu encontro para que lhe fosse entregue uma relíquia de valor inestimável.

- Por que o meu tio não me contou que um dia eu me tornaria

líder se estava a par da minha missão? - Dariell procurava por uma explicação sem encontrá-la.

- Seja sincero! Acreditaria nas predições do seu tio se ele contasse a verdade? - o Abade o fitou serenamente.

- Não! - Dariell foi taxativo em sua resposta.

- O entendimento dos seus desígnios chegou ao tempo de Deus conduzindo-o diante de mim. Eu devo isso ao seu tio como gratidão pela vida que hoje desfruto - ao se agachar, o Abade apanhou por debaixo da sua mesa uma caixa de madeira.

A marca registrada do Grão-Mestre Jacques de Molay foi atestada, ao sempre acondicionar as relíquias sagradas em caixas de madeira para que o tempo não às deteriorassem, desenterrada pelo Abade no gramado do próprio Monastério, daí a compreensão das suas mãos estarem sujas de terra.

- O Abade sabe o conteúdo dessa caixa?

- Sim, eu sei! Abra e confira! - o seu semblante retratou a benevolência do seu espírito numa eterna gratidão.

Dariell abriu em contemplação do Evangelho envolto num pano de algodão.

- Eu posso ficar até a minha partida? - inquiriu Dariell.

- Obviamente! Irmão Dariell fique o tempo que desejar neste Monastério, será uma imensurável honra conhecer a sua história de vida, o esperei por tanto tempo sem nunca esmorecer a minha fé de que o seu tio não me desapontaria.

- Agradeço o amistoso acolhimento, ao lamentar-me pela recusa do convite. A sua missão se completou, porquanto, a minha

continuará! - a decepção do Abade foi rapidamente constatada, fazendo-o reconsiderar a proposta - O que serão dois ou três dias para desfrutar de um merecido descanso, afinal, os monges ao meu comando precisam de uma trégua.

Em contentamento, o Abade narrou alguns episódios vivenciados ao lado do Grão-Mestre, facultando-lhe o direito da palavra para que também expusesse as suas realizações, e assim, passaram horas prazerosas ao se esquecerem do tempo.

Capítulo 6

Três dias decorreram, a fim de não abusarem da hospitalidade dos membros do Monastério, os monges guerreiros deram assistência nas tarefas cotidianas.

Dariell relatou aos monges o resgate da relíquia sem que dificultosos esforços fossem exercidos, assim como a relação outrora existente entre o Grão-Mestre e o Abade Jacob, rogando que nada fosse comentado com os monges locais, uma vez que o Evangelho Apócrifo de Barnabé representasse a extinção de um dogma religioso.

Dariell selecionou seis monges para conduzir o Evangelho para a nova sede.

- Após o descanso, presumo que estejam em condições de cumprir a tarefa, no entanto, os advirto que não se reportem ao irmão Hayden, e sim, ao irmão Louis que tomou o seu lugar em minha

ausência - os monges se entreolharam sem a nada entender, acatando a sua determinação.

Ao vê-los partir com o Evangelho em mãos, Robert perguntou.

- Por que a mudança de liderança? O que aconteceu com o irmão Hayden?

- Uma fatalidade! - afirmou Dariell ao alarmá-lo.

- O que houve com o nosso irmão? A nova sede foi invadida? - Klaus que estava próximo dos amigos, entrou em pânico mediante a tal possibilidade.

- A nova sede permanece intacta aos ataques inimigos - assegurou Dariell.

- Então, diga-nos o que há? - pressionou Klaus.

- O irmão Hayden faleceu assim como irmão Gérard - declarou sem encará-los - Suponho que muitos outros irmãos foram acometidos a esse triste fim.

- Como assim? Uma epidemia assolou a França? - desnorteou-se Robert.

- Nada disso! - explicou Dariell - A idade avançada dos nossos irmãos resultou na morte de muitos deles, por meio desses fatídicos acontecimentos, a liderança foi passada para Louis, o membro mais

novo da Nova Ordem. Lembram-se dele? O rapaz tímido, filho do irmão Gérard!

Robert e Klaus se recordaram, concluindo com satisfação que Louis havia se tornado um Cavaleiro Templário como o almejado.

- Eu tenho uma dúvida? - Klaus franziu a testa.

- Diga-me qual é? - desconfiando da questão que seria abordada,

Dariell sentiu um intenso calafrio.

- Notifica-nos convictamente do falecimento dos nossos irmãos sem que haja um meio de acesso com a nova sede, como justifica isso?

A dúvida pressentida por Dariell foi confirmada, protelando por uma resposta, ciente de que a elucidação da verdade não seria aceita de bom grado.

Ao avistar um felino em apuros se atracar com uma cobra, os deixou para trás correndo em socorro do animal.

Por via da partida e das muitas despedidas, essa mesma questão foi esquecida.

- Para onde partiremos? - gritou um dos monges guerreiros.

Dariell deu-se conta de que teria feito uma das maiores besteiras da sua vida, entregando a relíquia sagrada aos monges que haviam partido sem que fizesse uma verificação minuciosa no exterior da caixa, contendo as instruções do seu tio, fato constatado numa rápida olhada sem interpretá-la no ato do recebimento.

- Precisamos alcançar os irmãos que partiram!

- Por que o desespero? - o Abade se aproximou com a sua tênue fala.

- Estou envergonhado! Como eu pude ser tão negligente em minha liderança - desorientado, Dariell andava de um lado para o outro em busca de uma solução.

- Se disser o motivo da sua angústia, talvez eu lhe ajude - aconselhou o Abade - Eleve os pensamentos ao Pai Celestial e a paz do seu espírito voltará a reinar.

Dariell respirou profundamente, assumindo a sua falha na liderança.

- Eu não possuo o direcionamento da próxima missão. Fracassei com os meus irmãos! Fracassei com Deus! A pista da qual necessitávamos estava cravada na caixa de madeira.

- Então é isto! - gargalhou o Abade - Se eu fui o Guardião do Evangelho por todos esses anos a pedido do seu tio, acha mesmo que eu não saberia a instrução da próxima missão, tampouco, não bisbilhotaria o conteúdo da caixa?

Antes de deslindar o objetivo da busca, o Abade solicitou que os monges locais retornassem aos seus afazeres para que o assunto fosse travado apenas com os interessados, não por desconfianças, mas para preservar o “Renascimento dos Cavaleiros da Nova Ordem Templária” que se mantinha no anonimato.

- Vocês devem partir rumo à Inglaterra a fim de resgatar o Santo Graal. Pela fé cristã, a última ceia foi a ocasião em que Cristo se reuniu com os seus discípulos para partilhar do pão e do vinho antes da sua morte. O cálice sagrado contém em seu interior algumas gotas do seu sangue colhido no instante em que recebeu o golpe da misericórdia em seu flanco por meio de uma lança (Lança do

Destino), sendo este um dos motivos principais da sua veneração e cobiça ocasionando infindas mortes pela obtenção do seu poder. O Grão-Mestre deixou na caixa a exata localização do cálice, os arredores da Colina de Tor.

Durante a sua passagem na Cornualha, Jesus recebeu como dádiva um cálice de ouro, sendo este, o presente de um druida

convertido ao cristianismo, após a sua crucificação, José de Arimateia o santificou com o sangue do Salvador, o devolvendo ao seu legítimo dono que se negou a recebê-lo, dirigindo-se para Glastonbury, Inglaterra, e mais tarde, para a da Colina de Tor.

Devido ao crescimento de romances ficcionistas forçando o imaginário popular, iniciou-se uma falsa autenticidade histórica, na afirmação de que o cálice esteve sob a custódia de Maria Madalena em representação da sua Linhagem Sagrada, sendo ela a esposa de Cristo e Santa Sara a filha do casal da Galileia, assim como os discípulos numa viagem rumo às terras francesas, outras narrativas, estimulam os leitores a crerem que Jesus havia gerado mais filhos, e que as tais crianças e os seus descendentes instalaram moradia na região Sul da França.

Em suma, tudo isso é mera especulação para nos fazer esmorecer na fé de que Jesus fosse um mero pecador e que nada realizou para nos libertar, colocando a nossa crença à prova sem evidências materiais a serem contestadas.

Uma tática que incitaria o enfraquecimento espiritual de modo inconsciente ao buscarmos o alívio das nossas aflições em outras doutrinas, visando à conversão ao Evangelho Apócrifo de Barnabé.

Ao dispor dos informes necessários, Dariell partiu com os monges guerreiros.

O trajeto seria ainda mais exaustivo, a fome e a sede os atingiriam, conquanto, a união os fortaleceria.

Todavia, os monges não resistiram ao terem as suas vidas ceifadas e os cavalos sacrificados para o abrandamento das suas dores.

- Devemos desistir! - sugeriu Robert - Restaram apenas cinco de nós!

- Não podemos! - Dariell exibiu a sua debilidade física no bambear das pernas - Estamos tão perto!

- Passaram-se anos ao vasculharmos a Colina de Tor, eu acredito que o Cálice Sagrado da Última Ceia não esteja aqui. Voltemos irmão! - insistiu Robert.

- Meus irmãos, retornem para a nova sede se assim o desejarem - pronunciou-se Dariell em baixa entonação - Eu ficarei até cumprimento da minha missão.

A recusa foi imediata denotando a lealdade dos bravos Cavaleiros Templários.

- Não retornaremos sem você! Fizemos o juramento de nunca abandonar um irmão em batalha, e assim o faremos - Klaus atribuiu o seu parecer.

- Em verdade, eu julgo que a nossa batalha esteja perdida. Eu estou morrendo! Eu sinto o esvair da minha vida! - segredou Dariell.

- Ora! Não diga tolices, Dariell! - Robert não deu créditos aos seus dizeres.

- Olhe para mim! Não consigo caminhar, as minhas costas doem e

os tremores das minhas mãos são frequentes - Dariell sentou-se no gramado que o rodeava ao ser auxiliado por Klaus.

- Encontraremos o cálice, e após o feito, regressaremos para a nova sede. De acordo? - propôs Robert.

- Sim! - Dariell aceitou por consideração aos monges guerreiros que morreram heroicamente e aos que restaram, contudo, constatou o

fracasso da missão, a Arca da Aliança não seria resgatada através das suas mãos.

O avançar dos anos foram cruéis, a saudade da pátria ressurgiu, Dariell temia um novo declínio da Ordem Templária, de súbito, uma recordação afastou todos os pensamentos ruins, e um surpreendente sorriso estampou-lhe a face.

A história narrada por seu tio sobre nove Cavaleiros Templários, dentre eles, o primeiro Grão-Mestre Hugo de Payens que instituiu a renomada “Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão”, ao lutarem sozinhos pela proteção dos peregrinos em Terra Santa, conjecturando que os membros restantes da Nova Ordem fossem o suficiente para não deixá-los cair no esquecimento.

- Não cairão no esquecimento! - confirmou um espírito que há tempos não o procurava, fazendo-o se levantar e se distanciar dos demais - As histórias dos Antigos e dos Novos Cavaleiros Templários serão enaltecidas e relembradas por aqueles que defenderão a tese de que a doutrina cristã foi salva pelas mãos dos monges guerreiros.

- Essa predição me traz certo conforto - Dariell precisava de respostas, e sem hesitar, foi objetivo - Diga-me, por favor, por que tantos monges perderam as suas vidas em minha liderança? Por que

eu fracassei com Deus se nunca permiti a minha desistência? Não tenho mais tempo e nem idade para prosseguir.

- Os monges viveram o tempo que lhes foi determinado, nada do que fizesse mudaria os planos de Deus - o espírito se manifestou e Dariell discerniu que se tratasse de um Antigo Cavaleiro da Ordem Templária sem saber o seu nome ou a sua procedência, assim como

tantos outros que lhe guiaram.

- E quanto ao meu fracasso? Conseguirei o perdão divino? - Dariell teimava por uma resposta, mesmo que não fosse a almejada.

- Ao longo dos anos preocupou-se tanto com o seu fracasso que se esqueceu do que lhe foi confidenciado por um dos nossos irmãos espirituais - o espírito o viu cerrar os olhos no anseio de se recordar de algo que parecia fora do seu alcance.

- Não me lembro! - admitiu Dariell - O irmão poderia repetir o que me foi dito em confidência?

O espírito se aproximou repetindo com exatidão as palavras que previamente lhe foram atribuídas.

- “Se não for possível resgatar todas as relíquias sagradas no tempo da sua breve passagem terrena, Deus designará um novo irmão integralmente devoto e leal aos princípios da fé cristã para dar continuidade a nobre causa, todavia, isso não desmerecerá o seu empenho”.

- O irmão refrescou a minha memória! - garantiu Dariell

- A sua obstinação o cegou para o óbvio! As instruções deixadas pelo Grão-Mestre Jacques de Molay não foram seguidas. Ao alvorecer, encaminhe-se para o alto da Colina de Tor, observe com

cautela aonde refletirá o primeiro raio solar, e assim, encontrará o Santo Graal - deveras, parte da instrução lhe foi apresentada pelo Abade Jacob, sendo da sua responsabilidade decifrar o Código Templário cravado na caixa de madeira antes de ordenar a partida dos monges.

- De posse do Santo Graal, cumprirei a missão? - questionou ao

sentir as fortes batidas do seu coração - Poderei descansar o meu velho e exaurido corpo?

- O tempo e os recursos para o término desta missão lhe serão concedidos, no entanto, faltará uma tarefa a ser concretizada - asseverou o espírito - Retorne para a nova sede, o seu regresso é primordial para o consolo de dois corações!

- Uma tarefa! Qual? Quem eu devo consolar? - indignado pela incumbência de outra tarefa, Dariell visualizou o desaparecimento do espírito, entontecido por via da sua última referência.

- O irmão detém o conhecimento da atual missão e o consolo será a sua última tarefa em gratificação dos préstimos outorgados ao Senhor.

Absorto em pensamentos, Dariell não assimilou parte dos seus dizeres, desta forma, juntou-se aos monges determinando a imediata subida à Colina para que estivessem no local designado ao amanhecer.

- Que desvario é este? Não temos força e disposição para uma subida, já nos é dificultoso demais caminharmos em linha reta - criticou Klaus.

- Uma última subida ao voltarmos para a nova sede - argumentou

Dariell.

- Está certo! - concordou ao resmungar que nada seria encontrado.

Todos o seguiram, mesmo que contrariado, Klaus lhe deu assistência na subida da Colina, cientes de que o despontar do dia logo se daria.

O informe do espírito se confirmou, os monges cavaram o local

indicado ao se pasmarem com a perspicácia de Dariell.

- Como sabia meu irmão? - perguntou um dos monges.

- Depois de anos, finalmente uma intuição! - replicou Dariell ao sorrir.

- Não havia como saber! - Klaus expressou a sua desconfiança.

- Deus está no comando! Cadê a sua fé, irmão Klaus? - disse Dariell.

O Santo Graal foi transferido de lugar, estando acima da Colina de Tor e não abaixo, supondo que o Grão-Mestre havia sido o responsável por sua mudança.

Klaus silenciou-se na certeza de que a sua fé não se igualaria a de Dariell, que no decorrer dos anos se tornou inabalável e incorruptível defronte a tantas perdas.

Robert entregou a caixa de madeira para Dariell que abriu com o seu auxílio, retirando o pano de algodão que o envolvia.

- Ao dizer que todo esse tempo esteve ao nosso alcance sem nunca suspeitamos da sua localização - ofuscado pelo poder obtido em suas mãos, Dariell guardou o Santo Graal após o testemunho dos monges.

- O que faremos agora? - inquiriu um dos monges ao mirá-lo.

- Regressaremos para a nova sede! O nosso lar! - o comunicado ansiado pelos monges provocou inquietação por não saberem o que lhes aguardariam.

Cientes de que haviam perdido uma noite de sono, os monges se muniram de uma força sobrenatural ao descerem a Colina de Tor, carregando Dariell, o líder mais resistente em sua fé, porém, o mais

fragilizado em sua saúde, ainda que fosse Dariell a carregar o fardo pesado de não deixá-los fraquejar em meio ao caminho, no entendimento de que as relíquias sagradas representassem uma parte crucial da sua missão, ainda a se completar.

Parte III

O regresso de um Líder

193

Capítulo 1

Os monges guerreiros realizaram uma árdua jornada ao
finalmente pisarem na França, rumo à Nova Ordem dos Cavaleiros
Templários.

Comovido, Dariell marejou os seus olhos de lágrimas, sentimento
apercebido e partilhado com os irmãos.

O regresso causou alguns transtornos sem mais deterem a
vitalidade de antes, presumindo em algumas ocasiões que não
sobreviveriam.

Ao se embrenharem na floresta que daria acesso à nova sede, uma
extasiante felicidade os envolveu ao desditosamente ser interrompida
por uma emboscada.

Inacreditavelmente, após o seu falecimento, o Rei Carlos IV
instaurou uma lei que se propagaria aos futuros governantes
decretando a captura e a execução do intruso que invadiu o Palácio

de Fontainebleau, assegurando-se de que se tratasse de um membro da Antiga Ordem dos Cavaleiros Templários.

Desde então, os oficiais foram enviados ao circularem por toda a França na procura de um Cavaleiro Templário, infelizmente, os monges em sua chegada se defrontaram com alguns deles.

- Parem! - gritou um dos oficiais de espada em punho - Para onde seguirão? Esta floresta é demasiadamente perigosa.

- Somos velhos viajantes! - Dariell fitou as nuvens escuras sobrecarregando o céu utilizando-se de um subterfúgio favorável - Procuramos abrigo debaixo das árvores para nos resguardar da chuva que logo mais nos castigará.

Os oficias entreolharam-se supondo que os viajantes não passassem de homens infortunados sem lar, sem família, semelhantes aos andarilhos.

- Deixe-os seguir! - ordenou outro oficial - Esses homens mal se sustentam em pé, se não fossem os pobres cavalos servindo-lhes de mulas já estariam mortos.

- Se morrerem perante nós faremos o translado dos seus corpos - caçoou um terceiro oficial irritando Klaus.

Dariell lançou um severo olhar sobre Klaus tencionando a sua

serenidade.

- Saiam daqui! - vociferou o primeiro oficial - O que lhes acontecer de agora em diante não é da nossa alçada.

- Grato! - Dariell fez menção com o braço para que os monges o seguissem ao ser barrado pelo mesmo oficial.

- Um momento! O que esconde por debaixo da capa?

Intuindo que algo estivesse errado, Robert se aproximou do amigo, puxando acidentalmente as rédeas do seu cavalo, motivando a sua agitação.

- Não escondo nada! - mentiu Dariell tendo em sua posse a caixa de madeira que abrigava o Santo Graal - Estamos liberados?

- Prendam esses homens por traição ao Rei Carlos IV! - determinou o oficial apreendendo o nervosismo dos monges.

- Não fizemos nada! - justificou Klaus esquivando-se do oficial.

- Lutem! - Dariell ergueu a espada camuflada por debaixo das suas vestes.

- Afinal, quem são vocês? - pasmou-se o oficial defronte aos homens que os incitavam a lutar.

Dariell conferiu um sorriso malicioso sem delatar a existência da Nova Ordem.

Dez jovens e robustos oficiais contra cinco velhos monges debilitados suscitou um covarde e sangrento duelo.

Caídos ao chão, imersos em sangue, os oficiais fugiram temendo uma punição.

O decreto havia sido específico ao dizer que qualquer suspeito de uma possível Ordem Templária fosse levado à presença do novo rei.

O Santo Graal foi protegido por Dariell deixando-se golpear, resguardando-o com a vida identicamente ao irmão Alonso.

- Dariell! Dariell! - uma voz distante o chamava.

- Eu estou morto? - indagou ao abrir vagarosamente os olhos e se deparar com a hedionda cena dos seus irmãos mortos.

- Há um resquício de vida em sua existência para que seja

cumprida a missão - o espírito manifestou-se pela segunda vez gerando-lhe uma crise de choro.

- Irmão Hayden! O que eu fiz? - Dariell culpou-se pelo sucedido - O oficial notou o volume que eu carregava por debaixo das vestimentas.

- Todos morreram como bravos heróis e assim devem ser lembrados - proferiu o espírito - Um dia os nossos irmãos morreriam!

- Como morreriam? - gravemente ferido, Dariell se levantou.

- O irmão recebeu o informe de que muitos espíritos vagam no Plano Terreno, sendo assim, muitos espíritos vingativos se beneficiam de um irmão não evoluído para satisfação dos seus sórdidos desejos, decerto modo os oficiais foram usados para os seus propósitos.

- Os espíritos dos Antigos Cavaleiros desejaram a nossa aniquilação?

- Não, meu irmão! Eu não negarei a perturbação dos nossos irmãos, contudo, há muito a ser compreendido - o pronunciar do espírito atordoava Dariell.

- O que há para ser compreendido além da vida após a morte? -

trêmulo Dariell apanhou a caixa ao dificultosamente montar em seu cavalo, estranhando o fato do sangue não o ter afugentado.

- Eu não me referi aos espíritos dos nossos antigos irmãos, e sim, aos muitos que perambulam neste Plano em recusa do auxílio divino. O que ocorreu não foi acidental, o mal sempre rondará aqueles que não denotarem compaixão aos seus semelhantes, embora não se deva

atribuir toda a malevolência de um ser aos espíritos, muitos nascem de índole perversa e a agregação vingativa não passa de um complemento - o espírito captou o seu pensamento ao explanar - Os animais são fiéis aos homens, sobretudo, ao facultar-nos assistência no Plano Espiritual quando a sua presença é clamada. Agora vá, meu irmão! Transfira a sua missão ao escolhido para que juntos façamos a transição.

Dariell contemplou os seus irmãos numa última e dolorosa despedida dispondo dos mais nobres sentimentos, em obediência ao espírito, cavalgou rumo à nova sede, a dor sentida o fez curvar o seu corpo sobre o animal, enquanto o sangue das suas feridas jorrava sem parar.

Uma hora de cavalgada o conduziu ao portão da nova sede,

Dariell perdeu o equilíbrio ao descer do cavalo caindo no chão, sem forças para se erguer, rastejou sem largar por um só momento a caixa de madeira.

Em frente ao portão, atribuiu nove consecutivas batidas com a mão, sem êxito, convicto de que não teria forças o suficiente para ser ouvido, esticou o seu braço ao feito de apanhar uma pedra em repetição da mesma sequência de batidas num código somente

compreendido pelos membros da Nova Ordem Templária.

Supondo que ninguém mais o residisse, desesperou-se.

- Mais uma vez desperdicei a vida que me foi dadivada - Dariell referiu-se ao desperdício de tempo entre as buscas das relíquias sagradas - Morrerei sozinho ao lado do meu fracasso! Irmão Hayden, acatei a sua determinação, então diga-me: Como obterei o descanso

do meu espírito se o escolhido não vier até mim?

Dariell notou o embaçar dos seus olhos associado a uma forte tontura que o fez desmaiar, os espíritos dos Cavaleiros da Antiga Ordem Templária emanaram-lhe fluídos salutares para que pudesse receber todos os esclarecimentos antes da sua partida para o Plano Espiritual.

- Acorde! Por favor, fale comigo! - uma voz feminina lhe falava.

Desperto, Dariell visualizou uma velha senhora, a sua cabeça foi depositada sobre as suas pernas servindo-lhe de apoio, segurando afavelmente uma das suas mãos, enquanto a outra afagava os seus cabelos que se tornaram brancos.

- Não chore por mim! - Dariell tocou-lhe a face, enxugando as lágrimas.

A velha senhora sorriu com o carinho demonstrado, ciente de que nada poderia ser feito para salvar-lhe a vida.

- Lembra-se de mim? - inquiriu à senhora

- E como poderia me esquecer de tão belos olhos a me fitar -

Dariell queria se levantar, mas os graves ferimentos o impediram.

De súbito, Dariell apresentou uma sonolência afligindo a velha senhora.

- Fique comigo! Não me deixe de novo!

- Alanis, eu nunca a deixei! Sempre a tive em meu coração ao nutrir do mesmo sentimento de quando nos conhecemos - admitiu Dariell - Perdoe-me por minha covardia! Perdoe-me por não ter lutado pelo nosso amor!

- Você me amou? - aos prantos, Alanis parecia surpresa - Você

partiu sem nada dizer-me, ao descobrir que havia optado pela vida monástica, pensei que nunca...

- Pensou errado! - Dariell exprimiu o arrependimento através da sua fala rouca e pausada - Eu não poderia decepcionar o meu tio, por isso segui os seus passos, mas este não foi o motivo principal, na época em que nos conhecemos eu era um jovem imaturo, nada tinha para te oferecer, apenas o meu amor.

- O seu amor bastava-me! - sem conter a emoção, Alanis conferiu um rápido, porém, terno beijo em seus lábios.

Dariell a fitou com tanta doçura que acabou por constrangê-la.

- Um dia vivenciaremos esse amor com toda a intensidade permitida.

- Acredita nessa possibilidade? - Alanis exibiu a sua incredibilidade.

- Com todas as minhas forças! - Dariell deduziu que o coração a ser consolado fosse de Alanis, ao indagar-se qual seria o outro.

Talvez do escolhido?

Ciente de que o seu tempo se esgotasse, quis saber.

- Quantos homens restaram na nova sede?

- Um! - Alanis não omitiu a verdade.

- Um! Não pode ser! A Nova Ordem era repleta de monges!

O espírito do irmão Hayden encobriu a gravidade da situação anelando o bom desempenho da missão, considerando injusto lhe dar uma desventurosa notícia ao término da sua vida.

Alanis deslindou alguns fatos eclodidos ao terrificamente chocá-lo.

- Durante a sua ausência, a nova sede foi invadida pelos oficiais do Rei Carlos IV, sendo este o verdadeiro motivo da perda do Irmão Hayden, Gérard, Armand e de muitos outros. Um intruso invadiu o calabouço do Palácio de Fontainebleau, incitando a fúria do rei que vasculhou todos os cantos da França a sua procura, se não me engano, tudo se iniciou em virtude de um pedaço de papel que continha instruções em códigos - sem ter a noção de que Dariell havia sido o responsável por deixar cair do seu bolso esse mesmo pedaço de papel, continuou - Eu estava aqui! Irmão Gérard levou-me para um compartimento secreto no subsolo que eu não imaginava existir. Foi horrível! Ouvi gritos agonizantes conjuntamente com súplicas de socorro, ao cessarem, encorajei-me a sair, a cena presenciada não se anulará da minha memória, os monges foram brutalmente assassinados sem uma chance de defesa. Exceto por um membro que resistiu ao massacre. Louis!

- Louis está vivo! - os olhos de Dariell brilharam ao mesmo tempo em que lagrimejaram - Foi tudo por minha culpa!

- Não! O rei é o único culpado por todas as atrocidades cometidas aos monges - Alanis não associou a sua participação no fato sucedido.

- Eu perdi o papel no calabouço! Eu sou o responsável por todas as mortes! - assumiu Dariell.

- Não carregue o fardo de todas as mortes dizimadas pelas mãos inimigas - Alanis não permitiu que ele se apoderasse de uma culpa que não lhe pertencia.

- Então eu me responsabilizarei pela minha imprudência -

persistiu Dariell.

- Pare, por favor! Há tempos o rei procurava por um argumento para perseguir os sobreviventes da Antiga Ordem Templária, espalhando boatos da formação de um legado de monges audazes que tencionavam a queda do país. Segundo Louis, isso era só uma questão de tempo. Os oficiais reviraram toda a sede em busca de ouro, pedras preciosas e relíquias sagradas. Quem mais os teria se não fossem os Cavaleiros Templários? O rei sabia que a procura pelas relíquias não cessaria e a escassez dos recursos financeiros para obtê-las não motivaria a desistência destes mesmos Cavaleiros.

Repentinamente, Dariell foi surpreendido com a chegada de um homem que se ajoelhou ao seu lado, de olhar terno e entristecedor.

- Logo choverá! Se me permitir, eu o carregarei para o interior da nova sede.

- Permissão consentida! - o olhar de gratidão receava pelo tempo restante.

Ao ser encaminhado para um dos aposentos e depositado sobre um leito, uma inebriante sensação de aconchego há tempos não vivenciada o envolveu.

- A minha existência se findará em instantes, encontre Louis e o

traga até mim.

- Sou eu! Louis! Não me reconhece? - anunciou o homem ao surpreendê-lo.

- Oh, Meu Deus! Eu me esqueci de que o passar dos anos o transformaria num belo e robusto homem - feliz com o reencontro, Dariell revelou ao entregar lhe a caixa de madeira que permanecia

sob a sua proteção - Você é o escolhido para completar a missão dos Cavaleiros Templários.

- Eu! - Louis arregalou os olhos em total perplexidade identificando a caixa como sendo mais uma das relíquias sagradas em poder da Nova Ordem.

- Como o último Cavaleiro da Nova Ordem Templária, garanta que a avareza dos homens não exerça influência em nossas conquistas - requisitou Dariell - As outras relíquias estão em segurança?

- Sim, estão acondicionadas e protegidas no subsolo da nova sede como o determinado pelo irmão Hayden, anteriormente ao seu falecimento - disse Louis ao inquiri-lo - O que farei de posse dessas relíquias? Eu não viverei para sempre!

- Ouça a voz do seu coração, ela lhe dirá o direcionamento a seguir. Procure pela Arca da Aliança a fim de que o meu espírito descanse em paz nos braços do Meu Senhor. Essa missão era minha, conquanto, eu não fui capaz de cumpri-la - Dariell não se perdoava, recordando-se das muitas vidas que se ceifaram diante dos seus olhos.

- Prometo não desapontá-lo! - Louis abaixou a cabeça dando-se

conta, de que o seu feito não seria testemunhado por Dariell, se acaso ele o concluísse.

- Se não achá-la, será válida a sua tentativa - Dariell apaziguou os seus nervos como se lesse os seus pensamentos, o confortando através de um forçoso sorriso, pois a dor já lhe era insuportável, por conseguinte, proferiu mentalmente sentindo a dormência dos

membros inferiores - Irmão Hayden, eu estou pronto para partir!

- Não chegou o momento, dois corações precisam ser consolados!

- replicou o espírito de Hayden.

- Ele já sabe? - perguntou Louis ao mirar Alanis.

- Não houve tempo para contar! - respondeu aos prantos e soluços.

- O que eu devo saber? - Dariell receou a inopinada e bombástica revelação - Alanis, eu imploro! Conte-me o real motivo das suas lágrimas!

- Dariell perdoe-me pelo que fiz! - postulou Alanis.

- Como eu a perdoarei se não tenho ideia do que fizeste. Confie em mim! Não tema a minha reação, tampouco, as minhas palavras - instigou Dariell - As suas lágrimas afirmam o seu arrependimento.

- Sim, eu me arrependo do que fiz! Louis já me perdoou! - o enunciado deixou Dariell ainda mais confuso - Éramos tão jovens! Eu tive um filho! O seu filho! Na época em que descobri a minha gravidez, estávamos separados e eu não tinha o conhecimento do seu paradeiro, certa de que a revelação me desonraria perante a minha família, e principalmente, perante a sociedade, entreguei o nosso filho para um simpático casal, o irmão Gérard Van der Gucht e a sua

esposa Adeline que o criaram com muito amor. Asseguro que a dor do abandono tenha corroído cada segundo da minha existência ao ponto de não mais suportá-la, no entanto, Deus denotou a sua compaixão proporcionando o nosso reencontro.

As lágrimas de Dariell brotaram em seus olhos, sem zangar-se, ciente de que uma mulher desonrada jamais receberia a benção de

um porvindouro casamento, humilhada por uma hipócrita sociedade que comete as suas leviandades sem que ninguém os saiba.
Por amor a um único homem, Alanis recusou a união matrimonial com homens respeitáveis que desconheciam a sua verdadeira história de vida.
- Não compreendo! Hayden traiu a minha confiança em nada revelar. Como o entregou justamente para esta família? Irmão Gérard apresentou-me Louis como sendo o seu filho legítimo confidenciando a sua paixão por Adeline, fato este que o levou renunciar a sua posição de Cavaleiro Templário. Ele mentiu para mim! Eu fui duplamente traído!
- Tio Hayden nunca soube da minha gestação - garantiu Alanis - Eu conheci o irmão Gérard por intermédio do meu tio, e assim que eu soube da sua renúncia, o procurei clamando desesperadamente por auxílio. Adeline não podia gerar filhos! Os relatos do irmão Gérard lhe são verdadeiros, ele não possuía o informe da sua ligação com Louis. Permaneci por todos esses anos nesta sede por amor ao nosso filho e na esperança de que um dia retornasse para nós.
- O senhor Gérard nunca omitiu a minha adoção, legitimando-me como filho a fim de evitar pósteros aborrecimentos - interferiu Louis

atribuindo o seu parecer - Ainda muito jovem, quando o irmão Samuel me escoltou para o refúgio desta sede, reencontrei a minha mãe biológica sem saber que ela o seria, ao retorno do irmão Hayden e do meu pai adotivo, tudo foi revelado. Não tinha a compreensão do meu abandono, mas lhe dei a chance de se explicar, esse havia sido o pedido do meu pai adotivo desde a minha tenra idade, e deste modo,

honrei a minha palavra sem me arrepender. Não negarei a minha incomensurável felicidade ao tomar conhecimento de que o meu pai biológico fosse o homem a quem eu tinha me afeiçoado ao primeiro contato, digamos que numa desastrosa tentativa de me animar - ambos riram da recordação - Um renomado líder que lutou até o fim dos seus dias por aquilo em que acreditava, e que agora está aqui, em nossa presença, mesmo ferido a nos ouvir. Eu preciso da sua benção, meu pai!

- Meu filho, eu te abençoou! - sentindo o enfraquecimento da sua respiração, Dariell se apressou - Louis, eu me orgulho do homem que se tornou, e quanto a você, Alanis, não rogue o meu perdão ao ter-me dadivado com a maior benção da minha vida. Obrigado por esta última alegria, meu amor!

Na realidade, três corações foram consolados!

Os espíritos dos irmãos Jacques de Molay, Hayden, Gérard, Alonso, Robert, Klaus e muitos outros monges guerreiros da Antiga e da Nova Ordem Templária se manifestaram no aguardo da transição espiritual que juntos fariam, numa luz radiante ao quase lhe cegar.

- Adeus! - Dariell fechou os olhos, uma nova vida o esperava,

uma vida sem guerras, sem ganância, sem perdas e sem sofrimentos.

Em espírito, Dariell os viu chorar por cima do seu corpo físico, hesitando em acompanhá-los.

O Grão-Mestre Jacques de Molay estendeu a sua mão ao recepcioná-lo.

- Siga conosco! Deus não os deixará em desamparo, a sua

permanência neste Plano os entristecerá ainda mais. Uma nova transição se delongará a chegar, os auxilie como um espírito de luz e não como um espírito corrompido defronte ao caos da humanidade. Por mais veemente que fosse a sua fé, Dariell atinou que o Mundo necessitaria passar por um processo regenerativo, tanto em pensamentos quanto em condutas, à vista disso, o seguiu, temendo se tornar um espírito perturbado.

Capítulo 2

Os dias seguiram envoltos de tristeza, Louis partiu da nova sede no almejo de concluir a missão que lhe foi outorgada, de coração partido por deixar a sua mãe.

Cinco anos após a partida de Dariell e a ausência de Louis, não suportando a solidão, Alanis faleceu entregue a mais profunda tristeza do seu ser.

A busca pela Arca da Aliança perdurou por décadas.

Louis se transformou num líder sagaz e destemido, iniciando novos Cavaleiros da ordem Templária, que se juntaram a ele sem que houvesse a postulação de um único pedido, um auxílio divino, por assim dizer.

Depois da invasão do Rei Nabucodonosor ao Templo de Salomão, a Arca da Aliança desapareceu tornando-se invisível aos olhos dos homens, presumindo-se que esta tenha sido a vontade de Deus.

Alguns estudiosos, historiadores e entidades religiosas afirmam estar de posse do achado, no entanto, não há indícios que comprovem a sua autenticidade.

A Arca da Aliança é definida por uma caixa em madeira de acácia, coberta em ouro, sabe-se que não poderia ser aberta ou tocada, pois quem o fizesse morreria, razão pela qual existem varas para seu translado.

A meticulosa descrição com que foi lançada ao Mundo facilita à compreensão da existência de infindas réplicas nos dando a falsa crença do seu achado.

Por instruções de Deus, no Monte Sinai, Moisés construiu a Arca da Aliança, armazenando em seu interior as duas tábuas da lei, a vara de Aarão e um vaso de maná em representação da Aliança de Deus com o sofrido povo de Israel.

A Arca da Aliança detém o poder de formar tempestades, irradiar o fogo divino, derrubar muralhas, aniquilar exércitos, invocar os anjos e manifestar tanto a voz como a presença de Deus.

O Vaticano possuía a crença de que a Arca da Aliança estivesse sob a custódia da Antiga Ordem Templária, razão de aceitá-los como membros de uma Ordem da Igreja Católica, visto que o Papa os

temesse sendo-lhe vantajoso tê-los como aliados.

No auge dos setenta anos de idade, Louis atinou que a sua busca fosse em vão, cessando-a por via de um sonho, em que Dariell surgiu em prenúncio.

- Meu filho! Deus presencia com assiduidade a fome, a guerra, a ambição e o individualismo dos seus filhos lamuriando-se pelo

destino de cada um. O homem não está preparado para obter a graça de um prodigioso poder em suas mãos, que decerto utilizará em seu próprio benefício, acarretando a destruição e a morte de inocentes.
Num dado momento, Deus enviará um novo Messias e através dele, depositará as suas mãos sobre aqueles que não denotarem compaixão aos seus semelhantes, dizimando uma grande parcela da humanidade restando apenas os filhos de fé em testemunha do renascimento de uma Nova Era Cristã. Considere o cumprimento da sua missão, conscientizando-se de que esteve próximo da sua concretização.
Deus reconhece o seu esforço, assim como eu!
Louis atestou que o tempo de Deus fosse diferente do tempo dos homens e a chegada de um novo Messias se delongaria a chegar, talvez anos, décadas, ou até séculos, porém, a certeza de que ele viria renovava as suas esperanças.
No mais, teve o entendimento de que o homem não estaria preparado para se deparar com o exímio poder das relíquias sagradas, ao dar voz de comando aos novos Cavaleiros que exibiram perplexidade em face da ordem estabelecida sem contestar a sua autoridade de líder, embora o desejo fosse mútuo.
Designando oito Cavaleiros aos pares, não precisamente monges,

os conduziu ao subsolo, onde nenhum outro membro havia pisado, instruindo-os.

- A Nova Ordem se dispersará em pequenos grupos, tolhendo a ganância dos homens sobre os tesouros conquistados - Louis notou o receio de cada Cavaleiro - Serei eternamente grato pela contribuição de cada um, ao sempre prosperarmos!

Os Cavaleiros exprimiram aprazimento, pois haviam contribuído conforme as suas possibilidades financeiras.

- Cada par se encarregará de proteger uma das relíquias sagradas. Encontrem um esconderijo de dificultoso acesso para escondê-las, ao regresso se reportem a mim, no intuito de confidenciar o seu real paradeiro - erguendo a espada, bradou - Cavaleiros Templários, nós somos a representação fidedigna dos “Guardiões do Sagrado Conhecimento”.Eu delego a vocês o triunfo desta missão!

Ao receberem o juramento do sigilo da missão, Louis entregou a cada par uma das relíquias, recordando-se com lágrimas no olhar, o sábio conselho do seu pai, convicto de que havia tomado à decisão acertada: Ouça a voz do seu coração, ela lhe dirá o direcionamento a seguir.

Os Cavaleiros partiram da nova sede rumo ao destino desconhecido.

Louis não resistiu à espera, falecendo de morte natural.

Dariell, Alanis, Gérard e Adeline realizaram a sua imediata transição espiritual, agora ele não mais carregaria o fardo da sua existência terrena, encontrando a paz e o descanso anelado.

Ao retorno da missão, cada par de Cavaleiros num respectivo

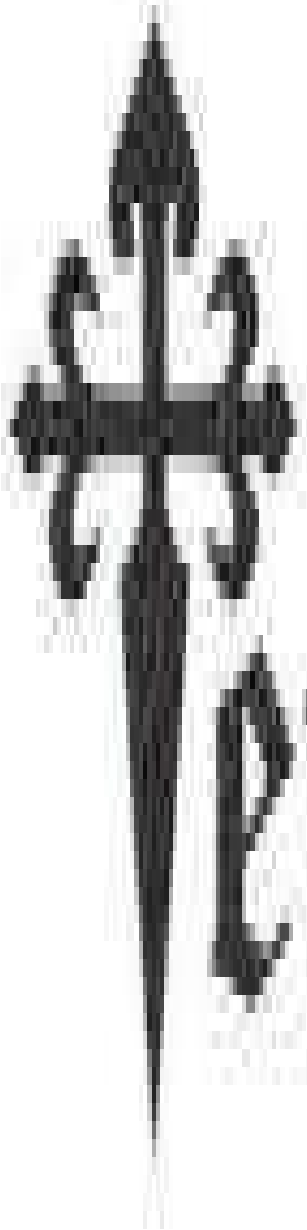
período, obteve o triste informe, a localização das relíquias sagradas foi silenciada, em honra do único líder que haviam servido e conhecido.

O prenúncio das futuras gerações se concretizou, em sua desenfreada busca, o homem explora um passado que deveria ser enaltecido e não cobiçado, dispondo da falsa alegação de que a glória

da vida consiste numa grande descoberta e não em seus feitos para com os seus semelhantes esquecendo-se da mais nobre lição:

“Desta vida levaremos somente o aprendizado auferido e não as riquezas ardilosamente conquistadas”.

213



templários

OS GUARDIÕES DO SAGRADO CONHECIMENTO